



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
CAMPUS DE MARÍLIA

Tarcísio Paciulo Castilho

LIVRO DE LITERATURA INFANTIL PRODUZIDO EM LIBRAS:
A USABILIDADE DO QR CODE COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE À
PRODUÇÃO DE CULTURA LETRADA

Marília
2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
CAMPUS DE MARÍLIA

Tarcísio Paciulo Castilho

LIVRO DE LITERATURA INFANTIL PRODUZIDO EM LIBRAS:
A USABILIDADE DO QR CODE COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE À
PRODUÇÃO DE CULTURA LETRADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Linha de Pesquisa: Educação Especial.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins.

Marília - Unesp

2023

C352l	Castilho, Tarcísio Paciulo LIVRO DE LITERATURA INFANTIL PRODUZIDO EM LIBRAS: A USABILIDADE DO QR CODE COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE À PRODUÇÃO DE CULTURA LETRADA / Tarcísio Paciulo Castilho. -- Marília, 2023 140 p. : il., tabs., fotos Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília Orientadora: Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins 1. Cultura letrada. 2. literatura infantil. 3. código QR. 4. educação bilíngue. 5. libras. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

TARCÍSIO PACIULO CASTILHO

LIVRO DE LITERATURA INFANTIL PRODUZIDO EM LIBRAS:
A USABILIDADE DO QR CODE COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE À
PRODUÇÃO DE CULTURA LETRADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: Dr.^a Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins

Departamento de Educação Especial e Programa de Pós-Graduação em Educação
da Faculdade de Filosofia e Ciências (UNESP/Marília)

2º Examinador: Dr.^a Elisabeth Reis Texeira

Programa de Pós-graduação em Língua e cultura
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

3º Examinador: Dr.^a Nanci Araújo Bento

Programa de Letras/Libras
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

SUPLENTE

Dr.^a Daniele Miki Fujikawa Bózoli
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

Dr. Ricardo Ernani Sander
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Marília, 28 de fevereiro de 2023.

Dedico estas palavras à comunidade surda, que um dia foi composta por crianças e às que ainda virão. Foram pensadas em consideração a vocês.

“DEFINIÇÃO DE SURDO: ouço com meus olhos, falo com minhas mãos. E assim como você é ‘normal’, amo e sinto com o coração”.

Tarcísio Paciulo Castilho

AGRADECIMENTOS

Agradeço hoje, amanhã e sempre, especialmente a Deus que é meu Pai Eterno, todo-poderoso, Criador, Salvador e Santificador, por todas as bênçãos recebidas, concedendo-me saúde, empenho e determinação para chegar até aqui.

Agradeço também o apoio de pessoas mediadoras, pois sem elas eu jamais saberia por onde começar. Assim, expresso minha profunda gratidão à professora Dr.^a Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins, minha orientadora, que aceitou orientar a minha pesquisa, lecionando com especial dedicação e atenção durante meus estudos. Com seus conselhos e sugestões, me senti valorizado pelo trabalho que desenvolvia, me dando sempre motivação para chegar ao resultado. Obrigado.

Aos caros colegas e amigos das rodas de conversa dos grupos de pesquisa do LaLis - Laboratório de Linguagem e Surdez, da UNESP de Marília, e a tradutora intérprete de Libras, Andresa Lins dos Santos Salvador, que acompanhou minhas orientações; ao GEPDI - Grupo de Estudos e Pesquisa em Deficiência e Inclusão, da UNESP de Bauru, Grupo de apoio do NAPI – Núcleo Acessibilidade. A todo Programa de Pós-Graduação da UNESP de Marília, funcionários e principalmente os professores por acreditarem que uma pessoa surda pode estudar nesse campus em igualdade e com inclusão. Gratidão pela valorização e esperança que me fizeram chegar até aqui sem desistir.

Aos honoríficos professores convidados para a minha banca - Prof.^a Dr.^a Elisabeth Reis Texeira (UFBA), Prof.^a Dr.^a Nanci Araújo Bento (UFBA) e aos professores suplentes – Prof.^a Dr.^a Daniele Miki Fujikawa Bózoli (UTFPR) e Prof. Dr. Ricardo Ernani Sander (UTFPR), pela dedicação na observação e compreensão deste trabalho e pelas experiências acadêmicas divididas comigo.

À família da Giovanna Rozendo Rampazzo, sua mãe Diane de Lima Rozendo e seu pai Geovanne Rampazzo, seres humanos singulares, pertencentes à comunidade surda, que permitiram que sua filha compusesse este estudo como sujeito desta pesquisa.

À minha esposa, Bruna Letícia Kamaroski Paciulo, pelo apoio, atenção, paciência, compreensão, por cada momento em que estive distante, concentrado em minha pesquisa. Pela paciência durante o estudo do mestrado. Sei que não foi fácil!

Ao meu filho “CODA” (Child Of Deaf Adult), Benjamin Kamaroski Castilho Paciulo, por me dar tanto amor. Minha vida se tornou mais iluminada desde que você

chegou. Você me inspira, me dá forças para continuar me esforçando a cada dia. Você me ensina o que é o verdadeiro amor.

Aos meus pais, Roberto Castilho e Vera Lucia Paciulo Castilho, por me darem o dom da vida.

Ao meu irmão, Roberto Paciulo Castilho, a minha cunhada Taty T. Horn Paciulo e o meu sobrinho Enzzo T. Castilho Horn Paciulo, que sempre me apoiaram.

Aos meus padrinhos de casamento, Ricardo Sander, Mari Sander e meu grande amigo aventureiro Neemias Santana, pela amizade, incentivo e motivação que sempre me guiaram e incentivaram ao longo de toda a minha vida, insistiu em seus conselhos para que eu tentasse entrar no mestrado. Sem vocês eu nem teria tentado!

À Simone Vecchio, esposa de meu amigo de infância (surdo) Leonardo Dieguez, por despertar em mim o grande fascínio pela usabilidade, durante a pesquisa, e que muito contribuiu.

Gratidão, muito obrigado!

“Para começar, pare de falar e comece a fazer”.

Walt Disney

RESUMO

A produção da cultura letrada em Libras tem se constituída imprescindível ao desenvolvimento da comunidade surda brasileira. Por meio dela, surdos têm se apropriado da cultura e das experiências humanas, produzindo conhecimento nesta língua. Entretanto, nota-se uma escassez de materiais produzidos por pessoas surdas em Língua de sinais, fato que vem dificultando aos surdos se apropriarem do conhecimento produzido em sua própria língua e, assim, acessarem recursos e artefatos culturais produzidos pela comunidade ouvinte, em língua portuguesa. Assim, o objetivo desta pesquisa foi propor e analisar o uso do código QR (*Quick Response*) como tecnologia de acesso à literatura infantil, produzida em Libras e traduzida para o português escrito. Tal proposta se justifica em razão de os Estudos Surdos em Educação valorizarem o cumprimento de políticas de acessibilidade que, em geral, garantem o direito aos artefatos da cultura dominante, considerada neste estudo pela disponibilidade do código QR (*Quick Response*) como ferramenta que poderá democratizar o acesso aos livros de literatura infantil – produzidos português. Trata-se de um Estudo de Caso no qual os dados desta pesquisa foram coletados a partir da realização de encontros de diálogo com uma criança surda, com apoio e utilização da plataforma Zoom e Meet. A participante é filha de pais surdos, de nove anos de idade, que na ocasião da pesquisa frequentava o 4º ano do ensino fundamental, em uma escola bilíngue, localizada na cidade de São Paulo. Os procedimentos de coleta foram efetivados após a aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética - Plataforma Brasil, sob anuência e concordância dos familiares da criança. Os dados foram produzidos por meio da realização de encontros virtuais com o propósito de avaliar a aplicabilidade do QR Code em um livro de literatura e preenchimento de questionário(s) pela criança, para complementar os dados obtidos nos encontros. Os resultados evidenciaram limites e possibilidades de uso de tecnologia do QR Code como uma ferramenta tecnológica importante para a democratização da produção da cultura letrada – em formato bilíngue (libras/português), para alunos em processo de escolarização.

Palavras-chave: Cultura letrada; literatura infantil; código QR; educação bilíngue; libras.

ABSTRACT

The production of literate culture in Libras has provided for the development of the Brazilian deaf community. Through it, deaf people have appropriated culture and human experiences, producing knowledge in this language. However, there is a shortage of materials produced by deaf people in sign language, a fact that has made it difficult for deaf people to appropriate the knowledge produced in their own language and, thus, access resources and cultural artifacts produced by the hearing community, in Portuguese. Thus, the objective of this research was to propose and analyze the use of the QR code (Quick Response) as a technology for accessing children's literature, produced in Libras and translated into written Portuguese. This proposal is justified by the fact that Deaf Studies in Education grant compliance with accessibility policies that, in general, guarantee the right to access the dominant culture, considered in this study due to the availability of the QR code (*Quick Response*), as a tool that can democratize access to children's literature books – produced in Portuguese. It is a Case Study, in which the data of this research were collected from the realization of dialogue meetings with a deaf child, with support and use of the zoom and meet platform. The participant is the nine-year-old daughter of deaf parents, who at the time of the research was attending the 4th year of elementary school, in a bilingual school, located in the city of São Paulo. The collection procedures were carried out after approval of the research project by the Ethics Committee - Platform Brazil, with the consent and agreement of the child's relatives. Data were produced by holding virtual meetings with the purpose of evaluating the applicability of the QR code in a literature book and completing interaction(s) by the child, to complement the data obtained in the meetings. The results showed limits and possibilities of using the QR Code technology, as an important technological tool for the democratization of the production of literate culture – in a bilingual format (Libras/ Portuguese), for students in the schooling process.

Keywords: Literate culture; children's literature; QR code; bilingual education; libras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estudos letramento visual e cultura letrada	18
Figura 2 - Processos de produção da cultura letrada em Libras.....	42
Figura 3 - Encontro 26/02/2022.....	59
Figura 4 - Encontro 28/02/2022.....	60
Figura 5 - Encontro 28/02/2022.....	61
Figura 6 - Encontro 06/03/2022.....	61
Figura 7 - Encontro 16/04/2022.....	62
Figura 8 - Processo de editoração do livro - 01/05/2022	63
Figura 9 - Encontro 01/05/2022.....	63
Figura 10 - Organização dos dados produzidos na pesquisa	67
Figura 11 - Apresentação da participante	72
Figura 12 - Sinalização da participante	74
Figura 13 - Apresentação do código QR.....	76
Figura 14 - Participante explicando o que entendia sobre o QR Code	78
Figura 15 - Participante sinalizando	83
Figura 16 – Pesquisador apontando o SignWriting.....	85
Figura 17 - Participante sinaliza a história sem olhar o português.....	88
Figura 18 - Contação da história e sobre cada personagem	90
Figura 19 - Apresentação do glossário e sinalização visual do personagem	92
Figura 20 - Participante sinaliza a história sem olhar o português.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados da Autora	55
Quadro 2 – Livro.....	55
Quadro 3 - Roteiro dos questionários – pré e pós encontros realizados com a criança	58
Quadro 4 - Síntese dos temas trabalhados nos encontros virtuais com a criança .	64
Quadro 5 - Transcrição do primeiro encontro realizado com a participante	70
Quadro 6 - Transcrição do primeiro encontro realizado com a participante	72
Quadro 7 - Diário de campo do Pesquisador	75
Quadro 8 - Transcrição do primeiro encontro realizado com a participante	75
Quadro 9 - Transcrição do primeiro encontro realizado com a participante	76
Quadro 10 - Transcrição do segundo encontro realizado com a participante.....	78
Quadro 11 - Transcrição do segundo encontro realizado com a participante.....	83
Quadro 12 - Diário de campo do Pesquisador	86
Quadro 13 - Transcrição do terceiro encontro realizado com a participante	86
Quadro 14 - Diário de campo do Pesquisador	88
Quadro 15 - Transcrição do terceiro encontro realizado com a participante	89
Quadro 16 - Transcrição do terceiro encontro realizado com a participante	90
Quadro 17 - Diário de campo do Pesquisador	92
Quadro 18 - Diário de campo do Pesquisador	93
Quadro 19 - Cronograma da pesquisa.....	112

SUMÁRIO

1	DA INFÂNCIA À IDADE ADULTA: MEMÓRIAS DE VIDA	15
2	SITUANDO O PROBLEMA DE PESQUISA	19
2.1	Ser, sentir e existir surdo em mundo majoritariamente ouvinte.....	22
3	POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO PARA SURDOS EM DISTINTOS CONTEXTOS	28
3.1	O que dizem as normas de acessibilidade.....	28
3.2	O papel da ciência da (in)formação em ambientes letrados	30
3.3	Das barreiras de acessibilidade à produção da cultura majoritária em L2	33
4	A COMUNIDADE SURDA: GUARDIÃ DA SUA LÍNGUA, CULTURA E LITERATURA.....	35
4.1	A literatura como gênero discursivo em libras	37
4.2	Aspectos composicionais da literatura infantil em Libras	39
5	AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS AO LETRAMENTO VISUAL.....	45
5.1	O uso do <i>QR code</i> como ferramenta de promoção e acesso à cultura letrada	50
6	METODOLOGIA.....	52
6.1	Critérios da escolha do participante do estudo	53
6.1.1	<i>Um pouco sobre Giovanna e seus familiares</i>	<i>53</i>
6.2	Sobre a coleta	56
6.3	Recursos utilizados na pesquisa	57
6.4	Procedimento de coleta de dados	57
6.5	Procedimentos de tratamento dos dados	65
6.6	Procedimento de análise dos dados	67
7	RESULTADOS	70

8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	98
	APÊNDICES.....	103
	APÊNDICE A - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	104
	APÊNDICE B - PRÉ-QUESTIONÁRIO	105
	APÊNDICE C - PÓS-QUESTIONÁRIO.....	106
	APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA OPINIÃO DO PESQUISADOR SOBRE OS ENCONTROS REALIZADOS	107
	APÊNDICE E - CRONOGRAMA DE PESQUISA.....	112
	ANEXOS.....	113
	ANEXO A - TCLE.....	114
	ANEXO B – PLANO DE ENCONTRO	115
	ANEXO C – LIVRO	122

1 DA INFÂNCIA À IDADE ADULTA: MEMÓRIAS DE VIDA

Início este texto para contar brevemente passagens que marcaram a minha história de vida, envolvendo episódios de formação e atuação profissional que mobilizaram o delineamento do tema dessa pesquisa.

Sou filho de pais ouvintes, tenho um irmão mais velho, ambos nascemos surdos, em razão de fatores genéticos. Minha família, na primeira infância, não recebeu nenhuma orientação sobre a comunicação em Libras, motivo pelos quais as práticas profissionais à época teciam suas condutas numa perspectiva normalizadora da pessoa surda, em favor da oralização e contra a sinalização, muito recorrente, nos anos 90.

Sob a orientação de profissionais da área da fonoaudiologia, meus pais incentivavam a “falar com a boca”, porque era proibido usar as mãos, sendo exigido aprender a língua da comunidade ouvinte - o português.

Por dezessete anos frequentamos terapia de reabilitação fonoaudiológica para falar de maneira aceitável em sociedade. Meus pais, nesta época, seguiram à risca as recomendações profissionais para que aprendêssemos falar, na promessa de alcançar uma vida normal frente às expectativas da sociedade, majoritariamente ouvinte.

Afirmativas desta natureza reascenderam em mim, neste momento de escrita, lembranças da infância marcada por sentimentos e experiências de incompreensão do outro e de mim, em um mundo organicamente ajustado às orelhas dos ouvintes. Memórias de tempos de criança cujas palavras, metaforicamente, integravam uma imensa sopa de letrinhas: se alguém as pronunciava logo, as letras se juntavam em um passe de magia, na cabeça dos ouvintes. Para mim era atribuída a responsabilidade de aprender a juntá-las em uma sequência determinada com êxito, quando nem sempre era possível compreensão do dito, gerando constrangimentos e sentimentos de incompletude, vivendo a sensação de estar tomando continuamente uma sopa fria.

Apreendi, desde a infância, adolescência e quiçá na fase adulto, a conviver sob *bullying*, constrangimento e descrédito, por parte dos que ouvem e que, constantemente, demonstram estranhamento ao meu jeito “peculiar” de falar o português quando troco as letras ao pronunciar algumas palavras mecanicamente.

Passagens do momento inicial de escolarização envolvendo atividades de leitura recomendadas, como situação de fruição aos colegas, causavam profunda angústia e sofrimento. Ao fim de cada leitura sabia que seria exigido a socialização da compreensão do texto lido e que, por falta de acessibilidade, ficava sem participar da atividade, por vez a depender da sorte de alguém que pudesse compartilhar a leitura do livro comigo. Outras situações tenho lembrança de ser encorajado a iniciar a leitura sozinho, logo me deparava com as metáforas e expressões idiomáticas que tornavam impossível continuar a tarefa, em meio aos parágrafos indecifráveis para a “formação do espírito de um leitor surdo” ávido ao mundo das letras, produzidas pela cultura ouvinte.

Anos mais tarde, ainda no primário, lembro de ter participado de uma dinâmica de interpretação de livro em que a professora orientou que ouvíssemos uma música para retratar a sua compreensão a partir da representação do conteúdo da letra, pelo desenho. Ligou o aparelho de som e pediu que todos fechassem seus olhos e imaginassem a canção. Quando todos abriram os olhos para desenhar o que haviam imaginado a partir da música, nesse dia, literalmente, entrei em pânico. Olhando para os lados e vendo meus colegas executando a tarefa, coube a mim a solução de entregar a folha em branco que, ao recebê-la sem pronunciar nenhuma palavra, me atribuiu zero, por descumprir as exigências solicitadas. Diante da incompreensão da professora com as impossibilidades de uma criança surda, com a necessidade de vencer sozinha, de forma propositiva em situações como estas, meu porto seguro foi, consecutivamente, recorrer à minha família para obter os apoios e a autoestima necessária para enfrentar o cotidiano escolar sem desistir dos estudos.

Como adulto, reconheço agora que as situações retratadas constituem quem eu sou hoje, marcadas por episódios de desrespeito aos direitos linguísticos dos surdos, na qual as barreiras comunicacionais são equivocadamente atribuídas como responsabilidade “de corpos surdos”. Apesar das dificuldades mencionadas, pude concluir o ensino médio e ingressar na Faculdade no Curso de Tecnologias.

Na faculdade lembro pela primeira vez ter recebido apoio do intérprete, de maneira oficial, regular e em conformidade ao previsto na Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002). Nesta ocasião, as lembranças eram de que as informações chegavam sem restrições e ruídos na comunicação, num *continuum*, sem interrupções e incompletudes do dito. No âmbito educacional, pela primeira vez também

experimentava a convivência amistosa com os colegas de classe e professores, finalizando o curso de graduação, em igualdade de condições aos demais colegas.

Nesta linha, sigo militando em defesa dos recursos e serviços de acessibilidade nos espaços culturais, sociais e de formação educacional dos surdos. Assim, entusiasmado com a possibilidade de seguir carreira na área de formação inicial, me matriculei em um curso de especialização em Segurança da Informação, concluído com êxito.

Nesta linha, continuo a defender a disponibilização de recursos e serviços de acessibilidade nos espaços culturais, sociais e educacionais destinados aos surdos. Por isso, animado com a possibilidade de seguir carreira na área de formação inicial, matriculei-me em um curso de especialização em Segurança da Informação, o qual concluí com êxito.

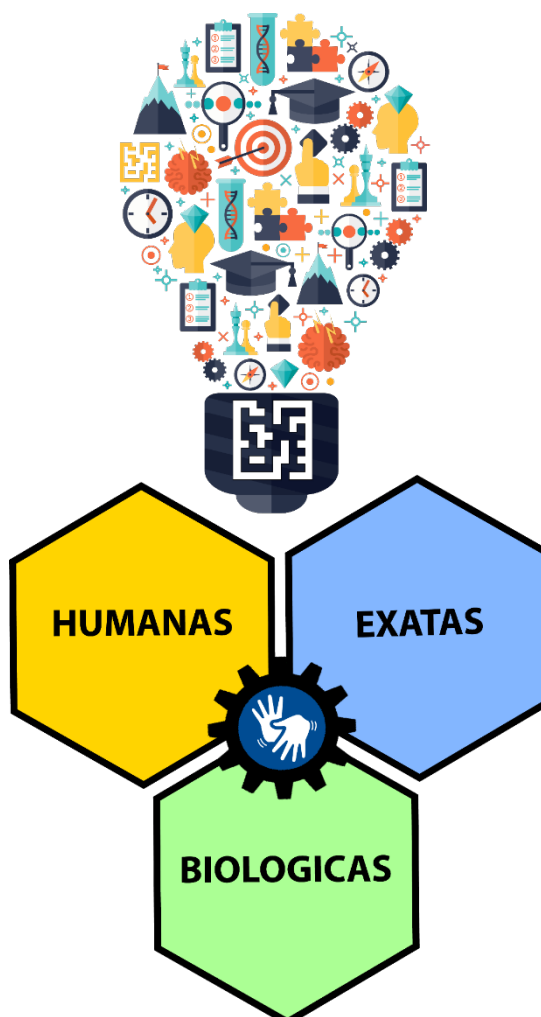
Ao ingressar no mercado profissional na área mencionada, experimentava o gozo de vida adulta autônoma. Porém, com o passar dos anos, fui observando ainda que me era restringido os acessos às informações, no cotidiano da empresa. E, por esse motivo, me inscrevi em um novo curso de formação continuada, contudo, na área de licenciatura em Letras/Libras, com o objetivo de compreender as limitações que permeiam a educação de surdos no Brasil. Esta formação possibilitou compreender o “gargalo”, os obstáculos que paralisam os surdos a continuarem sonhando com uma vida autônoma e uma carreira profissional promissora – ou seja, em outros termos, eliminar as barreiras de acessibilidade impedem os surdos de alcançarem níveis de letramento elevado e de acessar a produção da cultura humana.

Atento à tais ponderações, ingressei no Curso de Mestrado na Universidade Estadual Paulista de Marília, sob a orientação da Prof.^a Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins, com a satisfação de poder aprofundar compreensão sobre o tema de investigação, a partir das contribuições de estudos e pesquisas nas áreas da Tecnologia e Estudos Culturais e Surdos em Educação.

Hoje reconheço que o mundo estará sempre organizado de forma natural aos que ouvem, que, em geral, delegarão aos surdos a sorte de contar com pontes, nomeadas de acessibilidade comunicacional para acessar a cultura ouvinte. A despeito dos direitos linguísticos da pessoa surda, a mudança deste contexto parece um fato por devir para que diferentes serviços, produtos e espaços estejam disponíveis aos surdos de forma acessível. Por fim, considero essas experiências vida, metaforicamente, como se vivêssemos constantemente em um labirinto à

procura de informações para alcançar melhores posições e espaços na sociedade, conforme representado na figura abaixo.

Figura 1 - Estudos letramento visual e cultura letrada



Fonte: o próprio autor

Em geral, a falta conhecimento aos temas e situações mencionadas exigirão um compromisso social pelo respeito ético, político e institucional para que os espaços sejam mais acessíveis a todos, com especial atenção, aos estudos letramento visual e cultura letrada. Aliados às estas ponderações iniciais, dedicaremos discutir e compreender aspectos da produção da literatura infantil a partir dos conhecimentos da Ciências das Tecnologias da Informação e Comunicação e dos Estudos Surdos em Educação.

2 SITUANDO O PROBLEMA DE PESQUISA

Sabe-se que a produção de obras literárias em Língua Brasileira de Sinais – Libras, tem sido uma prática constante em espaços educacionais de crianças surdas. Porém, esta experiência costuma ser trabalhosa e necessita de desenvolvimento de estudos que permitam ampliar as formas de circulação dos textos literários produzidos em libras, principalmente utilizadas pelos surdos em fase inicial de escolarização.

Por outro lado, os estudos de Surdos em Educação retratam a escassez na produção e tradução de livros de literatura infantil em Libras. Em geral, familiares/professores sentem dificuldades para encontrar materiais acessíveis em libras, que permitam traçar estratégias de valorização da cultura letrada neste gênero para as crianças surdas, que por vezes tem seu acesso reduzido àquilo que tem sido produzido na língua da comunidade majoritária, na modalidade escrita.

Compreendemos que as línguas de sinais, assim como as línguas orais, emergiram da necessidade humana de se comunicar, sendo priorizado pelas pessoas surdas como no primeiro caso devido a sua natureza gesto-visual. A Libras possui estrutura própria, inclusive com todos os níveis linguísticos de análise: fonológico, morfológico, sintático, semântico (lexical) e pragmático. Isso demonstra o estatuto linguístico da língua de sinais como línguas naturais, capaz de garantir o desenvolvimento integral da pessoa surda.

Reconhecida nacionalmente como língua das comunidades surdas brasileiras, de acordo com o texto da Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), de 24 de abril de 2002, a Libras representa uma forma completa de comunicação e permite aos surdos expressar ideias, pensamentos, sonhos, arte, histórias e reproduzem discursos, assim como qualquer outra língua (QUADROS, 2003). Por meio da sua utilização que constituem suas subjetividades e/ou singularidades sobre diferentes modos de agir e estar no mundo interagir e produzir conhecimento nessa língua.

Assim, diante do exposto e balizado pelos estudos de Vygotsky (1997 *apud* VECCHIO, 2019), esta pesquisa defenderá a importância da linguagem no desenvolvimento educacional dos surdos. Nesta perspectiva, interagir em Libras, nos espaços educacionais e ou fora deles, significa produzir discursos em diferentes contextos de interação: dizer alguma coisa a alguém, de diferentes formas (expressões faciais, corporais, gestos), em um determinado contexto histórico, movido pelas circunstâncias de interlocução. Destarte, as escolhas na produção do discurso

não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes –, mas são decorrentes das condições em que o discurso é realizado.

Esse modo de compreender a linguagem levará seus aliados a reconhecerem que a transformação da escola e dos espaços públicos não residirá no “[...] quanto os projetos pedagógicos se distanciam do modelo clínico, mas no quanto realmente se aproximam de um olhar antropológico e cultural da surdez” (SKLIAR, 1998, p. 08). Assim, a natureza da surdez passa a ser caracterizada como a essência do trabalho pedagógico em uma perspectiva acessível e, em função disso, compreende-se que os processos de produção da cultura letrada, por meio da literatura infantil, envolvem fatos eminentemente aliados a decisões políticas e ideológicas, concebidas como pilares de sustentação na composição de uma sociedade mais inclusiva a todos.

Levando em conta que a língua se dá nos gêneros, nas interações discursivas que ocorrem entre os interlocutores, nas situações de produção de linguagem, este texto tomará as contribuições de Vygotsky (1997), Voloschinov (1992) e Bakhtin (1929) para compreender e discutir as formas de organização de educação para os surdos. Adotar a concepção ideológica de língua significará reconhecer a importância de contextos educacionais bilíngues, em especial, constituídos pela organização da escola para surdos. A esse respeito, Luria (1986, p. 06) reafirma que [...] “os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem incluem o conjunto de interações entre a criança e o ambiente, podendo os fatores externos afetar esses processos, positiva ou negativamente”. Diante desta afirmativa, torna-se necessário disponibilizar recursos e materiais acessíveis em Libras que permitam aos surdos desenvolvimento pleno como grupos que vivem em zona de fronteira, entre duas ou mais culturas e línguas, produzindo conhecimento e apropriando-se da cultura humana na relação com o outro, a partir de suas experiências, enquanto grupo linguístico minoritário.

Assim sendo, a apropriação do conhecimento produzido na cultura letrada em Libras e/ou traduzida para esta língua, especialmente, no campo da literatura infantil, ainda se constitui um dos maiores desafios dos agentes educacionais e/ou profissionais da área das tecnologias da informação, envolvidos com a temática, na atualidade. A cultura humana tem sido registrada em forma de textos que, por sua vez, também tem sido arquivado em bibliotecas, centros de manutenção de registros, etc., o que é um elemento essencial na constituição dos estados modernos e da ciência, das humanidades e da literatura, porém, poucos surdos os acessam traduzidos para sua língua.

Segundo Leonardo Peluso Crespi (2020), ao revisitar a obra de Olson (1991), destaca a necessidade de democratizar o acesso aos surdos da cultura letrada produzida, na língua majoritária - em português escrito, como parte do patrimônio textual, de forma a constituir os núcleos textuais e de informação considerados os pilares das instituições modernas e da cultura letrada no seu próprio país.

A Lei Brasileira de Inclusão n° 13.146 (BRASIL, 2015), de 6 de julho de 2015, ao tratar da matéria dos direitos a acessibilidade dos surdos, ratifica, por meio da Lei de Acessibilidade n° Lei 10.098/2000 (BRASIL, 2000), dentre outras, que sistemas de radiodifusão devem garantir aos surdos brasileiros o direito de acessarem o conteúdo de sons e imagens disponibilizados em sua programação social. Também referem a importância do acesso à produção cultural do país, por meio da utilização de recursos de subtítulo, por meio de legenda oculta (*closed caption*), janela com intérprete da Libras (legenda de Libras) e audiodescrição, tendo esta última o foco nos sujeitos com deficiência visual, entre outros.

Tais medidas têm sido um desafio para os que atuam nos setores da sociedade, e na educação não é diferente. Desse modo, setores públicos e privados têm o dever de adotar mecanismos de incentivo à produção, edição, difusão, distribuição e comercialização de livros em formatos acessíveis, desse modo, garantindo à pessoa surda o acesso à leitura, informação e comunicação.

Neste cenário, destaca a articulação dos setores privados que, em sua maioria, têm sido responsáveis pela editoração e distribuição de artefatos de literatura infantil na modalidade impressa, em registro vídeo gravado no gênero mencionado. Considerando que o mercado editorial está, na sua maioria, centralizado na esfera privada, esta pesquisa destaca a necessidade do cumprimento das políticas de acessibilidade para crianças surdas em fase de escolarização, por meio do acesso ao gênero linguístico literário. Ainda interessa compreender se o código QR (*Quick Response*) pode se constituir uma ferramenta de acesso de livros de literatura infantil, na atualidade.

Sabe-se que o código QR (*Quick Response*) vem sendo empregado de diferentes formas e não somente nos produtos e/ou artefatos digitais, mas tem sido também utilizado para promover o acesso a livros, menus, placas e etc., permitindo aos seus usuários através da conexão de internet. Assim, a democratização da cultura produzida pela comunidade majoritária passa pelo respeito dos surdos ao acesso a produção da cultura majoritária produzidas socialmente, ampliando as possibilidades

de os surdos não só consumirem cultura, mas também produzir conhecimento na sua língua.

Posto isso, este estudo objetivou propor e analisar o uso do código QR como tecnologia de acesso aos vídeos de literatura infantil produzidos em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e traduzidos para a língua portuguesa.

Espera-se que os resultados incentivem o desenvolvimento de pesquisas na área de Tecnologias de Comunicação e Informação, aplicadas aos estudos de produção do conhecimento, fortalecendo o trabalho de tradução de obras infantis produzidas em língua portuguesa e traduzidas para Libras, viabilizando diferentes oportunidades de as crianças e a comunidade surda acessarem e produzirem conhecimentos nestas línguas – Libras e em Português.

2.1 Ser, sentir e existir surdo em mundo majoritariamente ouvinte

Apoiados nos Estudos Culturais e Surdos em Educação à luz das produções acadêmicas de Skliar (1998 *apud* PERLIN; STROBEL, 2008), como pesquisador subalterno, desenvolverei esta pesquisa balizada na luta dos movimentos surdos contra a ouvintização como um processo de opressão às representações e cerceamento as liberdades formativas das subjetividades surdas.

Ao criticar a visão clínica médica da surdez que consideram os surdos como paciente por terem as “orelhas doentes” e por “não falarem com a boca”, nos afastaremos da perspectiva ouvintista e da adoção de comportamentos, atitudes pseudo ouvintes, para discutir aspectos da cultura humana produzidas pela comunidade surda, com destaque aos protagonismos na formação e desenvolvimento dos surdos, ocupada pela Língua de Sinais.

A esse respeito, Skliar (1998 *apud* PERLIN; STROBEL, 2008) criticará a preocupação dos programas educacionais vinculados aos conhecimentos da área da saúde, oferecendo exercícios terapêuticos de treinamento auditivo e preparação dos órgãos fonadores numa abordagem oralista por parte do plano de estudos do professor, fazendo com que os alunos sejam vistos como pessoas que necessitam de tratamento a qualquer custo, os caracterizando através de graus de surdez e não pela sua identidade surda.

Contrário à visão ouvintista, defenderemos a compreensão do constituir-se surdo, a partir de referências culturais e linguísticas da comunidade surda. Congrega

esta sujeitos surdos e não surdos, ligados comumente a colegas e membros da família, intérpretes, professores, amigos e muitos outros, que participam e compartilham os mesmos interesses em determinado local, como em associações de surdos, federações, igrejas, entre outros.

Ao falar sobre as formas de opressão à comunidade surda, Edgar e Sedgwick (2003) dizem que, em parte, estas formas têm sido atribuídas de estereótipos, a partir de uma visão super simplificada e carregada de valores sobre atitudes, comportamento e expectativas de um grupo ou indivíduo, que podem ser baseadas em culturas sexistas, racistas ou preconceituosas, altamente resistentes às mudanças. Ser surdo, conforme Perlin e Miranda (2003, p. 03), é “olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença”.

Dessa forma o ser surdo significa compreender que a identidade está sendo constituída por surdos na sua relação com seus pares surdos com destaque a uma visão etnocêntrica. A esse respeito, Roche (1984, p. 05 *apud* STROBEL; PERLIN, 2008, p. 09) compreende o etnocentrismo “uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados [...] através dos nossos valores”. Assim, ao referir sobre esse termo, trazem a importância de levar em consideração a “etnocentria ouvintista” na qual os sujeitos ouvintes não aceitam os sujeitos surdos como são, nem suas diferenças culturais, pelo contrário, os moldam a partir do modelo ouvinte, ou seja, fazem com que os mesmos imitem os ouvintes falando e ouvindo.

Ao fazer referência a partir dos constructos conceituais de Hall (1997 *apud* BELO, 2016), utilizando a centralidade do uso das tecnologias para promover a interação entre culturas diferentes, realizando uma troca cultural, permitindo que uma cultura aprenda com a outra, fazendo com que, aos poucos, suas diferenças possam se fundir e formar uma nova cultura, podendo se observar a função e representação da língua de sinais. Ainda na mesma direção, Belo (2016) lembrará que a escassez de conhecimento que visem mudar a visão conceitual sobre o surdo na cultura majoritária, ainda muito balizada pela visão capacitista, como tem sido destacado nos usos ainda dos termos surdo-mudo, surdinho, deficiente, etc., sendo representações que dificultam a implementação de estratégia e políticas mais assertiva sobre o tema.

Por intermédio dos estudos de Strobel (2008), revisitado por Belo (2016), podemos dizer que a concepção de cultura surda se baseia na percepção que o surdo possui do mundo e, por conta disso, faz uso de línguas, ideias, convicções, costumes e hábitos de seus iguais, fazendo com que a construção de uma identidade surda aconteça, e indo de encontro à ideia, o mesmo cita Perlin (2004, p. 77-78), que a descreve como:

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social.

Para Belo (2016), o conceito de identidade surda deve levar consideração à vivência dos sujeitos surdos, uma vez que sua identidade está contida na cultura surda, fazendo com que o sujeito entre em sintonia com seus iguais. Para o autor, a transmissão dessa cultura se dá através do contato entre eles. Ao citar um exemplo dado por Strobel (2008), se o surdo não tiver contato com outro surdo, o mesmo se isola e seu conhecimento adquirido não se torna positivo, já que isolado não consegue ver seu semelhante e nem ter conhecimento de sua própria existência surda, não como alguém que possui uma deficiência, mas sim como alguém que tem uma língua e cultura própria. Este surdo isolado, por muitas vezes, apenas consegue se reconhecer membro ou parte da comunidade surda, considerada situação de “constituição de identidade tardia”, que ocorre através do compartilhamento da cultura produzida por surdos, mais experiente da comunidade, com forte impacto nos modelos de organização nas formas de organização da educação escolar para surdos.

A esse recentemente, foi comum observar o movimento da comunidade surda contrária a Política Nacional de Educação Especial Equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida Decreto 10.502, de 30 de setembro de 2020, conhecida como PNEE (BRASIL, 2020), caracterizada como “Decreto da Exclusão”. Dentre os argumentos contrário foram incisivos em mostrar que o documento desconsiderava aspectos contidos no Decreto Federal 6.949 de 25 de agosto de 2009 (BRASIL, 2009), responsável por orientar a estratégia 4.7 de oferta da educação bilíngue, na Lei Federal 13.005 do Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2014), em

consonância com a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, conhecida como Lei Federal 13.146 de 06 de julho de 2015, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, denominada de “Estatuto da Pessoa com Deficiência” (BRASIL, 2015).

O Decreto Federal 10.502 de 30 de setembro de 2020 (BRASIL, 2020) restringe a noção de escolas bilíngues, ao postular que as escolas especializadas (ou especiais) devem existir com a perspectiva de retorno dos educandos, assim que possível, às escolas regulares inclusivas. Devem ser ambientes sociais e tecnológicos acessíveis, planejados com vistas a favorecer a autossuficiência pessoal, sucesso na aprendizagem e independência social. A PNEE (BRASIL, 2020) foi amplamente rechaçada por ativistas e militantes da área da Educação de surdos e da educação especial em geral, por deixarem de especificarem na Política entre outros aspectos, quais seriam as responsabilidades e compromissos financeiros dos setores não-governamentais e Poder Público atribuídos à educação dos estudantes em situação de deficiência¹ e surdos, deixando uma lacuna para que fosse gerenciada a sua oferta exclusivamente pelos setores de educação privada Brasil.

Diversos sindicatos e associações de surdos, bem como entidades que representam as pessoas em situação da deficiência, se posicionaram contra a política instituída a partir do polêmico decreto, e lutaram pela implementação de políticas que garantissem, de fato, o acesso a uma educação bilíngue para os surdos brasileiros, “e desvinculassem a educação bilíngue de surdos da educação especial.” (FENEIS, 2020, p. 4), culminando sobretudo na aprovação da Lei nº 14.191 de agosto de 2021, que “Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)” (BRASIL, 2021), que institui a modalidade de educação bilíngue para a comunidade surda, no Brasil.

Neste contexto, se faz importante reconhecer e valorizar que a comunidade surda é diversa e que cada indivíduo é único. O fato de “ser surdo” não pode ser considerado como critério para agrupá-los, em uma escola ou comunidade específica.

¹ Termo utilizado pelas por Martins e Louzada (2023) a fim de situar a compreensão da deficiência, com base nos estudos produzidos no campo do conhecimento em ciências humanas, em diálogo das áreas de Educação, de Direitos Humanos, Psicologia Social, Antropologia, Filosofia, entre outras. Ambas nos convidam a nos afastarmos de compreensões da deficiência prezo a modelos de “classificações/denominações universais em torno da normalidade/anormalidade, fundamentadas numa concepção abstrata e a histórica de sujeito, que servem para sustentar conceitos fechados e premissas estruturadas numa lógica determinista” (BERBERIAN; MARTINS, 2015 *apud* MARTINS; LOUZADA, 2023, p. 294).

Há que se destacar neste processo os movimentos de luta e de discussões emergentes (que embora pareçam fragmentados e descentrados), sobre a participação de surdos nos processos decisórios da escola e, qual escola desejam frequentar. Sobretudo, representam rupturas com o campo do conhecimento da educação especial como único caminho para escolarização dos surdos, redefinido os espaços educativos como potência e promoção de cultura e saberes em Língua de Sinais, podem contrapor os saberes oficiais, instituídos e considerados até então, como verdadeiros na sociedade (BELO, 2016).

Nesta perspectiva, defendemos a importância da valorização da produção do conhecimento e da cultura surda contra velhos preconceitos segregacionista, que considera a escola de surdo fora dos fundamentos teóricos e políticos da educação inclusiva. A partir das considerações de Klein (1999 *apud* BELO, 2016) nos últimos tempos a militância surda foi marcada pelo forte movimento em favor da educação bilíngue.

Assim, consideramos a escola bilíngue (Libras/português) o caminho promissor na garantia de direito de acesso ao conhecimento valorizado culturalmente na escola. Compreendemos a escola bilíngue para surdos a expressão máxima da garantia de direitos de os surdos em uma perspectiva inclusiva, ao invés da defesa da oferta do atendimento educacional especializado, na sala de recursos multifuncional, no sistema regular de ensino previsto no Decreto n.º 7.611 de 17 de novembro de 2011, como recomenda a Política Nacional de Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

A defesa da educação bilíngue inclusiva visa romper com o modelo tradicional de educação especial que se baseia em práticas excludentes e segregacionistas. Nesse sentido, é importante promover um ambiente educacional inclusivo que valorize a diversidade humana e respeite as diferenças individuais. Isso envolve reconhecer as múltiplas identidades e experiências dos alunos, bem como suas necessidades específicas de aprendizagem e que respeite suas necessidades linguísticas, culturais e valores estabelecidos pela comunidade surda brasileira.

A educação inclusiva deve ser um esforço coletivo que envolva a participação ativa dos surdos e suas comunidades na tomada de decisões educacionais de acordo com a subjetividade surda. É preciso garantir que os discursos sinalizados pelos surdos sejam vistos e respeitados.

Em resumo, a luta pela educação bilíngue e inclusiva é uma luta por justiça e igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, independentemente de sua

identidade ou deficiência. A diversidade humana deve ser valorizada e celebrada em todos os espaços educacionais.

3 POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO PARA SURDOS EM DISTINTOS CONTEXTOS

3.1 O que dizem as normas de acessibilidade

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), nº 13.146 (BRASIL, 2015), de 06 de julho de 2015, tem por finalidade assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. O documento ratifica que pessoas com deficiência e mobilidade reduzida têm o direito de acessar bens materiais e culturais produzidos em sociedade.

Bem como descrito nos marcos regulatórios sobre o tema, através da Lei nº 10.098 (BRASIL, 2000), Decreto nº 5.296 (BRASIL, 2004) e norma reguladora da ABNT nº 9050 (BRASIL, 2004), a acessibilidade pode ser caracterizada como:

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2015, sem paginação).

Para tanto, esta pesquisa entende que a acessibilidade não deve ser considerada como algo específico apenas para pessoas com deficiência, mas para todos aqueles que demandarem necessidades específicas para acessar o que é comum a todos na sociedade. Entretanto, a acessibilidade não pode ser confundida com o acesso ao desenvolvimento de tecnologias da informação e comunicação que visam facilitar a vida de todos os cidadãos, por exemplo, o uso do controle da TV, de óculos, da campanha das casas, são recursos que podem facilitar a vida dos cidadãos. Desse modo, este estudo destacará a sua “[...] importância de não confundir o que é acessível com o que é confortável; afinal, este segundo conceito se refere ao que é consolável, aquilo que proporciona conforto físico, por exemplo. Logo, são conceitos diferentes [...]” (MACIEL, 2019, p. 40).

Faz-se aqui um importante adendo sobre acessibilidade, pois o que pode ser acessível para determinado sujeito, pode não ser para outros. Afinal, qualquer pessoa surda tem o direito de acessar o conhecimento produzido na língua oficial do país –

em português, mas precisa que as informações estejam na sua língua – a de sinais. Portanto, esta pesquisa destacará a importância de os recursos das tecnologias digitais produzidas e/ou traduzidas em Libras para utilizá-los em igualdades de condições aos demais usuários do capital cultural produzido em sociedade.

Neste contexto, a acessibilidade se constitui com uma prerrogativa de todos no acesso a bens e serviços, que pode se constituir uma opção aos seus usuários, mas não é optativa às empresas, plataformas e aos que oferecem ou vendem informações, estes têm a obrigatoriedade de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) em disponibilizá-la.

Ao discorrerem sobre o tema, Soares, Pereira, Paterno e Vinas (2013) destacarão a importância do atendimento das demandas comunicacionais dos surdos via o cumprimento da lei de acessibilidade aos surdos a partir das recomendações do Decreto nº 5.296 (BRASIL, 2004). Neste sentido, apontam a respeito aspectos do cumprimento das normas que preveem a oferta de serviços de tradutores intérpretes de Língua de Sinais, em todas as esferas institucionais – setores privados e públicos, em consonância com os dispositivos no Decreto nº 5626 (BRASIL, 2005, sem paginação):

Art. 6. O atendimento prioritário compreende tratamento diferenciado e atendimento imediato às pessoas de que trata o art. 5o. §1o O tratamento diferenciado inclui, dentre outros: III - serviços de atendimento para pessoas com deficiência auditiva, prestado por intérpretes ou pessoas capacitadas em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e no trato com aquelas que não se comuniquem em LIBRAS, e para pessoas surdocegas, prestado por guias intérpretes ou pessoas capacitadas neste tipo de atendimento. [...]

Art. 59. O Poder Público apoiará preferencialmente os congressos, seminários, oficinas e demais eventos científico-culturais que ofereçam, mediante solicitação, apoios humanos às pessoas com deficiência auditiva e visual, tais como tradutores e intérpretes de LIBRAS, leitores, guias intérpretes, ou tecnologias de informação e comunicação, tais como a transcrição eletrônica simultânea.

O mesmo documento reafirma o uso e a difusão da Libras para os surdos brasileiros, estabelecendo formas em todos locais que possuem atendimento ao público, também instituindo que as mesmas devem ter cinco por cento (5 %) de seus servidores capacitados para uso da língua de sinais.

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e

interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação.

§ 1º As instituições de que trata o caput devem dispor de, pelo menos, cinco por cento de servidores, funcionários e empregados capacitados para o uso e interpretação da Libras. (BRASIL, 2005, sem paginação).

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que elaborou a NBR nº 15599 (BRASIL, 2004) - Norma Brasileira de Acessibilidade, caberá aos setores públicos e privados garantir a oferta de prestação de serviços nesta área. Esta norma traz condições de extrema importância em relação à acessibilidade em Museus, exposições e espaços culturais, como:

5.4.1 Museus, exposições e espaços culturais.

Os museus, espaços de exposição e espaços culturais devem ter disponíveis e oferecer: [...]

b) atendimento especializado em LIBRAS e por meio de articulador orofacial, devidamente sinalizado e divulgado em todo material promocional. (BRASIL, 2004, p. 09).

No que diz respeito as orientações sobre a acessibilidade comunicacional, sendo realizada de forma adequada nestes espaços, os surdos poderão vivenciar e apreciar as obras e exposições da melhor forma possível. Ainda sobre a acessibilidade comunicacional em museus e exposições, Almeida (2008 *apud* SOARES; PEREIRA; PATERNO; VINAS, 2013) traz considerações que se tornam pertinentes em relação ao direito das pessoas surdas ao acesso a lazer. O lazer é um direito de todos, referido e garantido constitucionalmente:

[...] Rezam os nossos ordenamentos jurídicos que todos os indivíduos têm direito à saúde, educação, esportes, cultura e lazer, sem discriminação de raça ou de qualquer tipo de necessidade especial. No entanto, sabemos que parte dos direitos garantidos legalmente não se efetiva nas práticas sociais. Torna-se, portanto, necessário um atendimento de qualidade para o acesso destes visitantes, limitado não apenas ao campo físico, como também no sentido do acesso à informação e divulgação, para que os surdos sintam-se incluídos e participantes da atividade turística. (ALMEIDA, 2008, p. 13).

3.2 O papel da ciência da (in)formação em ambientes letrados

Sabe-se da dificuldade pela qual o sujeito surdo possui em relação ao acesso à ciência e informação, já que a acessibilidade, apesar de ser garantida, não é aplicada da forma que deveria.

Nos últimos anos, o desenvolvimento da tecnologia e da área científica se tornou presente em diversas esferas da sociedade, incluindo as instituições públicas e privadas que, por sua vez, tem o dever de fomentar a pesquisa e a capacitação que sejam voltadas à melhoria da qualidade de vida e inserção no mercado de trabalho, além da inclusão da pessoa com deficiência às tecnologias da informação, comunicação e sociais.

O uso das tecnologias promove o desenvolvimento intelectual e moral de maneira pedagógica a todos, permitindo participação social e funcional de todos ao acesso à cultura letrada, e para a comunidade surda não é diferente.

Dentre os recursos mencionados, o acesso aos materiais produzidos culturalmente no formato impresso pelo uso da escrita, considerada uma ferramenta de linguagem ao desenvolvimento humano, seu uso permite realizar arquivamentos, já que os mesmos se transformam objetos externos aos oradores e ao momento da enunciação.

Os textos escritos se encontram arquivados em bibliotecas, centros de manutenção de registro, entre outros, sendo, portanto, considerados um elemento essencial para a humanidade, dentre os quais interessa discutir neste estudo o gênero da literatura. Os surdos, por sua vez, não possuem uma escrita em sua língua e por conta disso não contatam com a mesma, mas a escrita em sua segunda língua representa unidades de uma língua na qual não ocorre acesso direto, pois não é possível ouvi-la e, conseqüentemente, não tem o entendimento necessário para progredir na apropriação da L2 – utilizada pela comunidade majoritária no seu país de origem.

Portanto, as gravações em Libras podem assumir as estruturas e funções que muitas vezes são particulares à escrita nos mais variados gêneros linguísticos. Os textos gravados em vídeos de narrativas produzidas em Libras, por exemplo, são diferidos, já que são feitos com o objetivo de serem lidos fora do momento da enunciação, sendo, portanto, resgatados por seus leitores em outros tempos e modos, a partir da visualização dos vídeos, melhor explicitados mais adiante neste estudo, tomando como exemplo as contribuições de registro das tecnologias de gravação.

Ao referir sobre o tema, Pereira, Coneglian, Bortolim e Alcará (2021) recorrem a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes que, desde 1975, alude sobre o “direito inerente de respeito por sua dignidade humana”. No entanto, historicamente, lembram que as barreiras criadas pela sociedade excluíram as pessoas com

deficiência de tal forma que o acesso à informação, arte, literatura lhes foi negado, não podendo sequer conviver socialmente e de maneira digna. Nega-se também o “[...] direito à educação, ao trabalho produtivo, aos serviços públicos, à recreação e a outras atividades humanas” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1981, p. 47).

Para que a sociedade seja mais acessível, justa e igualitária a todos os indivíduos, sem distinção, recorrem ao estudo de Souza *et al.* (2013, p. 08 *apud* CONEGLIAN; BORTOLIM; ALCARÁ, 2021, p. 113) para afirmar que todos os locais, produtos, serviços e informação devem ser acessíveis a todos, “[...] independentemente de capacidades físicas, perceptivas, motoras, culturais e sociais [...]”. No que diz respeito ao uso do QR *code*, o papel de ferramenta para o acesso à informação, principalmente de pessoas surdas, e o quanto o seu uso ainda não tem sido considerado, principalmente em bibliotecas públicas, mesmo que o acesso à informação seja um direito de todos, “[...] deve ser uma meta a ser perseguida, desatendendo, portanto, as políticas públicas (leis, decretos e normas que embasam tais políticas públicas), como também e principalmente por respeitar a dignidade humana das pessoas com deficiência [...]” (CONEGLIAN; BORTOLIM; ALCARÁ, 2021, p. 114).

Dessa forma, para que os sujeitos surdos tenham acesso à cultura letrada, é necessário que o QR *code* seja implementado, não só em bibliotecas públicas, mas que seja considerado pelas políticas institucionais administrativas das impressas de editoração, no Brasil no campo empresarial. Os autores ressaltam que apesar de serem os surdos usuários em potencial para o uso desta ferramenta, a dificuldade de comunicação não os impede de utilizar esse espaço para concretizarem reivindicações e implementação destas políticas. Os surdos, quando inseridos na sociedade, não tem acesso às informações, visto que a barreira comunicacional causa prejuízos para a compreensão das características que as áreas apresentam, dificultando a compreensão. Mas quando as informações são acessíveis através da língua de sinais, o surdo passa a compreender e adquirir autonomia para fazer suas próprias escolhas, através da Libras as informações passam a ser claras. Neste sentido, este estudo defenderá a importância de escolha de que modo os surdos poderão acessar os conhecimentos produzidos e compartilhados nestes espaços e as diferentes condições e ferramentas devem estar acessíveis a todos.

O desenvolvimento da tecnologia e da área científica em instituições públicas e privadas devem fomentar a pesquisa e a capacitação voltadas à melhoria da

qualidade de vida dos surdos, além da inclusão da pessoa com deficiência às tecnologias da informação e comunicação e às tecnologias sociais em diferentes áreas, conforme podemos notar.

3.3 Das barreiras de acessibilidade à produção da cultura majoritária em L2

Dentre as ações mencionadas na Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), indica-se que as empresas devem disponibilizar tecnologias de banda larga para fomentar a acessibilidade.

Por sua vez, as operadoras devem incentivar políticas de uso interno e externo que garantam o uso de tecnologia assistiva, com recursos de vibração, luz para percepção visual que possam garantir a acessibilidade do sujeito surdo.

Ainda falando de acesso à informação, nos aparelhos de TV, por exemplo, sabe-se que estes oferecem o recurso do *close caption*, porém, não é toda pessoa surda que consegue realizar a leitura em língua portuguesa, sua segunda língua, com fluência. Dessa forma, o sistema PIP, que é um modo de assistir ou acessar dois programas simultaneamente, se torna um bom recurso, oferecendo a possibilidade de dar zoom na janela do intérprete de Libras para uma melhor visualização, já que os canais que oferecem o recurso de intérprete em sua programação não respeitam à legislação quanto ao tamanho da janela oferecida.

Contudo, com a escassez de materiais acessíveis em sua própria língua de sinais, a comunidade surda enfrenta dificuldades e, portanto, tem seu acesso restrito como possibilidade de se desenvolverem e/ou se apropriarem do conhecimento produzido pela cultura letrada nas sociedades, em que o português é majoritariamente utilizado, prejudicando ao material produzido nesta língua, enfrentando restrições e vivenciando contextos desiguais aos sujeitos que ouvem e falam o português.

A partir do conhecimento que se tem sobre as dificuldades nesta área, diferentes estudos (FERNANDES, 2022; PELUSO, 2020) apontam para importância de considerarmos os direitos dos surdos se constituírem bilíngues, em uma sociedade que por natureza é plurilíngue e multicultural.

Posto isso, acredita-se que é nos processos de interação entre indivíduos de diferentes culturas e de diferentes línguas, na qual o respeito mútuo sem julgamento, formam uma parte importante dentro da educação, na qual o contato com outras culturas não exclui minorias, mas devem considerar a todos, como sujeitos de direitos

a viver uma vida plena socialmente, e não apenas a quem tem que se enquadrar à tal situação impostas pelas comunidades linguísticas e culturais majoritárias.

No entanto, o tópico a seguir visa destacar a importância das tecnologias para participação da comunidade surda a cultura letrada, destacando a importância da literatura infantil no desenvolvimento educacional dos surdos.

4 A COMUNIDADE SURDA: GUARDIÃ DA SUA LÍNGUA, CULTURA E LITERATURA

Em função do oralismo, até 1980, a educação dos surdos se baseava apenas a língua oral-auditiva, não havendo espaço para produções artísticas e literárias em língua de sinais, Bernardino (2000, p. 2 *apud* BÓZOLI, 2021, p. 43) demonstra como a literatura surda passou a desempenhar que “[...] a cultura surda está diretamente relacionada ao uso da língua de sinais”, também não foi possível “[...] afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas” (KARNOPP, 2006, p. 100).

Após o reconhecimento da Libras, a cultura da comunidade surda passou a ser valorizada. Bózoli (2021) traz esta afirmação tendo em vista o período conturbado pelo qual o povo surdo passou, onde eram proibidos de falar a línguas de sinais, além de que seus encontros eram impedidos de acontecer, fazendo com que fossem censurados de praticar sua cultura, sendo a mesma uma condição indispensável para a história de um povo. Por conta disso suas histórias, lendas e costumes se tornaram transmissões fragmentadas.

Ao tratar sobre a literatura surda, Bózoli (2021, p. 43) cita Karnopp (2008, p. 2):

A literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. O registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais.

Em relação à cultura surda, Bózoli (2021) demonstra como a maior parte das produções literárias habitam espaços onde há mais surdos, como encontros em escolas ou associações e redes sociais, tendo a difusão de histórias, lendas, contos, poesias, fábulas, caricaturas, piadas, que são identificadas como representações da cultura surda, utilizando a Libras e tornando a produção original, diferente de quando ocorre a tradução para a escrita.

Morgado (2011, p. 21 *apud* BÓZOLI, 2021, p. 44) fala sobre como obras da literatura ouvinte são adaptadas para Libras nos dias atuais, desta forma defende que:

[...] aquelas que são contadas em língua de sinais, sejam fruto de tradução ou não, podendo ter um tema relacionado com surdos ou não. Ela não precisa ser contada exclusivamente em língua de sinais, ou seja, ela também pode ser escrita, porém, o tema deve ser relacionado aos surdos.

A comunidade surda pertence a um grupo linguisticamente minoritário, que está inserida em uma sociedade que utiliza a linguagem oral. Bózoli (2021, p. 44) descreve este fenômeno como um hibridismo cultural e cita Burke (2003, p. 53) no sentido de que “todas as culturas estão envolvidas entre si” e “nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas”.

Bózoli (2021, p. 44) ao trazer Quadros e Sutton-Spence (2006 *apud* KARNOPP, 2008, p. 5) diz que:

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país.

Bózoli (2021) traz em seu texto quadros montados por Mourão (2011), que classificam na literatura surda as produções literárias em tradução, adaptação e criação. A tradução nada mais é que clássicos da literatura traduzidos para a Libras, contribuindo para seu conhecimento e divulgação de acervos de diferentes tempos e espaços. Já a adaptação transforma a história para que se adapte à cultura surda, apresentando personagens principais surdos e tendo seu enredo modificado. A criação são textos originais que surgem a partir de um movimento ou história que circulam na comunidade surda. Bózoli (2021) diz que não se deve omitir este processo para de criação, sugerindo que estudar o campo da tradução para Libras envolve estudar as questões teóricas e práticas.

Para escaparem da ridicularização da língua de sinais e de seus bens culturais, de ações intolerantes e até proibitivas, os surdos se organizam em comunidades, buscando o fortalecimento da língua de sinais, da identidade e da cultura surda. Nesta perspectiva, a literatura surda adquire também o papel de difusão da cultura surda, dando visibilidade às expressões

linguísticas e artísticas advindas da experiência visual. (KARNOPP, 2008, p. 09 *apud* BÓZOLI, 2021, p. 46).

Se tratando do sistema SignWriting, Bózoli (2021) apresenta que, conforme Barreto e Barreto (2015), o mesmo foi criado em 1970 por Valerie Sutton, que desenvolveu um sistema para anotar movimentos de dança e em uma viagem à Dinamarca para divulgar esta escrita, foi convidada por pesquisadores da Língua de Sinais a escrever sinalização gravadas em vídeo.

SignWriting é uma maneira de escrever o movimento do corpo. Ele escreve a aparência do corpo do usuário da Libras quando ele sinaliza. Então, ele é aplicado, pelos sinalizadores da linguagem, para descrever a maneira como eles veem seus próprios sinais. Se o verbo é direcional, é preciso escrever os movimentos como aparecem na vida real. (STUMPF, 2016, p. 90 *apud* BÓZOLI, 2021, p. 27).

Conforme Bózoli (2021), a partir de 1996, as pesquisas envolvendo o SignWriting passaram a ser desenvolvidas no Brasil, na Faculdade de Informática da Pontifícia Universidade Católica no Rio Grande do Sul (FACIN/PUC-RS), a partir do surgimento do Grupo de Pesquisa em Informática Aplicada à Educação de Surdos (GIES), coordenado pelo Professor Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, juntamente com a Professora Dr.^a Márcia de Borba Campos Rocha e Dr.^a Marianne Rossi Stumpf, essa última professora surda que defendeu seu doutorado em 2005 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre o sistema de escrita SignWriting.

Conforme afirma Stumpf (2016), segundo Bózoli (2021), o sistema SignWriting trouxe visibilidade às comunidades surdas brasileiras a partir de 2006, com o início do primeiro curso de Letras Libras no Brasil, na qual os estudantes passaram a aprender a escrever os sinais e a compreender a sua escrita. Os trabalhos de tradução com o sistema (MARQUEZI, 2018 *apud* BÓZOLI, 2021) envolvem textos acadêmicos e literários, constatando diversos tipos de registros, tanto na tradução como na modalidade sinalizada em vídeos, podendo encontrar textos registrados em papel ou digitais, como histórias em quadrinhos, *cartoons*, hino nacional, placas, textos religiosos, entre outros, neste sistema.

4.1 A literatura como gênero discursivo em libras

A literatura é um artefato² de extrema importância da cultura surda, além de também ser um processo, tendo em vista que as pessoas surdas participam da literatura e dessa forma ela constantemente sofre mudanças. A forma dessa arte é uma troca social, na qual os artistas e seu público a constroem em conjunto. O termo “literatura em libras” se refere a poemas, contos, piadas, jogos e outras formas de arte produzidas em Libras e é uma maneira de celebrar a vida surda e a língua de sinais. A pesquisadora norte-americana Heide Rose (2006) afirma que a literatura em qualquer língua de sinais mescla a língua, as imagens visuais e a dança, sendo uma mistura de sinais e gestos, uma literatura do corpo e uma literatura de performance.

A literatura em Libras pode se tornar uma oportunidade de tratar a língua de forma mais lúdica, na qual não é apenas uma “linguagem” que permite o acesso dos surdos à sociedade dos ouvintes e à língua portuguesa, e sim uma língua completa e que deve ser usada para todas as funções de uma língua. Assim como na literatura brasileira escrita em português, a literatura em Libras se concentra na forma estética da Libras, trata do conteúdo com perspectiva não cotidiana e distinta da vida comum.

Tendo em vista o espaço educativo, a literatura infantil pode adentrar a esfera escolar como parte dos alunos frequentadores. Portanto, a ideia de protótipo é produtiva para que os multiletramentos possam ser colocados em movimento e na prática, ao se considerar a aula como um acontecimento, por meio do uso deste gênero.

Os modelos bilíngues têm em conta o lugar da língua de sinais como primeira língua no desenvolvimento linguístico da criança surda e, por isso, foi escolhido como prioritária na produção do gênero linguístico destacado neste estudo pela criança surda – produção de um livro de literatura infantil.

Assim, a língua de sinais, ao ser considerada independente da língua oral e escrita, permitirá a criança surda produzir conhecimento e cultura na sua primeira língua - a Libras.

Porém, o uso da internet, e seus recursos de arquivar e reproduzir vídeos, fez com que mais uma mudança alcançasse a literatura surda. Os vídeos, antes disponibilizados em sites específicos, chegaram ao entendimento da comunidade

² A literatura em Libras é um **artefato** importante da cultura surda e também é um **processo** (MOURÃO, 2011), visto que as pessoas surdas participam da literatura e assim ela está constantemente mudando. “A forma dessa arte é uma troca social na qual os artistas e seu público a constroem juntos” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 26).

surda que passou a usar o meio, principalmente em suas redes sociais, tanto que hoje a literatura em língua de sinais se tornou um grande fato e, a partir dessa facilidade tornou-se uma quase necessidade gravar a literatura em Libras para que os textos e demais recursos sejam distribuídos.

Se tratando da estrutura literária, Bakhtin (2010) refere que os gêneros se dividem em dois grandes grupos – os primários e secundários, considerados ambos distintos. Os gêneros primários, ou simples, são aqueles que envolvem o diálogo e a comunicação, já os secundários são aqueles mais complexos, como literários e científicos, no qual se faz uso a partir da modificação do gênero primário. O filósofo valida a complexidade dos gêneros discursivos ao demonstrar três pilares que compõem o gênero, sendo eles: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. O conteúdo temático diz respeito ao que é dito pelo sujeito, envolvendo aspectos linguísticos. A estrutura composicional corresponde à padronização de organização de suas partes.

Portanto, os composicionais desse gênero podem facilmente serem reconhecidos, tendo em vista o quanto se é utilizado ou do conhecimento de suas características. Para Bakhtin (2010), o estilo se divide em individual e do gênero, pois cada sujeito e cada gênero possuem particularidades próprias que, ao longo do tempo, sofrem alterações. Podendo se ter como exemplo textos que são mais abertos e permitem uma maior expressividade vinda do autor, enquanto outros são mais fechados e exigem formalidades e objetividade.

4.2 Aspectos composicionais da literatura infantil em Libras

Heberle (2011, p. 28 *apud* SUTTON-SPENCE, 2021, p. 74) aponta que a definição de gênero se destaca como um “tipo específico de texto de qualquer natureza, literário ou não, oral ou escrito, formal ou informal, caracterizado e reconhecido pela função específica e organização retórica mais ou menos típica, e pelo(s) contexto(s) onde é utilizado”. Meurer e Dellagnelo (2008) citam diversos exemplos de gêneros textuais, como convites, entrevistas e outros. A partir dos exemplos mencionados apontam haver três pilares dos gêneros discursivos que estão interligados na finalidade de interação social. A constante mutação na comunicação e formas de interação permite que gêneros assumam a função de outro, ou que novos gêneros possam surgir a partir de características e funções semelhantes.

Os gêneros literários são específicos dentro da divisão, para Sutton-Spence (2021), sendo caracterizados pelo uso da linguagem para entretenimento e destaque a linguagem criativa. Esses, por sua vez, são divisões culturais, na qual cada cultura valoriza a sua própria e isso ocorre, pois, cada cultura tem conhecimentos distintos. Portanto, os gêneros de literatura em Libras não seriam necessariamente iguais aos gêneros de literatura em português, conforme descrito:

Gêneros de literatura são um tipo específico dessa divisão, sendo caracterizados pelo uso da linguagem para entretenimento ou por destacar a linguagem criativa. Esses gêneros são divisões culturais; cada cultura categoriza a sua própria literatura à sua maneira. Isso acontece porque cada cultura valoriza e tem conhecimento de coisas diferentes; cada cultura usa a língua de forma particular e os seus membros têm experiências distintas daquelas de pessoas de outras culturas. Por isso, os gêneros de literatura em Libras não seriam necessariamente iguais aos gêneros de literatura em português brasileiro. (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 74).

Muitos gêneros são combinados, tanto na língua portuguesa quanto em Libras, podendo ser usado como referência textos verbais e visuais (SUTTON-SPENCE, 2021). São encontrados principalmente na literatura infantil, na qual as imagens são fundamentais para a compreensão e o prazer dos leitores, sendo tão comuns que não há percepção do efeito da junção dos sistemas visuais e linguísticos.

Alguns enunciados concretos, tanto escritos quanto orais, que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e comunicação são as crônicas, contratos, textos legislativos, documentos oficiais e outros, escritos literários, científicos e ideológicos, cartas oficiais ou pessoais, réplicas do diálogo cotidiano em toda a sua diversidade formal, entre outros (SILVA *et al.*, 2021).

A partir da análise dos elementos citados, conforme Sutton-Spence (2021), se chega à conclusão de que um gênero literário é uma categoria da produção artística linguística de uma cultura caracterizada por similaridades em forma, assunto ou conteúdo e público alvo. Além disso, a origem da literatura é uma base para se criar uma categoria ou gênero. Não há uma forma certa ou errada de identificar, nomear e criar gêneros e que os sistemas de classificação mudam entre culturas, sociedade e épocas.

[...] O que serviu para os gregos antigos, por exemplo, ou para os franceses do século XVIII, não necessariamente serve para a literatura brasileira em português no início do século XXI e nenhum dos sistemas essencialmente ajudará em uma categorização dos textos em Libras. (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 74).

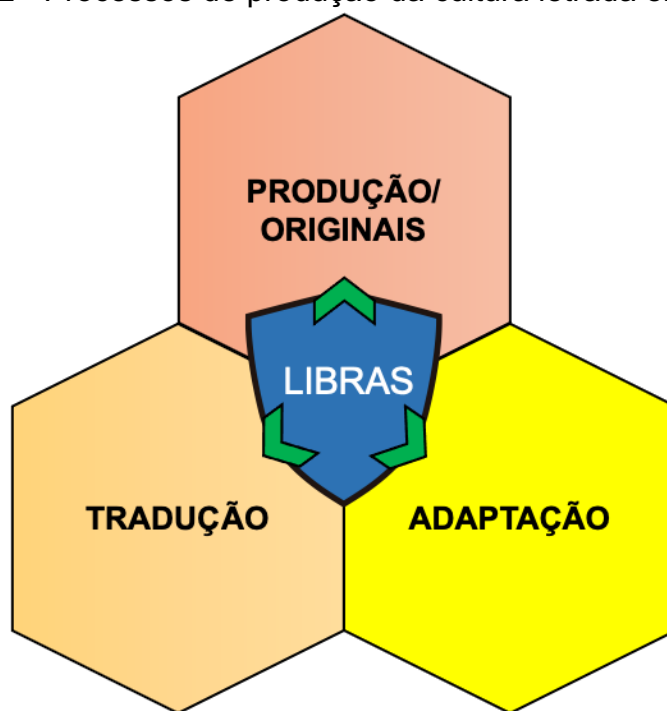
O reconhecimento da importância da Libras no desenvolvimento cognitivo de formação da identidade surda é essencial, embora haja suposição de que o surdo pertence a um grupo minoritário e a mesma seja convicta, além de que possui identidade própria e que faz uso da Libras, dando visibilidade a multiplicidade de sentidos, na qual a diferença constitui a maneira como os surdos se inserem no mundo e, portanto, possui acesso aos bens materiais e simbólicos disponíveis, conforme descrito pela Sutton-Spence (2021).

A compreensão do mundo é formada a partir dos diversos discursos que cada um tem acesso e extrai, em função das interlocuções em um amplo sistema de referências e também a própria consciência. A esse respeito, a autora Sutton-Spence (2021) comenta que as classificações em torno tanto da normalidade como da anormalidade, fundamentadas numa concepção abstrata e histórica do sujeito, sustentam conceitos fechados e já estruturados em uma lógica determinista que permite afirmações sobre o sujeito surdo.

Para ela, a caracterização da suposta identidade que dá lugar aos diferentes modos de reconhecer o surdo não apaga a heterogeneidade e a complexidade que confere humanidade à sociedade e seus olhares atentos à realidade vivida.

Existem diversos exemplos de surdos e de como utilizam a linguagem, como aqueles que fazem uso da oralidade e da Libras, que usam a escrita em português, utilizam aparelhos auditivos ou implantes cocleares, entre outros, que lutam pelo direito de serem reconhecidos como sujeitos bilíngues, da qual esta pesquisa reitera o mesmo posicionamento. Neste contexto, a autora destacará três importantes aspectos para produção da cultura letrada em libras: a) processos de tradução, b) produção e c) adaptações das obras originais considerando histórias da clássicas conhecidas, conforme demonstrado na Figura 2.

Figura 2 - Processos de produção da cultura letrada em Libras



Fonte: o próprio autor

Em seu trabalho, Sutton-Spence (2021) discorrerá que a tradução da literatura em português para a Libras, ou vice-versa, é um processo desafiador, levando em conta que as traduções literárias entre Libras e língua portuguesa são feitas por ouvintes ou surdos, ou por tradutores ouvintes e surdos trabalhando em conjunto.

A tradução de literatura é uma parte importante dos estudos de literatura em Libras. Historicamente, a tradução da literatura do português para a Libras ajudou no desenvolvimento das normas literárias da comunidade surda com o uso da linguagem estética. A origem não surda de uma obra não necessariamente significa que esta não utiliza as normas surdas. (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 229).

O termo tradução é usado de forma mais ampla para falar de uma história de origem não surda levada para a comunidade surda, podendo incluir o relato e a adaptação na definição do termo. Porém, existe a perspectiva mais estrita, onde são usadas transposições que seguem fielmente as palavras de um texto. Em “O Pequeno Príncipe”, feito pelo Projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas e as traduções dos contos da literatura brasileira feitas pela Arara Azul, em 2005, são vídeos com o texto em português escrito e a tradução sinalizada em Libras, enquanto outros são apenas uma contação em Libras com o texto em português ou como em *e-book*, com um trecho de texto maior em uma parte da tela e a versão em Libras em outra. Nessas

traduções, os textos sinalizados em Libras e os textos escritos em português são muito parecidos já que o objetivo é recriar as informações na versão em Libras (SUTTON-SPENCE, 2021).

O foco da tradução literária é voltado aos efeitos estéticos, no qual é preciso compreender as normas literárias dessas duas línguas, conforme descreve Sutton-Spence (2021) em sua pesquisa. A tradução do português para a Libras cotidiana fará com que o público surdo entenda o conteúdo, mas não sinta as mesmas emoções do ouvinte. Portanto, os tradutores e intérpretes de Libras devem entender bem as normas literárias da língua e da comunidade surda antes de realizar traduções.

Para uma boa tradução literária do português para Libras é necessário entender as regras que permeiam ambas as línguas. Na língua brasileira de sinais deve ser considerado o ritmo, as configurações das mãos, o espaço, a velocidade, as perspectivas múltiplas e simultâneas, a incorporação, o uso de expressão facial e do corpo. Em sua investigação sobre a tradução de literatura de cordel, Barros (2015), tradutora em libras dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, fala sobre as etapas necessárias para os tradutores atingirem uma boa tradução literária. Em sua sugestão, a tradução deve começar intralingual, de português literário para o não literário, nos casos na qual o texto apresenta elementos de difícil compreensão, e seguir uma tradução interlingual, do português para Libras. A tradução intralingual, de libras não estética para Libras estética, seguindo as normas literárias da comunidade surda brasileira deve ser a última etapa.

Quando se trata da literatura em Libras, “[...] **é comum a dividir em peças traduzidas, adaptadas e originais**” (MOURÃO, 2011, p. 222, grifo nosso). Sutton-Spence (2021) ainda destaca que a diferença entre essas peças não é clara, já que as traduções necessitam de uma adaptação e possui a criação original por parte do tradutor. Além das três peças já citadas, há também o reconto, que não é originalmente surdo, mas se encaixa na literatura em Libras.

Segundo Sutton-Spence (2021), o reconto nada mais é quando se é mantido o conteúdo básico da história original, possuindo mesmo tópico, personagens e eventos fundamentais, porém, o narrador tem a liberdade de contar da maneira que quiser. Um exemplo disso é o nosso folclore brasileiro, na qual as histórias podem ser contadas da forma que o narrador deseja, desde que ainda possua elementos originais como o principal. Muitos desses recontos estão presentes na sociedade ouvinte brasileira, mas também vêm sendo contados em Libras pelos surdos, sendo

de extrema importância existir na Língua de Sinais, para que pessoas surdas tenham o prazer e o acesso às mesmas informações assim como os ouvintes têm ao conhecer as histórias.

As adaptações de histórias traduzidas em Libras têm se destacado por estarem incluindo personagens surdos (MOURÃO, 2011). Quando se é contado o conto tradicional em Libras, adicionamos elementos culturais da comunidade surda, mantendo o enredo básico (SUTTON-SPENCE, 2021).

O termo tradução é usado de forma ampla quando se trata de levar uma história de origem não surda para a comunidade surda, sendo assim, o reconto e a adaptação são tipos de tradução. Porém, quando visto de forma estrita, temos as traduções de materiais educacionais, que usam a ideia da tradução para transposições mais fiéis, a fim de ensinar português através da Libras (SUTTON-SPENCE, 2021).

A tradução de literatura é uma parte importante dos estudos de literatura em Libras, tanto que, historicamente, a tradução do português para Libras ajudou no desenvolvimento das normas literárias da comunidade surda em relação à linguagem estética, na qual a origem não surda de uma obra necessariamente significa que esta não utiliza normas surdas.

5 AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS AO LETRAMENTO VISUAL

A literatura surda enfrentou mudanças tecnológicas e sociais ao longo da história do ponto de vista do artista Krentz (2006), que surgiu com uma proposta de analogia da câmera com a máquina de impressão para a literatura surda, transformando a câmera com seu filme no papel e caneta que são usados diariamente por milhões de pessoas, já que ambos permitem o registro permanente da língua.

Assim, Krentz (2006), a esse respeito, comenta que a internet tem sido considerada como a maior inovação tecnológica e o seu uso vem permitindo utilizar os recursos de arquivar e reproduzir vídeos, com impactos extremamente positivos para a produção da literatura surda. Pois, os vídeos, antes disponibilizados em sites específicos, chegaram ao entendimento da comunidade surda que passou a utilizá-lo como meio principal de comunicação em suas redes sociais.

Assim, nestes espaços, a produção de literatura gravada em Línguas de Sinais tem sido uma alternativa que favorece e facilita o acesso a essa produção cultural dos surdos e sua distribuição.

Para Jenkins (2008), a ideia de participação como uma propriedade da cultura proveniente da expansão das tecnologias digitais interativas, na quais têm seus conteúdos sendo compartilhados a todo momento. Em sua concepção, a criação e o compartilhamento são a essência da cultura participativa, marcando a interação entre o enunciador e sujeito.

Assim, se pode ter um gênero como o hipertexto, que é o “texto da internet” no qual se encontram palavras, imagens, vídeos e sonoridades passíveis de percepção simultânea, em que os modos enunciativos colaboram entre si para o entendimento da produção. Por meio do hipertexto é possível viver a experiência de produzir e consumir através da enunciação digital (JENKINS, 2008).

Os textos escritos e os gravados em vídeos partilham propriedades que em produções torna possível que as gravações de vídeo em língua de sinais possam assumir estruturas e funções que na cultura letrada são particulares à escrita.

Permanência e objetificação são duas propriedades básicas e essenciais no sistema de escrita e no tratamento da textualidade.

As gravações de vídeo partilham a propriedade de permanência com a escrita, já que ambos são fixos e materializam o produto e os tornam um objeto manipulável externo ao altifalante.

Devido às características atuais do suporte material das gravações, a manipulação de texto se torna mais difícil, comparando aos tempos antigos, a escrita em pedra não era manipulável, porém, ao longo dos séculos, os meios de escrita se tornaram textos escritos facilmente manipuláveis, contudo, as gravações de vídeo não se enquadram nessa categoria, já que são produtos de uma tecnologia nova em comparação à escrita, nas quais não é tão fácil percorrer o texto, fazer anotações, mudar de setores, entre outros.

Os textos gravados em vídeos são textos prorrogados, já que são construídos com o objetivo de serem lidos fora do momento de enunciação, concedendo características funcionais e estruturais voltados exclusivamente à escrita. Como objeto físico, os textos gravados em vídeo podem ser arquivados da mesma forma que o texto escrito.

Por conta do efeito de permanência e objetificação, o texto escrito e o gravado diferido tornam-se interpretável e planejado, se configurando um objeto que permanece fora do momento de sua enunciação e requer processamento específico e diferente de quando o interlocutor está à sua frente e os significados são co-construídos em relação ao mesmo. Sendo válido não só aos processos ligados à interpretação, mas também à produção.

Portanto, os textos escritos e gravados em vídeo têm forte formante de planejamento e função metalinguística na atividade de produção. Sendo ele a validade de que as práticas de letramento possam ir além do tradicional e considerar a colaboração dos usuários da rede através de uma postura proativa e crítica, além das práticas convencionais de escrita e leitura.

Devem ser levados em conta as práticas sociais que se manifestam nos espaços digitais, já que estão inclusos no cotidiano social e no ensino, portanto, outras formas de letramento são necessárias nos espaços escolares.

A literatura infantil, assim como outros gêneros linguísticos, tem sido produzida como tema de ensino-aprendizagem de língua, verbal e linguagens, sendo essas vocal e visual.

A intervenção no âmbito escolar deve ancorar todos os desenvolvimentos teóricos e metodológicos previstos no contexto de educação bilíngue, trabalhando

com professores, instrutores e alunos surdos, à procura de novas estratégias pedagógicas que possam incluir concepção multi tecnológica de cultura letrada.

Peluso (2020), ao problematizar sobre o assunto, discutirá que a comunidade surda se apropriará da escrita de uma segunda língua, a depender que esta língua é apresentada aos surdos. O uso diferenciado desta modalidade de linguagem pelos surdos, como L2, passou a ser objeto de estudo do trabalho do autor (PELUSO, 2014; 2020). O autor passou a incorporar, nas suas ponderações sobre o tema, as contribuições das tecnologias da informação para a produção da cultura letrada em Línguas de Sinais.

Conforme ressalta Peluso (2014), passadas mais de duas décadas de reivindicação em defesa do ensino bilíngue e bicultural para os surdos, o sistema educacional uruguaio confessa pouco ter avançado no sentido de adotar a Línguas de Sinais, como marco fundamental de acesso ao currículo, muito provavelmente, ainda, em razão da prevalência de instrumentos monolíngues de reflexão sobre a língua (gramáticas e dicionários), da carência de um acervo de textos deferidos em Línguas de Sinais Uruguiaia (LSU), que contam a história de surdos, de literatura surda, de geografia dos surdos e outros textos acadêmicos e científicos. Isso posto, os programas bilíngues que defendem duas línguas parecem apenas continuar enfatizando uma, deixando a outra em perigo, por “[...] *transformar a la LSU en un dispositivo didáctico, dejando de ser uno de los objetos de la formación*” (PELUSO, 2014, p. 16), conforme asseguram Lodi (2013; 2014) e Silva (2018).

Em oposição às visões equivocadas sobre as línguas de sinais consideradas apenas recurso de comunicação no ensino, Peluso (2014) ressaltou a importância da videogravação, como uma tecnologia útil aos surdos, na conformação de uma textualidade deferida, tendo como princípio a Línguas de Sinais, que, no caso do Uruguai, não conta com uma escritura certa e específica de sua produção. As videogravações têm sido compreendidas enquanto uma tecnologia como “[...] *sustituto del sistema de escritura, ante las necesidades que impone la cultura letrada y globalizada en la que hoy están inmersas las comunidades sordas*” (PELUSO, 2014, p. 16).

Frente a esse cenário, as videogravações ganham relevância nas discussões que destacam sua presença na produção do conhecimento e da cultura letrada, em Línguas de Sinais. Essa tecnologia tem sido adotada por surdos, com a ajuda de

celulares e acesso massivo à internet, e da propagação de políticas públicas de acessibilidade das tecnologias da informação e comunicação pela população, no país.

Ora, a produção de textos videogravados em Línguas de Sinais, com suas características de textualidade diferida similar à textualidade escrita, é de uso no cotidiano da maioria da população de surdos, em diferentes contextos. Assim, Peluso (2014) se arrisca a dizer que as tecnologias de videogravação são consideradas uma tecnologia amigável às características de desenvolvimento das próprias línguas de sinais e dos modos de os surdos se relacionarem, por meio desta. A língua que circula nos diferentes espaços onde há surdos e a tecnologia com as videograções é que permitem o seu registro em todas as suas dimensões, por ser de natureza:

[...] representativa bidimensional como es la lengua escrita. Los sordos no parecen en absoluto interesados en las propuestas de escritura que se han hecho para su lengua (signwriting). Textualidad diferida³ y videograbaciones en LSU: un caso de política lingüística necesidad de los oyentes para escribir a las lenguas de señas más que de los propios sordos; mientras que parecen absolutamente adaptados al uso de las videograbaciones en la construcción de textos diferidos. En este sentido es interesantísimo el papel que hoy en día está jugando la videograbación en la comunidad sorda y, da la impresión, que es la tecnología que se va a consolidar como la encargada de sostener toda la textualidad diferida en lengua de señas. (PELUSO, 2014, p. 18).

Por textualidade diferida se compreende a produção discursiva quando se desloca do seu momento de enunciação, conforme frisa Peluso (2016; 2018). Trata-se de uma textualidade que é produzida e será acessada/compreendida em um contexto diferente daquele onde se produz. Em outros termos, para que isso ocorra, essa textualidade será afetada por uma tecnologia de língua, isto é, capaz de tirar o texto do seu contexto de enunciação e, com esse texto, produzido pelo uso das tecnologias, transformar um objeto físico, independentemente do enunciador. Desse modo, tal tecnologia faz que o contexto diferido se diferencia daquele que, por não ser diferido, fica imerso no contexto conversacional.

Portanto, as gravações em Libras podem assumir as estruturas e funções que muitas vezes são particulares à escrita nos mais variados gêneros linguísticos. Os

³ Como ya señalé, la textualidad diferida es producida por la aplicación de una tecnología sobre la lengua. Cuando esto ocurre, la lengua se modifica en sus estructuras y funciones. Por un lado las estructuras sintácticas y los campos léxicos se expanden para dar cabida a formas del decir que no estaban contempladas en la oralidad. En el marco de la textualidad diferida y de la cultura letrada se debe poder generar un texto que sea recuperado y comprendido fuera de las coordenadas témporo-espaciales de su enunciación. Por otro lado, aumenta el repertorio funcional de la lengua, para dar cabida a lo que en nuestras culturas letradas se asocia a los contextos formales (gobierno, ley, educación, registro, literatura, sólo para mencionar algunos) (PELUSO, 2019, p. 1-22).

textos gravados em vídeos de narrativas produzidas em Libras, por exemplo, são diferidos, já que são feitos com o objetivo de serem lidos fora do momento da enunciação, sendo, portanto, resgatados por seus leitores em outros tempos e modos, a partir da visualização dos vídeos. Assim, o acesso ao conteúdo produzido neste gênero poderá estar acessível fora do momento de sua realização, assim como ocorre aos textos produzidos na modalidade escrita.

Dito de outro modo, se faz importante mencionar que a principal característica dos textos diferidos por Peluso (2020) se dá pelo seu caráter de ser permanente, objetivado (nos objetos físicos) e interpretáveis. Por ser permanente, diferentemente da oralidade, que é “evanescente”⁴, o texto diferido dura para além do momento de sua enunciação, ensejando, na sua característica composicional, que o texto seja acessado e lido, independentemente das coordenadas tempo-espaciais do que foi enunciado:

São objetos em textos objetivados, porque a tecnologia de escritura ou de videogravação permite voltar aos objetos físicos, passíveis de serem manipulados, o que não ocorre da mesma maneira com os textos orais, os quais, por sua “evanescência”, são, por natureza, impossíveis de serem alterados. (PELUSO, 2019, p. 4, tradução nossa).

A condição de permanência e de alteração faz do texto um objeto interpretável, sendo, portanto, uma das suas características de produção – os processos com que se quer compreender um texto diferido ocorrem independentemente dos processos de negociações próprios dos contextos dialógicos (PELUSO, 2015; 2018).

Com base no exposto, interessa neste estudo enfatizar a importância da textualidade deferida na produção da cultura letrada de textos literatura infantil, em Libras.

Assim, o uso das tecnologias digitais tem um papel importante em toda a produção literária, tanto de textos videogravados/sinalizadas, orais e escritos, visto que, ao longo da história da humanidade, apenas os registros na forma impressão é que preponderavam em sociedades mais antigas. O surgimento da máquina de impressão, que possibilitou cópias e a difusão de forma mais rápida e eficiente, porém, ainda se via a necessidade de algo mais abrangente para acompanhar o

⁴ Essa palavra foi mantida na língua original, utilizada pelo autor a fim de garantir proximidade com a sua compreensão no enunciado.

desenvolvimento da sociedade, sendo, portanto, esse tema assunto do próximo tópico.

5.1 O uso do QR code como ferramenta de promoção e acesso à cultura letrada

Sabe-se que o QR (*Quick Response*) Code foi criado em 1994 pela empresa japonesa de equipamentos automotivos, Denso Wave, com o objetivo de criar um código que facilitasse o registro de encomendas, ao contrário do não eficiente código de barras. A criação de um formato quadrado em 2D resultando em uma leitura 10 vezes mais rápida.

Por conta disso, empresas automobilísticas e alimentícias passaram a usar tal recurso, mas sua facilidade se popularizou e logo todo o país já estava usando-o em 2002 com os celulares capazes de realizar a leitura, dispensando o uso dos scanners.

Portanto, o uso do QR Code é uma forma de facilitar o acesso a um produto, sites, plataformas e até mesmo livros, no caso deste estudo, tendo como centro das reflexões neste estudo - o livro de literatura infantil.

Voltando a atenção para a área educacional, pode-se notar a ausência de espaços adequados na primeira infância para a apropriação da língua de sinais na educação infantil, reforçando visões equivocadas por parte da escola como instituição que perpetua e privilegia as práticas de língua portuguesa falada e escrita exclusivamente como única via de acesso à cultura letrada nesse gênero textual.

Assim, tais visões parecem ignorar e reforçar o nível de desigualdade da criança surda e sua produção e acesso à cultura letrada nesse gênero textual, quando comparadas as formas de acesso das crianças ouvintes.

Assim, trabalhar na criação de um sistema que promova o acesso pleno a textos em língua portuguesa seria imprescindível para a comunidade surda, levando em conta o uso efetivo dos termos técnicos na linguagem cotidiana e considerando as variantes, tanto no nível linguístico, quanto no nível sócio - profissional.

A Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2016, sem paginação), em seu artigo 3º, linha V, orienta que a comunicação deve possibilitar a:

Interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres

ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações.

Assim, procurou-se discorrer como o sujeito surdo tem conseguido acesso à cultura letrada produzida em Libras. Dito de outro modo, de que forma as tecnologias da informação digitais têm contribuído para a produção de gêneros discursivos em Libras. Desse modo, interessa saber:

- O que as crianças surdas têm lido dentro e fora da escola?
- Que características devem ter os textos utilizados pelas crianças surdas usuárias de libras?
- De que forma esses materiais são utilizados em suas casas, na escola e em outros espaços socialização da leitura?
- O que os pais sabem sobre a usabilidade do QR Code aplicada a literatura infantil em libras?
- Como pais e profissionais da educação selecionam livros de literatura infantil para a leitura para as crianças surdas?
- Em que medida os pais e as crianças surdas consideram o QR Code uma ferramenta importante para o acesso à literatura infantil em libras?

Diante desses questionamentos, a pesquisa teve por finalidade propor e analisar o uso do QR Code como tecnologia de acesso a textos da literatura infantil produzidos em língua portuguesa e traduzidas para a libras.

6 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, se estruturou de acordo com os parâmetros do estudo de caso. Assim, os procedimentos metodológicos se amparam em aspectos descritivos de Estudos de caso considerados adequados para investigar o fenômeno social na relação com suas múltiplas dimensões. Nesta proposta considerou-se o Estudo de Caso um instrumento valioso, pelo fato de estabelecer contato direto do pesquisador com os eventos e situações e permitir que o mesmo as descreva sem desvinculá-las do contexto que foi manifestado (ANDRÉ, 2009).

Ao relatar estudos nesta perspectiva teórica metodológica de investigação, Peres e Santos (2005) reforçam a importância se levar em conta a natureza de compreensão do fenômeno investigado considerando três aspectos neste processo: 1) o conhecimento em constante processo de construção; 2) o caso envolve uma multiplicidade de dimensões; 3) a realidade pode ser compreendida sob diversas ópticas.

Neste contexto, acrescentam a importância da flexibilidade que o pesquisador tem para compreender e tomar decisões em curso no processo investigativo, que poderá considerar uma variedade de fontes e dados que podem ser produzidas durante o estudo, levando em conta a postura ética por parte do pesquisador.

Existem três fases na qual ocorre o desenvolvimento do estudo, segundo Nisbett e Watts (1978 *apud* ANDRÉ, 2005): exploratória, coleta e análise.

Na fase exploratória procurou-se estabelecer as questões iniciais na qual o pesquisador buscou produzir informações para o estudo, assim como construir os instrumentos que lhe auxiliaram a produzir os dados na pesquisa, a partir de uso de instrumentos variados, fazendo perguntas, observando eventos e lendo documentos, conforme pode-se notar na descrição do tópico seguinte.

Após o planejamento dos procedimentos a serem utilizados na pesquisa para a sua produção, iniciou-se o momento de trabalho mais intenso por parte do trabalho do pesquisador relacionado às ações que visam demonstrar e sistematizar no estudo os dados obtidos. E, por fim, deu início a fase de análise do material produzido por meio dos elementos que lhe ajudaram a responder aos objetivos estabelecidos inicialmente no estudo. Assim, pode-se afirmar que o Estudo de Caso foi considerado um método adequado e viável aos propósitos deste estudo. Portanto, seu uso permite:

A partir de eventos reais, coletar informações, explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais inseridos em seu próprio contexto. Caracteriza-se por ser um estudo detalhado e exaustivo de poucos, ou mesmo de um único objeto, fornecendo conhecimentos profundos. (EISENHARDT, 1989 p. 537 *apud* YIN, 2009, p. 32).

6.1 Critérios da escolha do participante do estudo

Caracteriza-se como participante do estudo uma criança surda, do sexo feminino, com nove anos de idade, surda de nascença, com pai e mãe surdos. A participante foi selecionada a partir do contato do pesquisador com a família da criança surda nas redes sociais.

6.1.1 Um pouco sobre Giovanna e seus familiares

Giovanna nasceu surda. Durante o desenvolvimento desta pesquisa estava com 9 anos de idade, cursando o 4º ano - Ensino Fundamental I - no colégio Rio Branco, localizado em Cotia, São Paulo. Adora escutar músicas e sempre grava vídeos no celular de sua mãe, cantando em Libras, dançando, narrando suas piadas e pegando roupas de sua mãe para imitá-la. Também com frequência relata gostar de organizar um cenário para interpretar personagens, como se desejasse um dia ser atriz.

Seus pais nasceram surdos. Atualmente a mãe é dona de casa, casada e formada no ensino superior. Ao dar à luz a filha, viu sua pequena realizar um exame “bera” nos ouvidos e descobriu a sua surdez, assim como ela e seu esposo. Os pais da criança tiveram que tomar decisões importantes e visavam um futuro melhor para ela, por isso, a mãe relatou sair do seu local de trabalho para assumir os cuidados da filha, já que a família do casal não podia auxiliar. Desde então, a mãe era responsável por acompanhar a Giovanna à fonoaudióloga para que ela aprenda a falar e a escutar, serviço ofertado pelo colégio em que estuda.

O pai da Giovanna também relatou ser surdo de nascença e possui formação em curso técnico. Atualmente trabalha na função de supervisor de operador de produção em uma empresa de metalúrgica.

Afirmou que sempre apoia sua esposa e filha nas atividades de acompanhamento na fonoaudiologia e na escola. Sente orgulho delas, mesmo que a família tenha uma genética forte para a surdez.

Os pais disseram que sempre fazem o melhor pela sua filha e se preocupam com seu bem-estar e seu futuro, pois defendem que sonham com uma sociedade mais justa e igualitária em que ambas as línguas, de sinais e o português, possam conviver harmonicamente.

Eles sempre incentivaram a filha a estudar e buscar conhecimento onde se sente inspirada. Ela se identifica mais com o fato de ser surda e usuária de Libras porque têm pais surdos, como referência e orgulho da sua língua.

Na sala de aula, Giovanna se comunicava em Libras com os alunos surdos, segundo relato da aluna. Comentou que adora conversar com seus pais, família e amigos em língua de sinais.

O material a seguir deriva de uma produção de um texto em Libras, pela Giovanna, como parte de suas atividades de acadêmicas na escola. O texto foi traduzido para o português por um profissional intérprete de Libras, em parceria com a professora da aluna, que, juntos com a coordenação da escola, organizaram o processo de editoração e publicação do livro – na versão impressa. Não foi possível mais informações do momento de produção do livro em razão do período das restrições de isolamento social, decorrente do COVID 19, em que a pesquisa foi realizada, dificultando sobretudo o contato com os responsáveis pelo desenvolvimento desta produção na escola da criança.

Posterior a sua publicação nos formatos mencionados, a aluna foi convidada para fazer a tradução do seu texto na versão em Libras. Inicialmente, havia se demonstrado tímida nas seções de filmagens do processo de tradução do livro para Libras nesta pesquisa, mas depois compreendeu melhor a proposta de que seria acompanhada para auxílio no registro da tradução da história para Libras, se soltou e colaborou com desenvoltura e facilidade na execução da tarefa, dizendo que tinha experiência e familiaridade com gravação de vídeo em Libras para disponibilizá-los nas plataformas digitais Facebook, Tiktok, Kwai e etc. Assim, detalhes sobre o processo de produção do livro e das etapas de planejamento da produção dos dados de pesquisa mencionadas serão descritos no tópico seguinte. Na sequência, apresentaremos o texto em português, produzido pela participante, cujo conteúdo na íntegra e digitalizado contam em Anexo C.

Quadro 1 - Dados da Autora

TÍTULO DO LIVRO	
A MENINA NEGRA E COELHO BRANCO	
Foto autora	Dados da autora
 DADOS DA AUTORA: Me chamo Giovanna, nasci em São Paulo no dia 10/01/2013. Filha de Geovane e Diane. Desde cedo sempre fui muito interessada, sempre procurei aprender e alcançar meus objetivos, sempre lutei pelo o que quero. Curso o 3ª ano do Ensino Fundamental no colégio Rio Branco-Cotia (Informações retirados do próprio livro da autora).	Uma obra literária de: GIOVANNA RAMPAZO Ação Literária Audiovisual Inclusiva Infantil PEQUENOS À OBRA www.pequenosaoobra.com.br Ano da obra 2021

Fonte: Rampazo (2021, sem paginação)

Quadro 2 – Livro

A MENINA NEGRA E COELHO BRANCO
Era uma vez uma menina linda, negra e alegre, se chamava Ana. Os olhos eram pretos iguais jabuticabas, cabelo enrolado com tererê. Muito simpática, gostava de aventuras, gostava de ser livre e era sonhadora. Numa tarde de sol muito quente Ana resolveu sair de casa para escolher frutas gostosas. Caminhava, caminhava até achar frutas bem bonitas e gostosas e viu um coelho bem longe. Chegou perto do coelho e percebeu que ele estava chorando, e pensou: - “Ué, por que o coelho está chorando?” Curiosa, Ana perguntou: - “Coelhinho, por que está chorando?” O coelho respondeu: - “Porque meus pais me abandonaram e sumiram, então não tenho família”. Ana ficou com pena do coelhinho e pensou como ajudar ele. O coelho era branco doce meigo e macio, vivia no bosque verde com jardim colorido, cheio de flores coloridas e muitos animais, mas era um coelho triste que se chamava Neve. Então a menina negra tão bondosa convida ele para ir a sua casa e o Neve aceitou. - Vamos para minha casa? Perguntou Ana. - Vamos sim. Respondeu coelho. Caminharam até a casa da menina. Anoteceu e todos foram dormir. Outro dia Neve acordou e saiu do quarto para procurar Ana. E encontrou uma família na cozinha e disse: - “Nossa, você tem pele linda tão negra, que menina linda! A sua família também”. - Ah é verdade, muito obrigada. O coelho perguntou: - “Como você se chama?” Ana responde: - “Meu nome é Ana”.

Coelho:

- “E o meu é Neve”.

Ana:

- “Prazer! Vem tomar café...”

Foi a vez do Neve convidar Ana para brincar. Os dois saíram e entraram na floresta com jardim cheio de flores e muito colorido, os dois brincaram bastante.

O coelho viu um casal de coelhos, olhou para Ana e agradeceu, depois despediu.

Neve perguntou para casal: - “Vocês são meus pais?” Assustados, o coelho respondeu: - “não conheço você”.

O coelho ficou sem graça e foi embora. Horas depois, sentiu fome e pescou peixes. Voltou para casa, cozinhou os peixes e comeu. Sentiu sono e dormiu.

Logo depois, acordou assustado e viu a sua casa e percebeu que tudo era sonho! Os pais do Neve estavam ali. E Neve ficou feliz.

Finalmente, abraçou os pais tão forte.

Fonte: Rampazo (2021, p. 01-17)

6.2 Sobre a coleta

O convite à participação da pesquisa ocorreu a partir da apresentação do projeto à família como responsável legal da criança, que autorizou a participação da criança surda. Após aprovação no Comitê de Ética e aceite da família, o trabalho de coleta da pesquisa foi iniciado.

A coleta ocorreu por meio de aplicação de pré questionários à criança surda que tem por finalidade propor e avaliar a usabilidade do QR Code, que possibilita a aplicabilidade da acessibilidade da janela e/ou legenda de Libras em um livro de literatura escrito em Língua Portuguesa.

A coleta da pesquisa foi desenvolvida por meio da realização de encontro virtual com a criança para preparar o material a ser utilizado. A importância da participação da criança surda neste projeto foi de extrema importância para o alcance dos objetivos propostos, pois apenas o público alvo dos livros infantis (a criança) pode atestar ou não a usabilidade para a janela de Libras nestes materiais e sua real necessidade, respondendo assim o problema desta pesquisa.

Considera-se importante esclarecer que, após cada encontro realizado, o pesquisador registrava em língua de sinais suas impressões sobre a atividade desenvolvida no estudo de Diário de Campo, videogravado. Esses dados foram transcritos para o português escrito visando integrar e/ou complementar o material produzido no estudo, para realizar a análise do pesquisador no que refere aos dados selecionados e, portanto, descritos na seção Resultados.

6.3 Recursos utilizados na pesquisa

Os recursos tecnológicos e/ou materiais para realização da pesquisa foram:

- ✓ Plataforma *Meet* ou *Zoom*;
- ✓ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com as Resoluções nº 466/2012 (BRASIL, 2012) e nº 510/2016 (BRASIL, 2016);
- ✓ Livros variados de literatura infantil bilíngue (língua portuguesa/língua brasileira de sinais);
- ✓ Questionário (roteiro do encontro) no *Google Forms* (Pré - professores/familiares e criança, conforme modelo em Anexo A);
- ✓ A criação do QR Code será feita através da plataforma *Canva*, por ser gratuito;
- ✓ Os links serão criados através da plataforma do *Youtube*, por ser de acesso gratuito;
- ✓ Livro de autoria da participante intitulado “A MENINA NEGRA E COELHO BRANCO”, produzido pela Editora Pequenos à Obra, em 2021.

6.4 Procedimento de coleta de dados

Faz-se necessário enfatizar que todo material coletado foi produzido após recolhimento da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e apresentação da Carta de Autorização assinada pela instituição em que a pesquisa foi realizada.

Antes de iniciar a coleta, procedeu-se o trabalho de organização e produção dos instrumentos de pesquisa, envolvendo três momentos distintos:

1. Preparação dos roteiros de questionário – pré e pós ao desenvolvimento dos encontros de diálogos propostos com a criança;
2. Planejamento dos encontros virtuais do pesquisador com a criança;
3. Realização dos encontros virtuais com a criança sobre o tema proposto.

No que se refere ao primeiro momento, considerou-se necessário estabelecer a construção de roteiro de questionário pré e pós o desenvolvimento dos encontros agendados com a criança. Os roteiros tiveram o propósito de auxiliar o pesquisador a compreender questões iniciais sobre os conhecimentos sobre o tema da pesquisa.

Ainda foi necessário organizar um roteiro de perguntas para serem aplicadas ao final do questionário pós conclusão das atividades realizadas com a criança para avaliar a compreensão dela sobre a proposta realizada, conforme demonstrado a seguir.

Quadro 3 - Roteiro dos questionários – pré e pós encontros realizados com a criança

Pré-questionário	Pós-questionário
1 - Seu sinal? Nome? Idade? 2 - Em qual escola você estuda? 3 - Qual sua série? 4 - Você sempre estudou nessa escola? 5 - Sua classe tem outros alunos surdos ou você é o(a) único(a)? 6 - Você já teve acesso a um livro sinalizado? 7 - Lembra do título e da história? Conta como era o livro para mim? 8 - Você tem livro na sua casa? 9 - Que livro você tem? 10 - Você lê livros sozinho(a)? 11 - Como você lê os livros? 12 - Você sabe o que é QR code? 13 - Já viu em algum lugar? Em qual lugar você observa o uso do QR code? 14 - Porque será que as pessoas têm usado o QR code nesses materiais? 15 - Já viu algum livro de histórias infantis com QR code? 16 - O que você acha do QR code? Ele pode ajudar as pessoas a encontrarem o quê?	1 - Você gostou do livro com o QR code? 2 - Foi mais fácil? 3 - Você já teve acesso a uma obra parecida com essa? 4 - Gostaria de explicar qual foi sua sensação ao acessar o livro?

Fonte: o próprio autor

Os encontros foram planejados considerando informações que auxiliassem o pesquisador a desenvolver as atividades com a criança, de modo virtual. Os planos dos encontros foram organizados de forma sistematizada envolvendo aspectos de descrição das seguintes informações para a sua realização: tema, objetivos, proposta da situação de intervenção com a criança e resultados esperados para cada encontro. No total foram realizados cinco encontros, de uma hora cada, no período de 2 meses consecutivos no ano de 2022, conforme descrito em Anexo B – Plano de Encontro.

A seguir pretende-se apresentar um pouco sobre os temas trabalhados nos encontros com a criança.

1º Encontro - Contato do pesquisador com a criança

Foi realizado o primeiro encontro por videochamada com a participante do estudo, na qual o pesquisador orientou sobre o projeto para a família, pedindo autorização e concordância de realização da pesquisa.

Neste encontro foram abordados os temas principais da pesquisa por meio da aplicação de um pré questionário para a criança participante do projeto, com a duração de no máximo 1 hora, totalizando 6 horas de registro de videogravação. Este instrumento teve por finalidade identificar obras de literatura indicadas pela criança, que estavam no formato bilíngue. O questionário foi elaborado através da plataforma *Google Forms*, e contou com perguntas no formato bilíngue (libras/português) (APÊNDICE B).

Após essa etapa, se entrou em contato via e-mail convidando a família e responsável para participarem da pesquisa relatando como aconteceu o trabalho de tradução para surdos matriculados.

Foi enviado o TCLE (APÊNDICE A), no qual constatarem os objetivos da pesquisa e a forma que foi realizada a coleta de dados, juntamente um questionário via *Google Forms*, que podiam retratar aspectos das suas atribuições e relatou se existe e como aconteceu a leitura diária dos materiais de literatura. Após a coleta dos dados, iniciou-se o processo de análise, identificando a estruturação da leitura de materiais no gênero textual.

A figura 3 apresenta a participante questionando se eu conhecia o livro “O Tupi que fala”. Fiz uma expressão de que nunca tinha visto esse livro, perguntei do que se tratava a história e ela começou a explicar o resumo. Esse momento foi muito interessante, porém, considero mais importante que compartilhemos nossos conhecimentos e aprendizados.



Figura 3 - Encontro 26/02/2022

Fonte: o próprio autor

Na figura 4 apresentei livros selecionados da minha coleção para mostrar qual era o meu favorito à participante. Questionei se já tinha visto o livro chamado

“Raposa”, ela afirmou que não e perguntou sobre a história. Assim que expliquei o resumo da história, ela se mostrou interessada e disse que pretende ler esse livro algum dia. Percebi o esforço da participante em buscar e mergulhar mais no conhecimento e que queria criar um hábito de leitura.



Figura 4 - Encontro 28/02/2022

Fonte: o próprio autor

2º Encontro - Preparação e adaptação do livro em formato acessível em Libras

Como ponto de partida, uma obra bilíngue (escrita em língua portuguesa e que possui tradução para libras) foi escolhida e se fizeram os ajustes de adaptação e inserção do QR *code* para favorecer o acesso ao conteúdo da obra em Libras.

A obra escolhida era rediagramada em PDF para a inserção do QR *code*, esta obra também teve um glossário formulado a partir da aplicação do questionário da criança para a identificação dos nomes das personagens que apareceram no livro.

Participaram da montagem do glossário o pesquisador e a criança, após o primeiro contato com o glossário preestabelecido. O glossário foi feito em dois momentos: a) um pré-glossário foi montado com os personagens da literatura escolhida, para ser aplicado junto com a criança; e b) outro depois, somente com a criança, na qual pôde auxiliar na adaptação desse glossário para que atenda melhor as necessidades de leituras.

Na figura 5 a participante mostrou o seu livro de autoria própria. Fiz a leitura do tema do livro dela, “A menina negra e o coelho branco”, e questionei qual era o enredo da história, onde ela se passa, conforme demonstrado a seguir.

Figura 5 - Encontro 28/02/2022

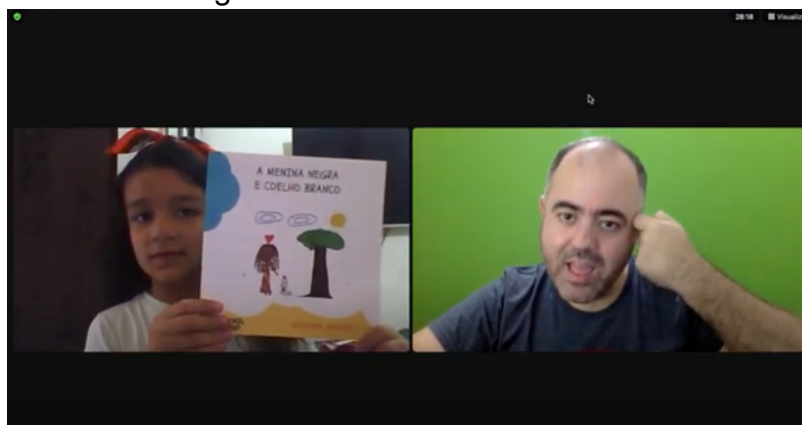


Fonte: o próprio autor

3º Encontro - Avaliação do livro pela criança

Neste momento a criança fez a contação da história em Libras do livro que havia produzido em português. Propus a ela que iniciássemos um processo de tradução da história elaborada em português para a Libras. A criança adorou a ideia e assim iniciamos o processo de tradução do texto.

Figura 6 - Encontro 06/03/2022



Fonte: o próprio autor

4º Encontro – Registro da produção da narrativa da história em Libras

Para garantir uma melhor qualidade no processo de videoregistro de produção da história pela participante em Libras, coordenei um encontro presencial. Tal decisão teve por finalidade garantir uma maior qualificação das condições ambientais para reprodução da coleta do material sinalizado pela criança, conforme indicado na figura 7. A criança, no início das sessões de filmagens, estava tímida, mas aos poucos foi se soltando, com o meu apoio, que constantemente incentivava a continuar sua

narrativa, demonstrando sinais que estava no caminho certo e que não precisava se preocupar em utilizar o português como referência para sua sinalização, uma vez que esta era de sua autoria, e conhecia todo o enredo da mesma. Portanto, para que a criança ficasse à vontade para selecionar o que descrever, com a história presente em seu livro, valorizando uma performance mais natural, como haikai. Nós gravamos o vídeo e conferimos se estava tudo certo, para que não estivéssemos com dúvidas. Após a conclusão desta etapa, realizei o processo de editoração da filmagem e a inserção do QR *code* no livro da criança, porém, sem a participação da presença da participante.

Figura 7 - Encontro 16/04/2022



Fonte: o próprio autor

5º Encontro – Edição de vídeo com QR Code

Neste momento do trabalho, denominado de quinto encontro, envolveu o processo da edição de vídeo, considerando a inserção do recurso de acessibilidade, por meio da geração do QR *Code*.

Figura 8 - Processo de editoração do livro - 01/05/2022



Fonte: o próprio autor

Figura 9 - Encontro 01/05/2022



Fonte: o próprio autor

O **6º e último Encontro**, intitulado de “Apresentação do livro com QR Code e Avaliação da proposta pela criança e seus familiares”, pretende ser desenvolvido após a conclusão desta pesquisa. Este encontro se caracterizará por uma atividade final da proposta deste estudo, para mostrar os resultados obtidos e falar com a família sobre o tema, bem como verificar em que medida consideram que o QR code seria uma alternativa viável para democratizar o acesso aos conhecimentos produzidos em Libras, de recursos literários dirigidos ao público infantil. O encontro ocorrerá no formato presencial e será gravado, a fim de obter informações sobre as possibilidades de incorporar alguma publicação futura sobre o estudo. E, por isso, todos os dados produzidos neste encontro serão posteriormente transcritos para compor a análise deste estudo.

Esclarecemos que, para uma melhor organização dos dados obtidos, todos os registros videogravados dos Encontros com a criança com o pesquisador

permanecem disponibilizados via *Google Forms*, no *Google Drive*, os quais puderam ser revisitados para compor o trabalho de tratamento e análise dos materiais produzidos no estudo. A seguir pretende-se apresentar um quadro síntese das etapas realizadas nos encontros propostos com a participante do estudo.

Quadro 4 - Síntese dos temas trabalhados nos encontros virtuais com a criança

ETAPAS	RESUMO DAS ATIVIDADES	DATA DE REALIZAÇÃO DO ENCONTRO
1º ENCONTRO: Contato com a criança	Primeiramente o pesquisador elaborou perguntas acerca do tema estudado em Língua Portuguesa, em seguida, durante as entrevistas, o mesmo fazia as perguntas à participante da pesquisa em sua língua de referência, a Libras. A participante da pesquisa respondia em Libras.	Figura 3. Encontro 26/02/2022 Figura 4. Encontro 28/02/2022
2º ENCONTRO: Preparação e adaptação do livro em formato acessível em libras	O pesquisador ofereceu alguns livros para a participante escolher. Assim que foi escolhido por ela, o mesmo pediu que a criança fizesse a leitura do livro em Libras para ele.	Figura 5. Encontro 28/02/2022
3º ENCONTRO: Avaliação do livro pela criança	O pesquisador fez algumas perguntas para a participante de palavras e seus significados, para que a mesma os explicasse em Libras. Ainda a indagava sobre as imagens ilustradas no livro e sua conexão com o texto e a mesma explicava seu entendimento em Libras.	Figura 6. Encontro 06/03/2022
4º ENCONTRO: Registro da produção da narrativa da história em Libras	Produção da história pela participante em Libras, em um encontro presencial com o pesquisador, visando garantir um ambiente mais adequado para o registro videogravado.	Figura 7. Encontro 16/04/2022
5º ENCONTRO: Edição de vídeo com QR code	Edição do vídeo pelo pesquisador do material recolhido na gravação, gerando um QR code para explorarem juntos o material recolhido para dar o uso do mesmo.	Figura 8. Encontro 01/05/2022 Figura 9. Encontro 01/05/2022
6º ENCONTRO: Apresentação do livro com QR code e Avaliação das propostas pelas crianças e familiares	O 6º e último encontro se caracterizará por uma atividade final da proposta deste estudo, com a criança e seus familiares, para mostrar o resultado do trabalho realizado por ambos, e conversar sobre o assunto.	Data a combinar após a defesa da dissertação como proposta de resultado da pesquisa aos participantes ⁵

Fonte: o próprio autor

⁵ Informa-se o 6º encontro se caracterizará pelo feedback do pesquisador sobre o desenvolvimento da pesquisa à participante e seus respectivos familiares e, que por isso a informação foi mantida no delineamento da proposta no estudo.

6.5 Procedimentos de tratamento dos dados

Por ser profissional da tecnologia, na qual existe um processo para o funcionamento do ambiente de trabalho, seguindo uma burocracia na área devido um procedimento, organização e avaliação para poder registrar um comprovante e encaminhá-lo ao gestor e funcionário, tive a oportunidade de mergulhar no estudo na disciplina Tópicos Especiais I – Estudos surdos em educação: práticas linguísticas e da cultura letrada em Línguas de Sinais e II – Estudos surdos em educação: produção de materiais bilíngues e tecnologias em línguas de sinais.

Durante as aulas amadureci e obtive mais conhecimento, aprendi muito com o professor, e trocamos experiências durante as aulas da disciplina, fizemos nossas atividades de estudo e compartilhamos nossos aprendizados. Também criamos um modelo mais prático para facilitar nosso acesso à informação, buscando um objetivo e recebendo nossos resultados.

Durante as pesquisas estudei uma forma de organização mais prática e rápida, para facilitar o compartilhar de uma teoria para o intérprete e o professor e assim eles puderem fazer uma análise de dados e anotar os protocolos conforme guarda a informação, na qual não estariam perdendo dados.

Dessa forma, confeccionei uma planilha no Excel a fim de sistematizar as informações recolhidas durante os encontros realizados com a criança, na qual procurava-se retratar aspectos do “plano de aula” desenvolvido. A planilha foi estruturada de modo a constar na barra de informações sobre a produção dos dados, com a finalidade de ordenar as colunas e linhas para fácil visualização, principalmente para facilitar a operacionalização das informações e a busca do caminho percorrido durante o desenvolvimento da coleta. Na barra procurou-se descrever dados sobre os seguintes aspectos: data, horário de “início e fim”, dados, link Libras status, link português tradução e link áudio.

Considerou-se necessário também separar os vídeos para organizar as informações por tema para que pudessem ser analisadas.

Entre outras abas da planilha constam dados do “questionário Pré e Pós”, realizados por meio de uma enquete na qual procurei demonstrar os diálogos realizados com a criança durante os encontros, registrados em videogravação, sendo os dados transcritos para a língua portuguesa escrita, retratada no tópico seguinte,

em formas de quadros dos registros dos encontros realizados com a criança, a saber, como exemplo, denominado de Plano aula 1 - Realização do encontro – 26/02/2022.

Por fim, todos os dados dos encontros com a criança foram videogravados, posteriormente traduzidos com o auxílio de um profissional tradutor intérprete de Libras.

Os materiais produzidos nos encontros foram armazenados na nuvem, organizados por pastas (data da coleta) para posterior análise do estudo.

Em todas as etapas de desenvolvimento desta pesquisa e de escrita da dissertação pude dispor do auxílio da equipe do Núcleo de Apoio Pedagógico e Inclusão (NAPI) da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Marília), que conta com o trabalho de alunos tutores para o desenvolvimento dos serviços pedagógicos e acompanhamento nas atividades acadêmicas dos alunos beneficiários da sequência didática, sob a supervisão da equipe de docentes, estruturada da seguinte forma: a) coordenação/docentes; b) discentes; c) docentes supervisores dos tutores; d) discentes tutores/bolsistas; e) voluntários⁶.

As orientações para o desenvolvimento das atividades se deram por meio de recursos tecnológicos disponíveis para os encontros na modalidade remota, através da plataforma *Google Meet* e *Google Drive*.

Abaixo consta um *print* da tela do arquivo do Excel na qual os dados foram sistematizados de modo visual, para favorecer a compreensão sobre os procedimentos de tratamento e transcrição dos conteúdos selecionados produzidos no estudo.

⁶ Gostaria de fazer um agradecimento especial as três tutoras que auxiliaram durante o percurso de realização de minhas atividades acadêmicas, incluindo o trabalho de construção desta dissertação – Kettuly Costa Machado, Carolina Maria Modesto Tamanini e Mariana Carvalho de Moraes - e aos tradutores intérprete de Libras que auxiliaram durante toda a minha trajetória acadêmica na Universidade, dentre os quais destaco, especialmente, as contribuições e apoio ofertados pela Andresa Lins dos Santos Salvador – Tils/Unesp.

Figura 10 - Organização dos dados produzidos na pesquisa

[illegible]

Fonte: o próprio autor

6.6 Procedimento de análise dos dados

O estudo de caso permitiu ao pesquisador compreender os aspectos de interação do sujeito no contexto investigado, bem como avaliar o papel do pesquisador no processo, sendo, a partir da transcrição dos dados, considerada a videogravação dos encontros realizados um recurso importante no recolhimento e análise dos dados.

Dessem (1995) mostra que o recurso de filmagem é uma prática eficaz para que as pesquisas que procuram investigar interações sociais, a partir da observação do registro, em Libras. Esse instrumento metodológico vem sendo utilizado na área educacional como recurso dinâmico na compreensão dos acontecimentos investigados. Os autores Goés (2000) e Leite (2003) descrevem que o uso dessa técnica exige que o pesquisador tenha cuidados metodológicos durante os procedimentos de coleta e tratamento de dados.

Dessa forma, o uso da câmera, de maneira adequada, permitiu que o pesquisador tivesse infinitas possibilidades de leitura e que pudesse revisitar o material coletado, possibilitando apurar o seu olhar em relação à busca dos detalhes nos episódios investigados (DESSEM, 1995; KASSAR, 1999; GÓES, 2000). A esse respeito, Kassar (1999, p. 56) acrescenta que uma análise mais minuciosa do que foi

observado através do recurso da câmera de vídeo permitirá ao pesquisador se concentrar:

[...] em situações específicas, muitas vezes, sutis e rápidas da cena que se deseja, de congelamento de imagens, de modificação de velocidade e, ainda de, por viabilizar o registro dos gestos, dos movimentos, dos muitos modos de dizer que não são construídos, necessariamente nas interações verbais.

O acompanhamento minucioso de análise do material recolhido, por meio de registro em vídeo, permitiu que o pesquisador recorresse ao material coletado de forma a revisitar as ações percorridas nas ações dos sujeitos estabelecidas nos encontros. As relações interpessoais, entre participante e pesquisador, corresponderam a uma ou poucas sessões, em delineamento planejado ou curtos segmentos interativos, em situações naturais.

Assim, a valorização do singular teve espaço para orientar o trabalho do pesquisador para as situações nas quais rejeitará pesquisas que buscam apoiar em leis universais, fundamentadas na crença da transparência da realidade, separando o sujeito do objeto e tornando o conhecimento sistemático como modo exclusivo com regras, sendo orientado apenas para as regularidades presentes na natureza. Assim, quanto mais relevante for a relação que se consegue com o objeto, mediante uma compreensão das suas qualidades e das regras que governam as suas leis, ou quanto mais se preserva a análise das suas riquezas e das suas qualidades, tanto mais será possível uma aproximação das leis internas que determinam a sua existência.

Portanto, neste estudo não houve espaço para a neutralidade por parte do pesquisador, já que o mesmo esteve incluso na situação pesquisada, sendo que sua ação e seus efeitos fizeram parte dos elementos da análise. A partir do que Freitas (2002) diz, se torna possível afirmar que o pesquisador esteve em constantes processos, como o de aprendizagem e transformação. As suas análises interpretativas foram “[...] realizadas a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa e depende das relações intersubjetivas que estabelece com os seus sujeitos” (FREITAS, 2002, p. 29). Dessa forma, o pesquisador foi um dos principais instrumentos dessa pesquisa, já que estava inserido na mesma e sua análise parte do pressuposto pessoal-social. Fundamentado em Vygotsky (1997), pode-se dizer que para quem todo conhecimento é construído na inter-relação das pessoas, a pesquisa irá valorizar a aprendizagem como um processo social compartilhado e que

gera desenvolvimento, sendo sua base a coerência da teoria dialética da compreensão dos fenômenos pesquisados e estudados.

Diante do exposto, as respostas obtidas no encontro com a criança foram organizadas de maneira a respeitar os turnos de sinalização com o pesquisador, a partir do processo de transcrição dos encontros realizados, conforme serão apresentados e descritos na seção seguinte denominada de Resultados.

Os dados foram descritos e posteriormente organizados considerando trechos (e/ou dados completos) das transcrições dos encontros virtuais realizados com a participante no estudo. Os mesmos foram organizados em eixos temáticos, visando auxiliar o pesquisador a responder aos objetivos do estudo. Assim, o material produzido será apresentado no tópico seguinte, considerando a ordem cronológica em que foram coletados no trabalho nos encontros de diálogos virtuais realizados com a participante do estudo, sendo aglutinados nos seguintes eixos temáticos:

- A - O que sinaliza a criança surda no encontro com pesquisador;
- B - Conhecimento da criança sobre literatura;
- C - Tecnologia e usabilidade do QR Code em materiais de leitura;
- D - O uso do QR Code no acesso a literatura;
- E - O acesso à literatura no formato impresso;
- F - Trilhas de acesso à literatura produzida pela comunidade surda;
- G - Estratégias de reprodução vídeo-gravada da contação de história em libras (encontros 3, 4 e 5);
- H - Reconto de história com apoio da visualização do livro produzido pela autora;
- I – Ambiente, informação e detalhe da história, do glossário e da história literatura
- J - Narrativa em Libras da história produzida pela criança surda.

7 RESULTADOS

A - O que sinaliza a criança surda no encontro com pesquisador

Este eixo retrata a interação da participante com o pesquisador que procurava interrogá-la, considerando as seguintes perguntas enquanto roteiro inicial de contato: 1 - Seu sinal? Nome? Idade; 2 - Em qual escola você estuda?; 3 - Qual sua série?; 4 - Você sempre estudou nessa escola?; 5 - Sua classe tem outros alunos surdos ou você é a única? A seguir apresenta-se os fragmentos da transcrição do encontro realizado com a criança, demonstrando a interação ocorrida no momento da coleta e o que foram aglutinadas neste eixo.

Quadro 5 - Transcrição do primeiro encontro realizado com a participante

Transcrição do registro em vídeo Encontro 1 - 26/02/2022
Tarcísio iniciando a gravação. T: Vamos ver, acho que já iniciou a gravação, vamos começar, ok?! Giovanna, confirma com cabeça T: Vou mostrar para você um exemplo de questionário com alguns sinais que tenho pronto, você prefere que eu sinalize ou você faz a leitura em português ou eu sinalizo o que está escrito? (ao finalizar coloca a mão na boca e espera a resposta). G: (se aproxima da tela) O quê? T: Você prefere que eu mostre o texto e sinalize... G: (Giovanna interrompe) REPETE, MAIS UMA VEZ... T: (Tarcísio retoma a pergunta) Você prefere ver o texto em português eu sinalizo e você me responde, ok? G: (Confirma com a cabeça que sim) T: Ok, espere... Ele compartilha a tela e projeta o questionário no Google forms T: Consegue ver? G: (Confirma com a cabeça que sim) T: Ok, seu sinal, nome e idade? G: Meu sinal (sinaliza a letra G, balança a cabeça negando e leva o sinal na cabeça simulando um laço) (Tarcísio aumenta a tela e ela para de sinalizar aguardando) T: Qual é a sua idade? (Vídeo Cortado) G: Obrigada! (risos) T: Em qual escola você estuda? Giovanna apresenta um sinal... T: Repete o sinal. Qual o nome do sinal? G: R-I-O B-R-A-N-C-O T: Certo, essa escola Rio Branco, é de surdos e ouvintes? G: Surdos. T: Não tem ouvintes? G: Os alunos surdos estudam em um grupo, e em outra escola tem um grupo de alunos ouvintes. T: Ah, entendi! Ok, você estuda em qual série?

G: Eu estou no 4º Ano.

T: Você já está no 4º Ano? (expressão de espanto) Ok!

Você sempre estudou no colégio Rio Branco ou já frequentou outra escola?

(No meio da questão, a Giovanna sinaliza outro sinal do colégio Rio Branco)

G: Antes eu estudava em outro colégio Rio Branco.

T: O mesmo nome do colégio, por que? São em lugares diferentes?

G: Eu estudava em Higienópolis, agora me mudei para Cotia, lá também tem o colégio Rio Branco.

T: Entendi, a escola tinha o mesmo nome em Higienópolis e agora você foi transferida para Cotia.

(Giovanna afirma positivamente com a cabeça) Certo!

T: Na sua sala todos os alunos são surdos? Como é a sua aula?

(Giovanna pensa e Tarcísio repete a pergunta)

T: Por exemplo, na sala de aula, os alunos que estão sentados, todos são surdos ou você é a única aluna surda?

G: Todos são surdos...

Fonte: o próprio autor

De acordo com os dados descritos no Quadro 5, observa-se que a participante relata que possui 9 anos de idade, sinalizando o seu nome, **a letra G e levando o sinal na cabeça, simulando um laço**. Ao ser questionada pelo pesquisador qual a escola que estuda, a participante respondeu que estuda na escola Rio Branco. Ao perguntar se a escola Rio Branco é para ouvintes ou surdos, ela descreve que é composta apenas por surdos.

O pesquisador questiona em qual série a participante está, a qual informa ser a quarta série e explica que sempre frequentou a Rio Branco, porém, anteriormente no bairro Higienópolis, na capital de São Paulo, e que foi transferida para Cotia, em São Paulo, onde estuda atualmente.

Ao querer saber mais sobre como é a sua aula e sua sala, o pesquisador pergunta se ela é a única aluna surda na sala e a participante relata que todos os alunos são surdos.

Durante a conversa com o pesquisador, o momento exato do enunciado mencionando **“G: Meu sinal (sinaliza a letra G, balança a cabeça, negando e leva o sinal na cabeça simulando um laço)”** é demonstrado na Figura 11 a seguir.

Figura 11 - Apresentação da participante



Fonte: o próprio autor

B – Conhecimento da criança sobre literatura

Este eixo foi composto pela leitura das respostas da participante em relação aos dados obtidos no pré-questionário relacionados às seguintes perguntas: 6 - Você já teve acesso a um livro sinalizado?; 7 - Lembra do título e da história? Conta como era o livro para mim?; 8 - Você tem livro na sua casa?; 9 - Que livro você tem?; 10 - Você lê livros sozinha?; 11 - Como você lê os livros?

A seguir pretende-se apresentar os fragmentos da transcrição do encontro realizado com a criança, demonstrando a interação ocorrida no momento da coleta e que foram aglutinadas neste núcleo.

Quadro 6 - Transcrição do primeiro encontro realizado com a participante

Transcrição do registro em vídeo Encontro 1 - 26/02/2022
T: Entendi... Agora vou fazer a pergunta de número 6... Giovanna interrompe com o sinal: O quê? T: Pergunta 6. G: Travou a transmissão. Tarcísio aguarda e sinaliza a pergunta. T: Você tem algum livro que tenha Libras, por exemplo esse (Mostra um livro infantil), você tem ou não? G: Não tenho! T: (Expressão de espanto) Não tem!? G: Não tenho, só tenho livros com frases.

T: Frases em português e você consegue fazer a leitura?
G: Sim, eu leio em português, poucas vezes compreendo, eu gosto mais de livros adaptados, consigo compreender de forma clara as histórias.
T: Você gosta mais de livros adaptados?
(Giovanna sinaliza que sim com a cabeça).
T: Por que de forma clara?
G: Por que é mais fácil de entender.
T: Certo, ok eu estou admirado.
G: O português é muito complicado para os surdos entenderem claramente.
T: As palavras escritas em português são complicadas para saber o significado delas?
G: Não, as palavras contextualizadas nas frases do texto.
T: Ah! (expressão de surpresa)
Entender o contexto das palavras, é difícil, entendi... Por isso que histórias adaptadas ficam mais fáceis de compreender, é isso?
G: (sinaliza que sim com a cabeça).
T: Qual título de livro você conhece? Que história você conhece?
G: (Olha para cima pensando) A pergunta é para mim?
T: Qual livro que você conhece, qual história você mais gosta? Vou mostrar alguns livros que tenho aqui. (Começa mostrando a capa de alguns livros...).
(Giovanna olha atentamente, quando ele apresenta o livro "A Raposa")
G: Eu conheço.
T: Esses livros que mostrei para você são livros que eu conheço, e você, qual livro história que você gosta?
G: Espere um pouco! (Se levanta e vai pegar o livro).
(Giovanna volta com alguns livros na mão).
T: Licença, por favor! (Tarcísio para de compartilhar a tela), espere mais um pouco, assim fica melhor a visualização.
(Giovanna começa a mostrar a cada de alguns livros: "Aprenda do grande instrutor", "Meu livro de histórias bíblicas", "O Valor da ética", enquanto mostrava a capa do livro diz: - Eu amava ler este livro, eu lia sempre!
G: Agora vou mostrar alguns livros que meus parentes, que primos me deram...
(Mostra a capa "O mar de monstros", "D de dinossauro", "O Tupi que você fala", "Cores", gibis da "Turma da Mônica", e um gibi sem capa, e diz: - Não sei quem rasgou..., Este Gibi é novo, o nome é "Amigo secreto" de natal, tem o gibi do Cebolinha, são só esses...
Tarcísio olha a apresentação animado...
T: Eu tenho uma curiosidade, na sua escola como o professor entrega o livro para você, ele faz escolha de livros que tenha libras, que sejam adaptados, como é feita a escolha pelo professor na escola?
G: Então... Desculpa, repete a pergunta...
T: Esses livros que você me mostrou, são livros seus, que você tem em casa, lá na escola, como o professor te entrega o livro, os livros usados lá pelo professor têm libras, são adaptados como são?
Ela mostra novamente os livros (Gibis, D de dinossauro, Cores, O Tupi que você fala) só.
T: Na escola o professor escolhe um livro, ele entrega e você faz a leitura sozinha ou ele sinaliza as histórias em Libras?
G: O professor sinaliza a história ou entrega o livro e nos ajuda a tentar compreender a leitura.
T: Agora entendi, ok! Tenho outra pergunta...
(Tarcísio abre novamente o formulário...)
T: Você tem vários livros, certo?! Como você faz essas leituras? Sozinha, ou com alguém ou precisa de algum auxílio? Seu jeito de fazer a leitura como é?
G: Às vezes eu faço a leitura sozinha e quando vejo alguma palavra que não entendo peço ajuda, mostro a palavra e peço para explicar o significado dela, assim eu consigo prosseguir com a leitura.

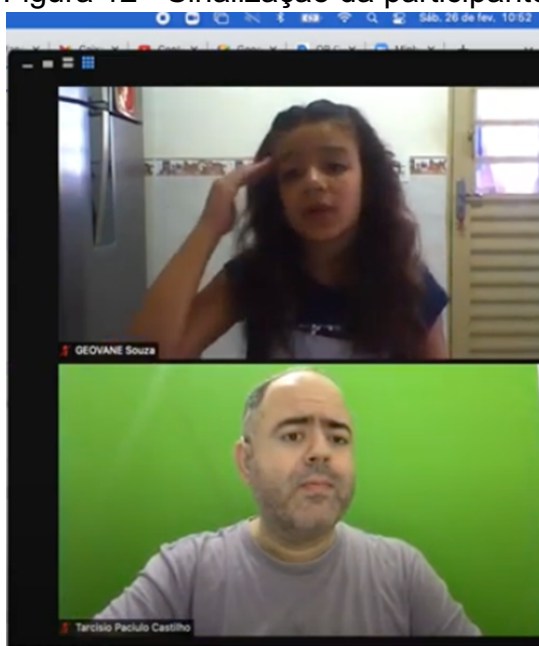
Fonte: o próprio autor

De acordo com os dados transcritos no Quadro 6, a participante é questionada se possui algum livro sinalizado em Libras e o pesquisador utiliza um como exemplo.

A mesma relata que não possui livros sinalizados, mas acrescenta que tem um melhor entendimento da leitura de um livro quando o mesmo é adaptado em Libras.

O pesquisador faz uma pergunta que considera de extrema importância para a comunidade surda. Ele questiona se a participante entenderia um livro em português, conforme a mesma aparenta compreender um pouco a leitura no momento, ou se prefere ler os livros com adaptações em Libras, conforme pode-se notar na figura a seguir a partir do turno sinalizado “G: O português é muito complicado para os surdos entenderem claramente”.

Figura 12 - Sinalização da participante



Fonte: o próprio autor

A participante acredita que seria mais fácil realizar leituras adaptadas, tanto para ela como para a comunidade surda em geral, em qualquer idade. Atualmente, a comunidade surda possui dificuldades de compreender a leitura em português e a participante relata que o português é complicado para alunos surdos compreenderem.

Após o pesquisador mostrar livros infantis que possui e questionar se a participante tem conhecimento de algum título, a mesma mostra os livros que a agrada e é questionada se possui algum apoio para a realização da leitura no ambiente escolar e familiar, ela relata que quando se depara com palavras desconhecidas, busca ajuda.

Quadro 7 - Diário de campo do Pesquisador

Diário de campo do Pesquisador Encontro 1 (26/02/2022)
[...] mesmo tempo sei que o interesse pelo português é a influência da escola que é bilíngue e incentiva o português e Libras, ela tem o contato com as palavras em português e aprende os sinais contextualizados, ela relatou que não aprende as palavras isoladas por que não representa nada, mas as palavras em contexto para ter um significado [...]

Fonte: o próprio autor

C - Tecnologia e usabilidade do QR Code em materiais de leitura

Este núcleo foi composto pela leitura das respostas da participante em relação aos dados obtidos no pré-questionário, relacionados às seguintes perguntas: 12 - Você sabe o que é QR?; 13 - Já viu em algum lugar? Em qual lugar você observa o uso do QR?; 14 - Por que será que as pessoas têm usado o QR nesses materiais? A seguir apresenta-se os fragmentos da transcrição do encontro realizado com a criança, demonstrando a interação ocorrida no momento da coleta e que foram aglutinadas neste núcleo.

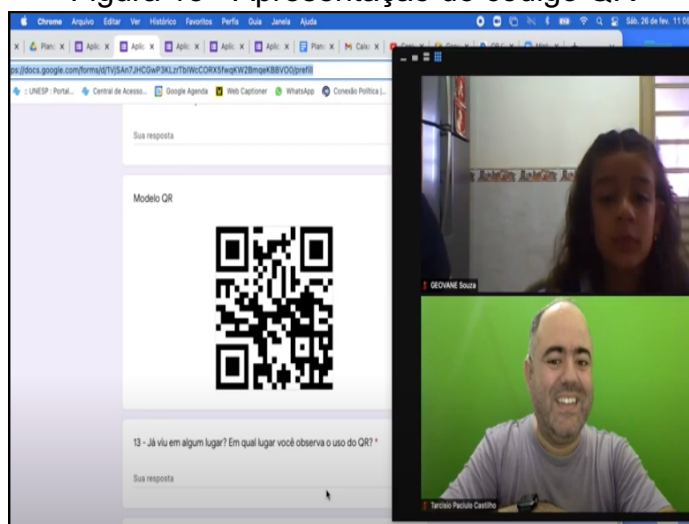
Quadro 8 - Transcrição do primeiro encontro realizado com a participante

Transcrição do registro em vídeo Encontro 1 - 26/02/2022
T: Joia! Quero perguntar, você sabe o significado de QR? G: (Expressão de negação). T: QR não conhece? G: (Sinaliza com a cabeça que não). T: Vou te mostrar, espere vou projetar. (Tarcísio apresenta um código QR) G: Sim, conheço! T: O que é esse quadrado? G: Por exemplo, para acessar as fotos... (fica pensando....) acessos na internet... T: Onde você já viu esse código? G: Na televisão, algum tempo atrás eu era menor vi em um livro...

Fonte: o próprio autor

De acordo com os dados transcritos no Quadro 8, o pesquisador pergunta à participante se ela conhece o significado de QR Code (*Quick Response*), no primeiro momento ela nega, mas após uma demonstração do código ela afirma que já o viu na televisão e livro, tem a utilidade de acessar fotos e a internet, demonstrado na Figura 13.

Figura 13 - Apresentação do código QR



Fonte: o próprio autor

D - O uso do QR Code no acesso a literatura

Este núcleo foi composto pela leitura das respostas da participante em relação aos dados obtidos no pré-questionário, relacionados às seguintes perguntas: 15 - Já viu algum livro de histórias infantis com QR?; 16 - O que você acha do QR? Ele pode ajudar as pessoas a encontrarem o quê? A seguir apresenta-se os fragmentos da transcrição do encontro realizado com a criança, demonstrando a interação ocorrida no momento da coleta e que foram aglutinadas neste núcleo.

Quadro 9 - Transcrição do primeiro encontro realizado com a participante

Transcrição do registro em vídeo Encontro 1 - 26/02/2022
T: Qual é o livro? G: Três porquinhos e o lobo mal... eu vi também... (fica pensando). T: Uma curiosidade, no livro dos três porquinhos que você viu o código, o que mostrava nele? G: Na história dos três porquinhos cada um constrói uma casa, tinha a de tijolo, palha e madeira. T: Ok! Mas sobre o QR que você viu no livro, mostrava o quê? Giovanna mostra a capa de um livro e sinaliza: G: Exemplo: na parte de trás eu vi um código QR, entendeu? T: Sim, mas ao acessar o QR mostrava o quê? G: (Pensa... sinaliza:) Eu estava na escola... T: Sim, na escola eles sinalizaram a história que estava no livro... G: Sim. T: Quero pedir um favor, seu pai ou mãe estão? Aponte a câmera do celular nesse QR que estou mostrando para você. G: Pai ou mãe... Nesse momento a mãe aparece atrás saindo pela porta... T: Peça para seu pai ou sua mãe apontar o celular na imagem. G: Espere um pouco... (Volta e sinaliza).

G: Não encontrei meu pai, mas minha mãe está aqui...

A Mãe aparece na tela e Tarcísio explica para a mãe apontar o celular no código QR que está na tela, a mãe mostra joia, pega o celular e senta ao lado de Giovanna, liga o celular, Tarcísio orienta que é só ligar a câmera direto e apontar no QR, Giovanna sinaliza que o celular está um pouco demorado, a mãe explica que tinha o app de abrir QR mas desinstalou, por isso está demorando... Tarcísio orienta que é só abrir a câmera, não precisa de aplicativo, ela segue as orientações e aponta o celular no QR que ele está mostrando.

Ela pergunta: - Só isso? Apontar o celular?

Tarcísio diz que sim, só isso... Ela tenta novamente e fica com o celular apontado e pergunta é só clicar em abrir, ele confirma que sim... Ela abre e mostra a tela para ele... Ele diz que está errado, pega o celular e tenta apontar, a mãe sinaliza que deu certo o QR que levou para o Youtube na apresentação de um vídeo...

T: Ok! Giovanna assiste esse vídeo...

G: Ok.

Ela e a mãe assistem o vídeo no celular...

T: Ok! Entendeu?

Giovanna sinaliza com a cabeça que sim.

T: Como esse QR Code dá acesso a um vídeo que estou sinalizando? Viu como é fácil?! Fiz uma demonstração sobre o que é QR para você e já me respondeu, o código dá acesso fácil a informações, mas agora tenho outra pergunta; Você já viu em livros de histórias infantil o código QR? Você disse que já viu em um livro dos três porquinhos e o lobo mau, mas você não sabe o que o QR mostrava por que o professor não acessou.

Giovanna interrompe e sinaliza: O quê?

T: Você viu o QR mas não acessou.

Giovanna confirma com a cabeça.

T: Quero perguntar, você acha que é importante o QR inserido nos livros para auxiliar os surdos?

G: Sim, muito importante.

T: Ok! Então você já me explicou que é importante por que pode facilitar na compreensão de palavras que não entende no texto, pode acessar e entender o contexto da palavra, abre o QR e vê a explicação, e retoma a leitura, certo? Concorda?

G: Sim!

T: Uma pergunta, você gosta de tecnologia, uso de QR, tem interesse ou não? Prefere uma leitura tradicional acesso mais simples, sem recursos tecnológicos?

G: Tenho interesse sim!

T: Legal! Ótimo!

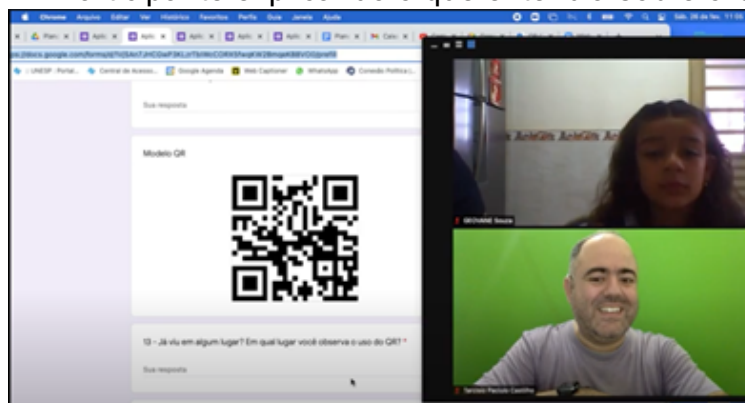
Fonte: o próprio autor

De acordo com os dados transcritos no Quadro 9, o pesquisador dá continuidade às questões relacionadas ao QR Code e à leitura. Logo após isso, o pesquisador pede para que a participante chame um de seus responsáveis para acessar um QR Code pela câmera do celular. Assim que o acesso é realizado pela mãe e ambas assistem o vídeo, o pesquisador esclarece à participante sobre o QR Code no qual o mesmo fez uma amostra para acesso, mostrando o seu funcionamento, para que assim ela possa entender o seu significado.

Ela é questionada pelo pesquisador se já viu o código em algum livro, como os de contos de fadas. Conforme ela esclarece, já viu o código em um livro na escola, porém, não acessou por falta de orientação do professor.

Em relação à importância do código nos livros, a participante concorda que é importante e ao ser questionada se tem interesse em saber mais sobre ela afirma que sim, conforme demonstrado na Figura 14, a participante estava explicando o que entendia sobre o código QR Code.

Figura 14 - Participante explicando o que entendia sobre o QR Code



Fonte: o próprio autor

E – O acesso à literatura no formato impresso

Este eixo foi composto por apresentações de livros por parte do pesquisador para o conhecimento da participante de novas formas de leitura. A seguir apresenta-se fragmentos do encontro transcrito com a criança, demonstrando a interação ocorrida no momento da coleta e que foram aglutinadas neste núcleo.

Quadro 10 - Transcrição do segundo encontro realizado com a participante

Transcrição do registro em vídeo Encontro 2 – 28/02/2022
T: Tudo certo, vamos iniciar... Oi! Boa Tarde, tudo bem? G: Olá, joia! (balança a cabeça que sim). T: Você está bonita com o laço na cabeça para a apresentação... G: Obrigada! T: Você se lembra que tivemos o último encontro que foi o primeiro, e hoje estamos no segundo encontro quero mostrar vários livros para você. E você também me mostrará os livros que tem. Vou perguntar algumas coisas e você vai me responder se conhece ou não, se sabe ou não, farei várias perguntas nesse encontro. No primeiro encontro você me contou sobre adaptações de histórias que você acha importante por que quando lê e não compreende determinada palavra, você pede para alguém te explicar e você consegue contextualizá-la e fica claro para você, certo? G: (Confirma com a cabeça que sim). T: Agora vou apresentar vários livros e quero que você me responda se conhece ou não conhece. G: (Confirma com a cabeça que sim).

T: Os livros que tenho aqui separei por grupos, por exemplo livros que tenham o SignWriting, você sabe o que é SignWriting? (Tarcísio apresenta o sinal).

G: (Balança a cabeça negativamente).

T: **Ok, SignWriting é próprio do surdo, espera que vou mostrar um exemplo, no livro pode ter SignWriting, português e libras, mas SignWriting vou mostrar o que é...**

Tarcísio mostra o livro “Cinderela Surda”, Giovanna sinaliza que conhece o livro. Ele mostra a capa apontando para o tema.

T: **No filme fala sobre o sapato, ela perde e vai a procura, aqui no livro ao invés do sapato faz referência a luvas, você conhece isso?** (Tarcísio mostra na tela uma página com a escrita da língua de sinais).

G: (Balança a cabeça negativamente).

T: Não conhece?

G: Não...

T: (Mostra a página e aponta a escrita em português, o desenho sendo a representação visual e **SignWriting**). - Você nunca viu?

G: Não!

T: **Vou aproveitar para perguntar. Na escola, seu professor, sua família ou algum amigo surdo já te mostrou o SignWriting?**

G: Não!

T: **Não? Nunca? (Expressão de espanto). Entendi, depende do lugar... Agora vou mostrar outra história, a Rapunzel.**

G: Conheço!

T: Essa é uma história da Rapunzel surda, esse você conhece o filme, mas em Libras você não conhece, certo? **Por que esses livros são adaptações da comunidade surda, certo?**

G: (Balança a cabeça afirmando que sim).

T: Agora quero mostrar uma produção de um surdo, ele fez a escrita.

(Tarcísio mostra a capa do livro “As luvas mágicas do Papai Noel”.)

G: (Sinaliza o título) Não conheço essa história!

T: **Por exemplo, esse livro tem a escrita em português e as imagens em Libras** (Abre o livro, e mostra o livro aberto, aponta para um personagem sinalizando o sinal de contar). O autor que escreveu que fez as imagens é surdo. Você conhece uma história famosa da “Arca com animais” (Mostra a capa), quem escreveu este livro também foi um surdo! (abre o livro e mostra uma página com imagens, escrita em português). Essa história é sobre as barreiras que existem para entrar na arca, no caso a escrita em português e o surdo estão fora na imagem, isso é só um exemplo, representado através de animais.

Tenho uma curiosidade. Você já viu histórias escritas por ouvintes do mundo ouvinte, por exemplo (Ele mostra a capa de um livro chamado “GILDO”)

G: Conheço!

T: (Abre o livro e mostra) você sabia que tem libras nesse livro? (Ele pega o celular e mostra um aplicativo que tem o livro e um avatar sinalizando o título).

Giovanna observa ele mostrando o celular... Tarcísio direciona o celular em parte do livro, e a tela do celular abre sinalizando aquele trecho em Libras. Ela fica surpresa.

T: **Você viu? Essa sinalização é feita por um avatar (mostra o sinal de avatar, Giovanna copia o sinal) avatar é próprio da tecnologia e pode ser alimentado para carregar os conteúdos no celular.**

Você conhecia o livro “GILDO”, mas você sabia desse acesso?

G: Não!

T: Nada? Ok!

G: Eu vi e li esse livro na biblioteca da minha escola.

T: **Ok, mas o professor não mostrou esse acesso no celular?**

G: Não!

T: Não teve nenhuma dica?

G: Não!

T: (Mostra a capa de um livro “Raposa”) **Você conhece?**

G: Sim!

T: **Esse livro não tem em Libras, como você consegue ler, não só esse livro, mas de outros também, como você faz a leitura com algumas palavras que ainda não conhece? Tenta sozinha? Pergunta para algum familiar ou procura o professor, o que você faz?**

G: Pergunto para um familiar, minha mãe se ela também não sabe procuro o professor.

T: Entendi, primeiro é um familiar, caso não tenha resposta procura o professor na escola. Mas se na escola no momento que o professor distribui as lições você aguarda chegar em casa ou na hora já vê o que não sabe e imediatamente pergunta para o professor.

G: (coloca a mão no queixo e fica pensando) Pergunto para o professor.

T: Entendi, se o contexto é dentro da escola você pergunta para o professor, mas se está fora da escola pergunta para sua mãe. Entendi, perfeito, parabéns!

T: Agora quero ver seus livros, o que você tem aí?

Giovanna levanta e pega alguns livros, retorna e senta.

T: Desculpa, faltou um para eu mostrar (Mostra a capa de um livro) esse livro foi escrito e ilustrado por um surdo, eu já havia perguntado e você me disse que não conhece a escrita de sinais, nos outros livros mostrei para você a escrita em português, **a ilustração e Libras, esse é diferente (Ele abre o livro e mostra a página com a escrita de sinais, Giovanna olha atentamente) você já viu em outros livros com esse sistema da escrita de sinais?**

G: Não!

T: Você pode achar estranho que não tenha a escrita do português, mas no final do livro tem (Tarcísio mostra nas últimas páginas com a história em quadrinhos em português). Você pode ver a escrita de sinais e também a escrita em português, vou mostrar mais um exemplo (Mostra a capa do livro com a escrita em Libras, ela olha atentamente) você percebeu esse desenho qual a configuração desenhada? A letra D e onde está posicionada a mão conforme o desenho).

G: (Faz o sinal do D e coloca a mão configurada no olho)

T: Certo! Você viu a forma do desenho e do rosto, percebeu? Eu não precisei ensinar, você imediatamente olhou a representação e reproduziu pro que é visual, perfeito!

T: (Ele mostra a capa do livro com outra representação do sinal) você viu? Parece sinal de mundo?

G: (Sinaliza o sinal de mundo)

T: Parabéns! Isso que eu mostrei para você se chama **SignWriting** (ele mostra o sinal), por isso que perguntei se você conhecia ou não, mas ok! Agora vou aproveitar para dar uma pausa nas minhas apresentações e quero que você me mostre seus livros.

G: (Ela pega o livro e mostra a capa "D de dinossauro")

T: Qual é a história desse livro?

G: Esse livro conta a história do Dinossauro com dor no dente e amarra um lenço na cabeça (ela mostra a página com a imagem do dinossauro).

T: Agora entendi, esse livro está em português.

G: Parece que sim

T: Em libras não tem?

G: Não tem

T: Qual outro livro?

G: (Pega o livro e mostra a capa "O Tupi que você fala")

T: É sobre o que essa história?

G: Como é a vida do índio (ela abre uma página e mostra).

T: Entendi, como a é vida do índio, legal, nunca vi... Tem palavras que você não conhece como faz? Pergunta para a mãe ou para a professora, certo?

G: (Sinaliza que sim com a cabeça).

T: Legal, interessante, outro...

G: Sempre leio muito, todos os dias (Mostra Gibi da Turma da Mônica).

T: Sim, famoso!

G: (Mostra o sinal da turma da Mônica), eu amo.

T: Todos os dias você lê? Uau!

G: (Sinaliza que sim com a cabeça).

T: Você ama o gibi da Turma da Mônica, tem os personagens Mônica, Cascão, Magali, Cebolinha, o cachorro, certo?

G: Sim!

T: Qual você mais gosta?

G: Magali! (faz o sinal de Magali).

T: Ela come muito, né? Você come bastante igual a Magali? Mas é magrinha, bonita... (Eles riem).

No gibi você percebe que o português é difícil ou fácil? Qual sua compreensão e percepção sobre isso?

G: Mais ou menos difícil.

T: Na dúvida você continua perguntando para sua mãe ou para professora, você acha engraçado a ilustração e por ser quadrinhos, por exemplo quando está bravo a representação do desenho, você vê e ri certo?

G: (Dá risada e balança a cabeça positivamente).

T: Só esses livros ou tem mais algum?

G: Sim tem mais, espere um pouco...

(Tarcísio aguarda, ela retorna com um livro nas mãos com o título “Cores”)

T: Cores?

G: (Abre o livro e mostra as páginas).

T: Esse livro só é visual, não tem escrita em português.

G: Sim, tem o nome das cores, e os animais, frutas, carros.

T: Legal...

G: (Abre o livro e mostra a página com a escrita “Doce amarelo”) só algumas palavras são escritas.

T: Legal, interessante, sobre o livro que você fez?

G: Espera eu buscar (ela levanta, volta e pede para ele aguardar, tem o auxílio da mãe para pegar, desliga a câmera, retorna e mostra a capa do livro com o título “A menina negra e o coelho branco”)

T: Você que fez a ilustração da capa?

G: Sim!

T: Legal e você também contou a história?

G: Sim!

T: Abra o livro ele tem libras ou só português?

G: Português! (Abre a página e mostra).

T: Essa página com fotos em quadrinhos é de pessoas que colaboraram? Pessoas da sua escola?

G: Sim (Continua folhando as páginas para ele), português!

T: Legal, você escreveu do seu jeito e depois a professora organizou a escrita?

G: Primeiro, em 2020, eu acho, quando começou a covid, eu estava sentada com minha mãe conversando e uma professora, mas não a professora da minha escola, fez uma chamada de vídeo e explicou sobre escrever um livro com as coisas que eu imaginava, eu comecei a pensar e imaginar muitas coisas, tive uma ideia, combinei com ela uma chamada de vídeo em um grupo de surdos e ouvintes todos misturados, e eu mostrei minha ideia (mostra a capa do livro).

T: Você com sua imaginação foi desenhando e criando a história, certo?

G: Sim!

T: Nossa! Legal, mas você já leu outras histórias parecidas com essa do seu livro?

G: Não, nunca... eu imaginei e fiz.

T: Porque achei uma parecida não sei o título “Menina bonita do laço de fita”, vou mostrar para você (ele compartilha a tela com a imagem da capa do livro) você conhece?

G: Não conheço!

T: Nunca viu?

G: (Balança a cabeça negativamente.)

T: Quando vi sua história me lembrei dessa, mas não é, parabéns estou orgulhoso, você produziu a história e a ilustração, o português como foi escrito, do seu jeito?

G: Eu sinalizei e uma intérprete escreveu o português.

T: Você tem o vídeo sinalizando a história?

G: Só no Youtube, por que nós combinamos, eu sentei e sinalizei via chamada de vídeo e salvaram no Youtube.

Fonte: o próprio autor

De acordo com os dados transcritos no Quadro 10, o pesquisador inicia a conversa, apresentando seus livros e o termo SignWriting, que seria próprio do surdo. A participante não conhece e ele passa a apresentar diversos exemplos, um deles é um livro que pode ser visualizado por meio de um aplicativo no telefone móvel,

utilizando um avatar. De acordo com Costa (2017) e Silva *et al.* (2018), ao referirem sobre o assunto, apontam para existência de propostas de sistemas de Escritas de Sinais, citando a ELiS, o SEL, a VisoGrafia e o SignWriting (SW), dentre os quais o SW é mais amplamente pesquisado e difundido. As três primeiras foram criadas no Brasil e a última, que é a mais utilizada, foi criada na Dinamarca, criados por diferentes autores não surdos.

Nesse estudo, Barreto (2015, p. 79), ao fazer referência ao trabalho de Capovilla (2006), comenta:

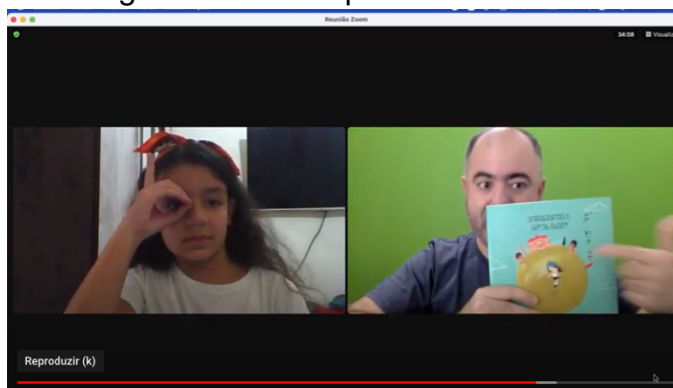
Se a Libras e as demais Línguas de sinais são línguas visuoespaciais, é coerente que sua escrita registre clara e intuitivamente este fenômeno. Isto promove com notoriedade ainda maior a tão importante continuidade entre o pensamento, fala e escrita.

Mais adiante, o pesquisador questiona qual ação a participante relata possuir dificuldade de realizar leitura e a mesma explica que no ambiente escolar pede ajuda a algum professor e em casa dos familiares.

A participante apresenta os livros que tem em casa, todos compostos pela Língua Portuguesa ou que possuem apenas imagens. Após ser questionada pelo pesquisador sobre o livro que ela criou estava traduzido em Libras, ela o mostra e explica o processo criativo que teve para sua produção, esclarecendo que foi contatada por uma professora como parte de suas atividades escolares. A professora pediu como parte da tarefa que ela imaginasse uma história e após uma chamada de vídeo, apresentando sua ideia à um grupo, ela sinalizou seu livro e uma intérprete transcreveu em português.

O pesquisador questiona se ela já leu alguma história parecida, pois percebeu a semelhança do seu livro com outro conhecido, e a participante afirma que imaginou e criou tudo sozinha, conforme demonstrado pela criança na Figura 15, a participante estava sinalizando, quando faz o sinal D e coloca a mão configurada no olho, com leitura em SignWriting.

Figura 15 - Participante sinalizando



Fonte: o próprio autor

F - Trilhas de acesso à literatura produzida pela comunidade surda

Este núcleo foi composto por uma conversa na qual pesquisador e participante discutem ideias sobre os livros escolhidos. A seguir serão apresentados fragmentos do encontro transcrito com a criança que visa demonstrar a interação ocorrida no momento da coleta e que foram aglutinadas neste núcleo.

Quadro 11 - Transcrição do segundo encontro realizado com a participante

Transcrição do registro em vídeo Encontro 2 – 28/02/2022
T: Ok, depois eu vou pegar pra ver... Eu gostei que você me apresentou seus livros e eu também apresentei os meus, você percebe que a maioria dos livros são em português? G: Sim! T: Com signwriting são poucos, com ilustração todos, certo, mas em libras a história sinalizada não tem. G: (Balança a cabeça negativamente). T: Vamos escolher 1 ou 2 livros provisórios a partir desses escolhemos 1 que será o oficial, qual você escolhe primeiro? G: (Mostra a capa do livro de sua autoria). T: Ok! Joia, e qual o segundo? G: (Pega o livro do Tupi e mostra a capa). T: Você gostou? G: Desculpa, dos seus livros? Ou dos que eu mostrei? T: Qual livro você mais gostou? G: Sim! (Coloca o D no olho, fazendo referência ao livro que o Tarcísio mostrou). T: Esse? (mostra a capa) uma curiosidade, por que você gostou desse livro? G: Por que achei fácil ver a escrita de sinais e sinalizar, entendi claramente o sistema. T: (Mostra o livro aberto e aponta para a escrita dos sinais) você achou fácil? G: Sim! T: Nossa, eu olho e acho muito difícil. Eles riem... T: Você olhou e já decifrou o sinal, sem eu ter ensinado, você já sinalizou, isso porque é visual. Então escolhemos provisoriamente o seu livro e esse, vou conversar na faculdade com minha professora e ver o que decidimos, depois teremos nosso terceiro encontro até o sexto. Por que seis encontros? Eu dividi por etapas, o primeiro foi de explicação, hoje o segundo encontro escolhemos

o livro, o terceiro vou perguntar o sinal de termos em português que estão na história e você sinaliza e assim segue os encontros até o final que vamos comparar sua opinião de antes e depois, entendeu?

G: Sim, eu estava imaginando sobre o título do meu livro. **Eu escolhi esse título, porque me coloco no lugar do outro, no caso os negros, antigamente por anos eles sofreram, eram castigados, os negros sofreram muito, eu quis esse título, porque me coloco no lugar deles.**

T: Entendi, você não se sente inferior, mas um sentimento de igualdade, certo?

G: Sim!

T: Mas como você aprendeu sobre o sofrimento, quem te ensinou?

G: Na televisão eu assisti um filme, e senti muita pena no meu coração, minha mãe e meu pai sempre me ensinam sobre isso também.

T: Entendi, os pais ensinam, mas na sua família tem alguém negro?

G: Sim, meu tio.

T: Então na televisão você assistiu um filme e você sentiu pena e dor no coração, uau, você está promovendo a igualdade, interessante muito legal, gostei da sua atitude de representar os outros e não esquecer deles.

G: Porque eu vejo muitas histórias que são com personagens brancos, aí pensei, pensei quero fazer diferente a menina negra, olha a roupa dela (Mostra a capa), é um vestido.

T: Bonito, então você observou que **a maioria das histórias não tem personagens negras** e quis apresentar uma negra, que bom, esse é um bom exemplo para apresentar, como eu que vejo muitos livros em português, mas sempre é uma barreira para o surdo e precisa pedir ajuda para a mãe ou para a professora eu quero preparar um material para o surdo se sentir autônomo, livre você se sentirá melhor.

G: Eu tenho amigas negras também.

T: Isso o coração, sentimento o estudo é tudo igual a alimentação somos iguais nada é diferente, gostei do que você me apresentou. Agora vou finalizar e vou combinar com sua mãe o próximo encontro dia e hora certinho, você vê se está gostando ou não da nossa conversa e vamos ajustar conforme horário da sua aula e eu do meu trabalho, serão só 6 encontros depois você estará livre para descansar! Ok?

G: Ok!

T: Obrigado pela paciência em participar, bom descanso!

G: Obrigada, boa sorte!

T: Tchau!

G: Tchau!

Fonte: o próprio autor

De acordo com os dados transcritos no Quadro 11, o pesquisador e a participante passam a apresentar seus livros um ao outro. O pesquisador faz questão de fazer com que a participante percebesse que a maioria dos livros são apenas em português e os que possuem SignWriting são poucos e com ilustração todos, no entanto, não há uma história sinalizada em Libras.

Ela é questionada por qual livro se interessou mais e ela faz referência ao que o pesquisador mostrou e explica que gostou do livro escrito por uma pessoa surda pois foi fácil compreendê-lo, a escrita de sinais e sinalizar conforme descrito no trecho retirado do diálogo com o pesquisador, demonstrado no Quadro 11:

T: Esse? (mostra a capa) uma curiosidade, por que você gostou desse livro?

G: Porque achei fácil ver a escrita de sinais e sinalizar, entendi claramente o sistema.

T: (Mostra o livro aberto e aponta para a escrita dos sinais) você achou fácil?

G: Sim!

O pesquisador passa a mostrar um livro de SignWriting e apontar para a escrita dos sinais, questionando a participante se está achando fácil de realizar a leitura desse livro. Mesmo sem ter conhecimento do conteúdo SignWriting, ela confirma que está muito fácil, porém, o pesquisador achou muito difícil na perspectiva dele realizar a leitura de SignWriting.

De acordo com Gumiero, Costa e Nascimento (2020, p. 159), podemos afirmar que:

[...] se decompormos um sinal escrito em SW, encontraremos nele todos os parâmetros fonológicos da Libras. Esse fato é um diferencial frente as outras três escritas idealizadas no Brasil. A SW apresenta-se nessa pesquisa como uma escrita funcional que demonstrou aproximação mais bem definida com as particularidades da Libras, para isso, coloca-se a disposição várias imagens que podem ilustrar esse pensamento.

O pesquisador percebe que a criança já está decifrando de forma rápida sem precisar de uma explicação, por isso é fácil realizar a leitura a partir do visual. Segundo a Figura 16, a participante e o pesquisador estavam referindo sobre o assunto.

Figura 16 – Pesquisador apontando o SignWriting



Fonte: o próprio autor

No momento da escolha de um livro, a participante escolhe o de autoria própria, “A menina negra e o coelho branco”. Logo em seguida, ela explica o porquê da escolha do título do livro e da personagem, afirmando que sentiu necessidade de

representar uma personagem negra já que não as vê em muitos livros e o pesquisador a parabeniza e fica admirado por sua empatia.

Quadro 12 – Diário de campo do Pesquisador

Diário de campo do Pesquisador Encontros 3, 4 e 5 06/03/2022
[...] as línguas possuem regras gramaticais em ambas as línguas de diferentes modalidades, a língua de sinais é visual o surdo faz a construção imagética do referente para sinalizar e não podemos impor o uso do português e achar que o surdo se sentirá confortável, se houver a imposição haverá conflito mental e não haverá compreensão. É importante observarmos os sujeitos conforme o uso da sua língua de origem, os surdos fazem o uso da língua de sinais como L1 e a língua portuguesa como L2, línguas distintas com estruturas gramaticais próprias e que devem ser respeitadas. [...]

Fonte: o próprio autor

G - Estratégias de reprodução com vídeo gravada da contação de história em Libras

Este núcleo foi composto por um início de conversa na qual pesquisador e participante organizam a forma de contar a história do livro escolhido nos **encontros 3, 4 e 5**. A seguir serão apresentados fragmentos do encontro transcrito com a criança que visa demonstrar a interação ocorrida no momento da coleta e que foram aglutinadas neste núcleo.

Quadro 13 - Transcrição do terceiro encontro realizado com a participante

Transcrição do registro em vídeo Encontros 3, 4 e 5 06/03/2022
T: Olá, tudo bem, já iniciou a gravação, ok! Bom Dia! G: (Sinaliza com sim com a cabeça) Bom Dia! T: Hoje é domingo, mas paciência. Ontem você teve compromisso, foi passear na casa da vovó, e o passeio foi bom? G: (Sinaliza que sim com a cabeça). T: Você... (expressão de pensar porque esqueceu o que ia perguntar), você foi passear ontem e havíamos combinado os próximos encontros, hoje estamos no terceiro encontro. No último encontro, que foi o segundo, fizemos a escolha de dois livros, e hoje decidimos por um livro, a segunda opção ficará reservada caso de tempo trabalharmos nela, ok?! Agora vou projetar, e você sinaliza, conta para mim a história de forma direta, você já sabe os significados, já conhece as palavras e os sinais referentes, eu quero ver você contando a história e depois vou fazer algumas perguntas e você me responde, ok? G: (Sinaliza com a cabeça que sim).

(Tarcísio compartilha a tela que mostra a capa do livro da Giovanna, a tela compartilhada fica em cima da janela do Tarcísio que parece sinalizar e ela sinaliza com a cabeça que sim, e inicia a contação da história).

G: A Menina negra e o coelho branco, a menina está junto com o coelho, por que eles são da floresta.

(Tarcísio organiza/diminui a tela com o início da história, assim é possível visualizar ele, ela e a escrita do texto).

T: Pode começar.

G: Então, era **uma vez (sinal de x) uma menina linda... desculpa não consigo visualizar.**

T: Ok, espere (Organiza a tela novamente) vou perguntar: **você está sinalizando seguindo o português ou Libras? O que você prefere? Espere...** (ele tenta novamente projetar a tela de um jeito melhor) consegue ver?

G: Ok!

T: Uma curiosidade, você sinaliza em Libras ou está lendo e sinalizado seguindo o português?

G: Eu uso Libras.

T: Ok, pode manter direto sinalizando na estrutura de Libras.

G: Posso ir ao banheiro?

T: Sim, pode eu espero! Joia!

Giovanna fecha a câmera, Tarcísio aguarda retornar. Ela retorna e abre a câmera.

T: Já? Que rápido! Vamos iniciar novamente, devagar... (a capa do livro está projetada) olhe o livro mas quero que você sinalize do seu jeito, está bom?! Pode começar pelo título.

G: Menina negra e o coelho branco.

Tarcísio passa as páginas e apresenta o início da história.

T: Pode continuar (aponta para a tela com a página projetada).

G: Era uma vez, uma menina linda... (Ela fica pensando), desculpa, eu leio ou faço em libras?

T: Seu jeito, é sua história, esqueça o português a escrita, sinalize e conte a história do seu jeito.

Ela pensa...

G: Vou tentar lembrar, espera.

T: Você pode pegar seu livro, e também abrir ele ir lembrando e sinalizando, você pode fazer isso.

Giovanna pega o livro, Tarcísio interrompe a apresentação da tela.

Fonte: o próprio autor

De acordo com os dados transcritos no Quadro 13, pode-se observar o pesquisador e a participante se organizando em relação a como a história do livro “A menina negra e o coelho branco”, de autoria própria, será contada. Ela começa a contar, mas acontece um imprevisto, e quando retoma pergunta se deve contar em português ou Libras, e o pesquisador dá a liberdade da mesma contar da forma que achar melhor.

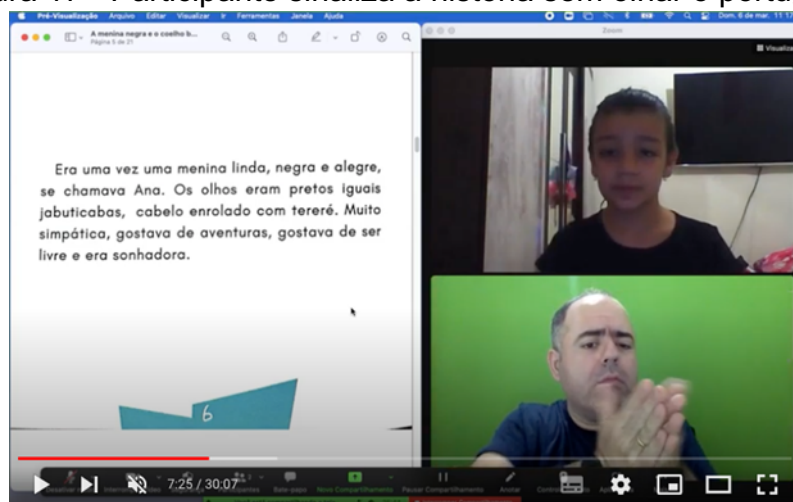
A participante prefere contar em Libras usando sua imaginação, não seguindo o português que está no livro, apenas com o visual a partir das ilustrações, contando a história, de acordo com trecho retirado do Quadro 13, seguido do registro da fala na Figura 17, foi pedido para a participante sinalizar a história sem olhar o português:

T: Pode continuar (aponta para a tela com a página projetada).

G: Era uma vez, uma menina linda... (Ela fica pensando), desculpa, eu leio ou faço em libras?

T: Seu jeito, é sua história, esqueça o português a escrita, sinalize e conte a história do seu jeito.

Figura 17 - Participante sinaliza a história sem olhar o português



Fonte: o próprio autor

Quadro 14 – Diário de campo do Pesquisador

Diário de campo do Pesquisador Encontros 3, 4 e 5 06/03/2022
[...] Complementando minha observação, no início do encontro notei que ela estava sinalizando de forma travada por causa do português, tentava sinalizar as palavras que via no texto, então usei outra estratégia de pedir para ela sinalizar o que via nas imagens do texto, ela assim o fez, sinalizou a história. [...]

Fonte: o próprio autor

A questão da ilustração, principalmente na literatura infantil, faz-se necessário, tema também recorrente nos estudos surdos em educação. A exposição a diferentes gêneros linguísticos, como a literatura infantil, tem permitido o desenvolvimento de diferentes competências linguísticas neste gênero, como destacado pelos pesquisadores a seguir, permitindo ao surdo compreender informações ou explicando aquelas já expostas, sendo estas responsáveis.

[...] adicionando por desenvolver o imaginário e formar imagens mentais, reais ou fantasiosas, que ajudam no aprimoramento intelectual. Além disso, possibilitam a (re)construção de narrativas diversas, inclusive pela própria criança, a partir de um mesmo ponto inicial, a imagem. Essa, associada a narrativas anteriormente expostas, auxilia na estruturação criativa, o que dá a possibilidade de (re)contar uma mesma história a partir de pontos de vista diferentes. (RAMALHO; RIBEIRO; SILVA, 2014, p. 39).

H - Reconto de história com apoio da visualização do livro produzido pela autora

Este eixo foi composto pela narração da história do livro da participante. A seguir apresenta-se fragmentos transcritos do encontro com a criança, demonstrando a interação ocorrida no momento da coleta e que foram aglutinadas neste núcleo.

Quadro 15 - Transcrição do terceiro encontro realizado com a participante

Transcrição do registro em vídeo Encontros 3, 4 e 5 06/03/2022
G: Uma menina passeava pela floresta. ela foi comprar frutas, e já estava caminhando de volta para casa, quando ela viu uma árvore, e nesta árvore tinha um coelho que estava chorando muito, a menina olhou para o coelho, e achou estranho, e lhe perguntou porque estava chorando, o coelho respondeu que ele queria voltar para casa e ficar junto com a mãe e o pai dele, a menina ficou pensando, e disse: - Tive uma ideia, vou levar você para minha casa! O coelho ficou surpreso, eles foram caminhando e chegaram em casa, já a noite (Giovanna vira a página do livro). Já a noite a menina chamou o coelho para dormir, ele concordou, eles dormiram e acordaram, a menina e o coelho sentaram na mesa para tomar café da manhã. Depois o coelho falou: - você é muito linda, sua família também! A menina agradeceu, (espera, Giovanna vira a página do livro). Agora é hora de brincar na floresta, o coelho disse: - É hora de ir embora. O coelho foi embora e a menina também. -Nossa, que fome, tive uma ideia, vou pescar, Ele pescou e conseguiu um peixe para comer. Você conhece a churrasqueira? (Faz referência a espeto no fogo). T: Sim, fogo espeto em cima, conheço! G: Legal. Ele comeu o peixe assado, foi caminhando e viu outros coelhos, se aproximou e disse: - Olá vocês são meus pais? -Nós não, não conhecemos você. Ele continuou caminhando, parou e dormiu quando acordou estava em uma casa com os pais... Que estranho, tudo era um sonho!

Fonte: o próprio autor

De acordo com o transcrito no Quadro 15, a participante narra a história do livro “A menina negra e o coelho branco”, de sua própria autoria, em Libras a partir do português escrito. Ela descreve que a personagem estava andando na floresta e encontrou um coelho perdido chorando, por conta disso o leva para casa. Eles dormem e no outro dia tomam café da manhã e brincam a tarde inteira. O coelho diz que é hora de ir embora, porém, está com fome e tem a ideia de pescar e assar o peixe. Após comer, encontra outros coelhos e pergunta se esses são seus pais, eles dizem que não. No fim da história o coelho acorda e está em casa com seus pais, tudo não passou de um sonho.

I – Ambiente, informação e detalhe da história, do glossário e da história literatura

Este núcleo foi composto pela troca de ideias entre participante e pesquisador e perguntas feitas pelo mesmo para ter mais conhecimento do livro escolhido. A seguir apresenta-se os fragmentos da transcrição do encontro realizado com a criança, demonstrando a interação ocorrida no momento da coleta e que foram aglutinadas neste núcleo, como demonstra a Figura 18, a autora estava contando a história e sobre cada personagem.

Figura 18 - Contação da história e sobre cada personagem



Fonte: o próprio autor

Quadro 16 - Transcrição do terceiro encontro realizado com a participante

Transcrição do registro em vídeo Encontros 3, 4 e 5 06/03/2022
T: Palmas! Parabéns, eu gostei bastante de ver você contando a história em Libras, porque você lembrou os trechos e contextualizou de forma clara. Lendo e sinalizando em português não flui de forma natural, você tenta sinalizar e contextualizar as palavras em português e é mais difícil. A história que você contou, toda a história não passa de um sonho? G: Sim, é! T: Qual personagem sonhou? A menina ou o coelho? Tela da Giovanna está travada, aguarda, voltou. G: Coelho. T: Ok! Qual o local que acontece a história? G: O quê? T: A história acontece onde? Em casa, na rua, onde? G: Na floresta, fazenda. T: Entendi. (Tarcísio faz anotações com caneta, lê outra tela e volta o olhar para a tela com Giovanna e direciona a pergunta), na história o coelho encontra uma menina negra, essa menina tem um nome? G: A-N-A. T: A menina se chama A-N-A. G: Sim! T: A-N-A ajuda no quê? G: Levando o coelho para casa, deu comida, eles dormiram e brincaram muito.

T: Entendi, certo... Fiquei pensando por que ele foi pescar? Já tinha ido na casa dela se alimentado, agora pescar? Por quê?

G: Olha, eles acordaram, tomaram café, comeram, a tarde brincaram muito isso demorou, depois ele sentiu fome e foi pescar...

T: Agora entendi, ficaram muito tempo brincando e sentiram fome, certo, concordo com você. Mais uma pergunta, a história conta sobre um coelho que estava perdido da família, é isso ou não?

G: Foi só um sonho!

T: Perfeito, eu quero saber a história que foi contada, existe uma comparação com nossa vida real, **você pode me apresentar um exemplo de como essa história representa algo em nossa vida?**

Giovanna pensa...

G: História?

T: Sim, por exemplo, você contou a história, ok, agora sobre nossa vida, eu, você, mãe, pai família, tem alguma comparação da história com nossa vida?

G: Não!

T: Por exemplo, ela ajudou e deu alimentos para o coelho, hoje vemos isso entre nós?

G: Sim!

T: Tem alguém que pesque?

G: Não... tem meu avô no sítio...

T: Então tem comparações da história com parentes que fazem as mesmas coisas... Tem café? É óbvio que de manhã todas as pessoas tomam café.

G: Sim!

T: Brincadeira? Não tem?

G: Tem sim!

T: Claro, na escola, em casa, tem brincadeiras...

G: Sim, tem!

T: Isso, alguns acontecimentos reais são representados na história, certo? Agora vou perguntar sobre a história, ela é um sonho, e nela você sinalizou floresta, encontrou, comeu, brincou, **foi embora, pescou, depois ele acordou, ficou, que estava em casa, e ficou aliviado, certo?**

G: Sim!

T: Agora eu posso projetar o texto e perguntar o sinal de algumas palavras e você me mostrar? Ok, me mostre os sinais que lembrar. Espere.

(Ele projeta uma tela com a escrita do texto em português).

T: Ok, certo, consegue ver?

G: Sim!

T: A maioria das palavras tem sinais, é fácil, mas vou perguntar algumas palavras principais. Ana tem sinal?

G: Tem (ela apresenta o sinal).

T: T-E-R-E-R-É o que é?

G: Sabe, cabelo trança...

T: Certo, A-V-E-N-T-U-R-A-S, o que é?

G: Floresta.

T: Ok, agora abaixo (Ele faz anotações a lápis, seleciona outro trecho do texto). O personagem coelho tem sinal?

G: Sim (ela sinaliza gravata borboleta).

(Ele rola o texto em outra parte).

T: O que significa, o coelho, branco, doce, macio, o que significa essa frase?

G: Eu não vi, travou.

T: Coelho branco, doce e macio, o que significa essa frase?

G: (Pensa fica olhando para cima) é coelho branco, fofinho.

T: Ah entendi, fofinho certo, outra palavra, B-O-S-Q-U-E V-E-R-D-E, o que é?

G: (Pensa fica olhando para cima) grama...

T: É igual à floresta verde, certo. N-E-V-E o que é?

G: Sinaliza neve... Espera, não, é o nome do coelho!

T: Ah sim, o coelho se chama Neve (Ele faz anotações a lápis, rola o texto que está sendo apresentado até o final) Certo...Ok, espere. Eu vou selecionar a personagem ANA (apresenta o sinal), **o coelho que se chama neve (apresenta o sinal)**, vou organizar melhor e teremos os próximos encontros, deixa eu ver outros... **Eu acho que hoje é isso, e já finalizamos.**

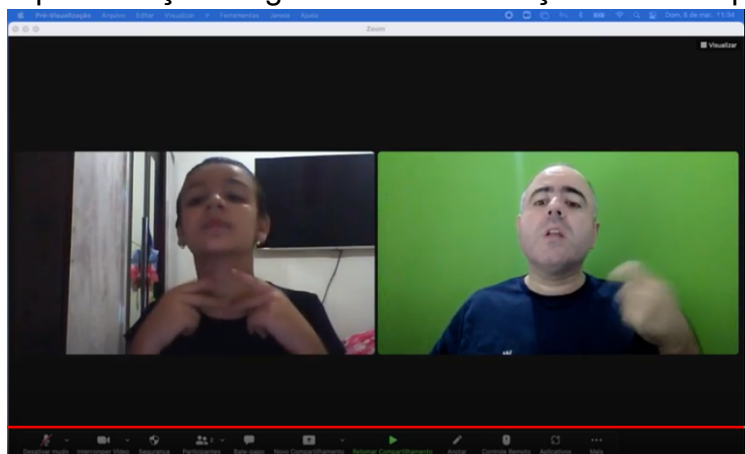
Agora vou organizar e combinar o dia para o próximo encontro e daremos continuidade. Mas não se preocupe com a diferença de palavras e sinais, vou organizar e você fará a interpretação direta da história, tá bom! Muito obrigado, qualquer coisa que precisar pode falar.

Fonte: o próprio autor

De acordo com as informações transcritas no Quadro 16, o pesquisador parabeniza a participante e faz um adendo notando que sinalizando em Libras ela conseguiu contar a história de forma fluída, diferente de quando tentou seguir o português. Após isso, ele faz uma série de perguntas relacionadas ao livro, como: o local onde se passa a história, o nome dos personagens e se ela se inspirou em situações da vida real. Ela diz que não, porém, após diversos exemplos se chega à conclusão que muitas situações citadas no livro acontecem cotidianamente.

Após tirar suas dúvidas, o pesquisador combina com a participante de projetar palavras em português para que ela possa sinalizar, como: Ana, tererê, aventuras, bosque verde e Neve, nome do personagem coelho, conforme segue trecho destacado na Figura “G: O coelho que se chama neve (apresenta o sinal).

Figura 19 - Apresentação do glossário e sinalização visual do personagem



Fonte: o próprio autor

O pesquisador anota o que foi falado e esclarece que irá organizar melhor as informações que obteve e que irão realizar outro encontro.

Quadro 17 – Diário de campo do Pesquisador

Diário de campo do Pesquisador
Encontros 3, 4 e 5
06/03/2022

[...] **o conflito existe quando o português é imposto para a comunidade surda**, as crianças surdas no geral, **é desconfortável e o cansaço mental** que precisa **ser feito para compreender as palavras é notório, visto que são línguas com estruturas gramaticais diferentes**, mesmo ela estudando em escola bilíngue que tem o ensino do português, mesmo assim o esforço para a compreensão é maior que do da **língua de sinais que para ela sendo surda é natural**. Isso é perceptível para os surdos e suas famílias, **é óbvio que a sinalização ocorre de maneira natural para os fluentes em língua de sinais**. [...]

Fonte: o próprio autor

J – Narrativa em Libras da história produzida pela criança surda

Este eixo foi composto por uma narração em Libras da participante sobre a história “A menina negra e o coelho branco”. A seguir apresenta-se os fragmentos da transcrição do encontro realizado com a criança, demonstrando a interação ocorrida no momento da coleta e que foram aglutinadas neste núcleo.

Quadro 18 – Diário de campo do Pesquisador

Transcrição do registro em vídeo Encontros 3, 4 e 5 06/03/2022
G: Então eu acho que sinalizar em Libras fica mais fácil, o português escrito é um pouco confuso. T: É confuso encaixar português e Libras, mas sinalizar em libras direto... Agora você pode sinalizar a história direto sem eu projetar o português, do seu jeito com os sinais que você conhece, quero ver... G: O Português é para ouvintes que fazem a leitura. T: Isso, em Libras direto, sinaliza de novo. G: Agora? T: Sim, pode. G: A menina foi caminhando até a feira comprar frutas, passando pela floresta viu um coelho chorando muito, ela pensou e foi perguntar, por que você está chorando? Estou chorando porque quero minha casa, minha mãe e meu pai. A menina disse: - Quer vir pra casa comigo? O Coelho aceitou. Ao anoitecer eles foram deitar, um ao lado do outro, ao amanhecer, acordaram e foram tomar café e brincaram bastante, depois se despediram e foram embora. O coelho sentiu fome e pensou “acho que vou pescar”, ele conseguiu pescar um peixe, assou no fogo e sentiu sono e dormiu, ao acordar percebeu, “nossa estou em casa”, andou viu a mãe e o pai, os abraçou, e pensou: “peraí”, como assim, ah entendi, era um sonho! T: Entendi, você sinalizou de forma natural, muito melhor do seu jeito, parabéns eu gostei! G: Obrigada. T: Depois vou me organizar, e você também vai ter tempo e sinalizar de forma contextualizada, muito obrigado, desculpa vamos marcar um horário no domingo. Depois combino o próximo encontro com sua mãe, mas vai demorar um pouco porque tenho que organizar o que você já fez, beijo abraço, muito obrigado. G: Joia, tchau! T: Ok (Ele ia encerrar a transmissão, ela interrompe...) G: Bom Domingo! T: Para você também, tchau! G: Tchau!

Fonte: o próprio autor

Observando os trechos transcritos no Quadro 18, a participante explica que a sinalização em Libras é mais clara comparada à sinalização a partir do português escrito como ditado “o português é para ouvintes que fazem a leitura” pelo participante. Dessa forma, ela sinaliza a história em Libras e é parabenizada pelo pesquisador, pois se tornou visível a facilidade e naturalidade ao narrar o livro da sua forma. Após a narração, o pesquisador se despede e diz que irá entrar em contato para os próximos encontros.

Conforme descrito na Figura 20, a autora estava explicando sobre Libras e português e também sobre o glossário e a sinalização, a partir do diálogo:

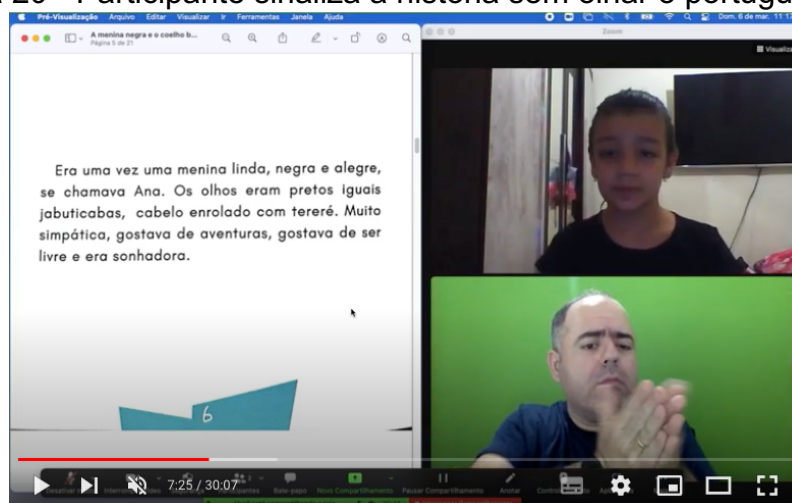
G: Então eu acho que sinalizar em Libras fica mais fácil, o português escrito é um pouco confuso.

T: É confuso encaixar português e Libras, mas sinalizar em libras direto... Agora você pode sinalizar a história direto sem eu projetar o português, do seu jeito com os sinais que você conhece, quero ver...

G: O Português é para ouvintes que fazem a leitura.

T: Isso, em Libras direto, sinaliza de novo.

Figura 20 - Participante sinaliza a história sem olhar o português



Fonte: o próprio autor

De acordo com o estudo de Silva (2005), o uso de mesclas em contextos de educação bilíngue tem sido uma grande polêmica: há que se considerar que as mesclas são comuns em contextos bilíngues e obedecem a certos padrões sociais; entretanto, relativamente às questões pedagógicas, Hamel (1989 *apud* SILVA, 2005) afirma que a alternância de códigos no caso da educação bilíngue precisa obedecer a estratégias pedagógicas sistemáticas para viabilizar o processo de ensino-aprendizagem.

Quando um bilíngue de língua de sinais usa uma língua de sinais com um interlocutor, uma forma de língua falada sinalizada com outro, uma mescla de ambas com uma terceira, uma forma de comunicação simultânea (sinal e voz) com uma quarta, etc., os diversos comportamentos são o resultado de um número de fatores complexos [...]. (GROSJEAN, 2008, p. 226).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se, através dos conteúdos das diversas disciplinas, durante o percurso do mestrado, o direito de igualdade para os surdos quanto ao acesso à cultura letrada. Já durante a observação da prática na pesquisa de campo, compreendeu-se que a tecnologia pode ser uma grande aliada a este processo.

No material apresentado nesta investigação, o livro com QR *code*, confirma que a criança surda tem liberdade de acessar à leitura sem depender de alguém outro, contando a história em Libras, pois essa ação é automática durante a leitura com a abertura da janela de Libras.

Por isso este material se apresenta primeiramente em Libras para o público infantil surdo e em segundo plano, porém, ao mesmo tempo em língua portuguesa, para estimular a leitura e letramento na segunda língua da criança surda. Sabe-se que a língua portuguesa ainda vem se constituindo um grande desafio para a comunidade surda.

Para o sujeito da pesquisa, que é uma criança surda, nascida em um lar com pai e mãe surdos, onde a primeira língua de todos que a rodeiam é a Libras, neste caso a língua portuguesa como segunda língua fica apenas sob responsabilidade de ensino na escola, de fonoaudiólogos, psicólogos, enfim, de profissionais. Afinal, como os pais teriam proficiência em uma língua auditiva, se ambos são visuais?

O livro em questão contribui com essas famílias de surdos, já que, desde a primeira infância dos filhos surdos, a língua de sinais é a língua natural dentro de casa, e os filhos ainda não frequentam as escolas e ou têm contato com profissionais que ensinam a segunda língua.

Desta forma, quando as crianças chegam na escola ou têm contato com profissionais pedagogos e de saúde, já estão íntimas com um rico repertório de leitura, pois, iniciaram em sua língua materna, porém, também acessaram a segunda língua, mesmo sem saber o que estavam fazendo, pelo uso do QR *code*, acessando literatura.

Este processo torna o letramento de ambas as línguas, a L1 (Libras) e a L2 (Português), mais sutil e sem traumas para a criança surda quanto à aquisição das línguas. Como acontece nos lares ouvintes, em que os pais leem histórias dos livros infantis para as crianças ouvintes desde bebês.

Acredita-se que este livro tem várias possibilidades de aplicação de acordo com a vontade dos familiares e dos professores, pois podem utilizá-lo como material

didático em sala de aula. Desta forma oportuniza-se também para que crianças ouvintes tenham acesso à Libras como L2.

Considera-se, assim, que as funcionalidades desse material são diversas e poderiam dar continuidade, na pesquisa, em um doutorado. Há muitas possibilidades para o desenvolvimento de um material na área da Educação.

O estudo mostrou a usabilidade do QR *code* como uma ferramenta que fomenta a acessibilidade da criança surda, de forma que ela seja capaz de desenvolver a cultura letrada. O produto foi além, como mencionado, proporcionando reflexionar sobre a importância de considerar que os surdos possam, desde a tenra idade, produzir cultura letrada em Libras, além de estimular o letramento em língua portuguesa.

Outrossim, idealizou-se, ao findar esta pesquisa, que editoras estudem as possibilidades da publicação deste material aqui proposto por esse autor com identidade surda.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. **Filologia e o estudo léxico**. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_244.pdf. Acesso em: 27 set. 2018.
- ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 95-103, 2013.
- BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel **Escrita de sinais sem mistérios**. 2. ed. Salvador: Libras escrita, 2015. Disponível em: https://issuu.com/librasescrita/docs/escrita-de-sinais-sem-misterios_2-e. Acesso em: 11 nov. 2022.
- BARROS, Thatiane do Prado. **Experiência de Tradução Poética de Português/Libras: Três Poemas de Drummond**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BARROSO, Ary; TOQUINHO. **Música Aquarela do Brasil**. Odeon, 1939.
- BELO, José Tiago Ferreira. **Representações surdas sobre a língua de sinais no Facebook**. 2016. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/7201/Jos%c3%a9%20Tiago%20Ferreira%20Belo_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 05 out. 2022.
- BERBERIAN, Ana Paula; MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira. Alteridade e(ou) identidade: a surdez como (in)diferença à singularidade. *In*: GEGe - Grupo de Estudos dos Gênero do Discurso (org.). **Palavra e Contrapalavras**: cortejando a vida na estética do cotidiano. São Carlos: Pedro & João, 2016, v. VII, p. 54-64.
- BÓZOLI, Daniele Miki Fujikawa. **Educação bilíngue de surdos: o uso da escrita de sinais SignWriting na aprendizagem do português como segunda língua**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2021.
- BRANSKI, Regina Meyer; FRANCO, Raul Arellano Caldeira; LIMA JUNIOR, Orlando Fontes. Metodologia de estudo de casos aplicada à logística. *In*: ANPET CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM TRANSPORTES, 24., 2010, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, 2010. p. 1.
- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 28 set. 2018.
- BRASIL. Ministério Público do Trabalho. **Lei n. 13.146 de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência. Vitória: Procuradoria Regional do Trabalho da 17ª região, 2016. 60 p.
- BRASIL. **Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas

que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. 2004. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dp dh/sicorde/dec5296.asp>>. Acesso em 26 ago. 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm>. Acesso em 26 ago. 2021.

BRASIL. **Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014**. Lei que dispõe sobre o Plano Nacional de Educação PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 26 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 18 jan. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em 26 ago. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei n.º 4.909, de 2020**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e as bases da educação, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Avulso inicial da matéria. Brasília, 13 out. 2020. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleggetter/documento?dm=8898907&ts=1637584014037>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRASIL. Decreto n.º 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 18 nov. 2011c. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato201-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 24 jan. 2022.

BRASIL. **Lei n.º 14.191, de 03 de agosto de 2021**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União. Brasília, 04 ago. 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/34639654>. Acesso em: 05 jan. 2023.

COSTA, Edivaldo da Silva. Tendências atuais da pesquisa em escrita de sinais no Brasil. **Revista Diálogos “Educação, inclusão e Libras”**, v. 5, n. 3, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/5635>. Acesso em: 11 nov. 2022.

EISENHARDT, Kathlemm Marie. Building Theories from Case Study Research. **The Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.

FERNANDES, Sueli de Fátima. Letramentos bilíngues de estudantes surdos no ensino superior: um estudo das lendas brasileiras. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 36, n. 76, p. 217-241, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/60476/33881>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GROSJEAN, François. **Studying Bilinguals**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2008. Disponível em: https://www.francoisgrosjean.ch/bilin_bicult/6.%20Grosjean.%20.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.

GUMIERO, D. Gomes; COSTA, E. da Silva; NASCIMENTO, L. Ramos Souza do. Análise de Expressões Não-Manuais em Traduções de Literaturas Surdas Infantis em Escrita de Sinais – Sistema Signwriting. **Línguas & Letras**, [s. l.], v. 20, n. 48, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/23558>. Acesso em: 11 nov. 2022.

HEBERLE, Viviane. Texto, discurso, gêneros textuais e práticas sociais na sociedade contemporânea: tributo a José Luiz Meurer. **Cadernos de Linguagem e Sociedade - Papers on Language and Society**, v. 12, n. 1, p. 155-168, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/256199767_Texto_discurso_generos_textuais_e_praticas_sociais_na_sociedade_contemporanea_tributo_a_Jose_Luiz_Meurer. Acesso em: 12 nov. 2022.

KRENTZ, Christopher. The camera as printing press: How film has influenced ASL literature. In: BAUMAN, H-Dirksen; NELSON, Jennifer; ROSE, Heidi (org.). **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça.; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LURIA, Alexander Romanovich. **Conciencia y lenguaje**. Madrid: Visor, 1995.

MACIEL, Simone Conceição Vecchio de Castro. **Um estudo de usabilidade em uma plataforma de ensino superior a distância: a percepção dos usuários sobre as atividades virtuais**. 2019. Dissertação (Mestrado) – UNITAU, Taubaté, 2019.

MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira. Língua(gem), leitura e surdez. In: GEGe - Grupo de Estudos dos Gênero do Discurso (org.). **Palavra e Contrapalavras: lendo os pedaços singulares do mundo com Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João, 2016, v. VIII, p. 266-299.

MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira; LOUZADA, J. C. L.; CIANTELLI, A. P. C. Inclusão O INES-BRASIL como facilitador da identificação de barreiras de acessibilidade em uma universidade pública brasileira (Org). Inclusão universitária no século XXI: dilemas atuais / MARTINS, S. E. S. O.; CIANTELLI, A.P.C – Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. Disponível in: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/400.

MEURER, José Luiz; DELLAGNELO, Adriana Kuerten. **Análise do Discurso**. 2008. Dissertação (Graduação em Letras-Libras EAD) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. **Literatura Surda**: Experiência das Mãos Literárias. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. *In*: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Melanie.; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. (org.). **Cultura Surda na contemporaneidade**. Canoas: ULBRA, 2011. p. 71-90.

OLSON, David R. La cultura escrita como actividad metalingüística. *In*: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. (comp.). **Cultura escrita y oralidad**. Barcelona: Gedisa, 1991. p. 333-358.

PAULA, Luciane de; ZANDONADI, Raquel Santos. Fanfiction: leitura e escrita na era digital. **Línguas & Letras**, Univ. Estadual Oeste Paraná-unioeste, v. 21, n. 49, p. 86-107, 2020.

PELUSO, Leonardo. Consideraciones teóricas em torno a la educación de los sordos: especial, bilingüe, inclusiva. **Revista Educação Especial**, [s. l.], [s. n.], 2019.

PELUSO, Leonardo. **La escritura y los sordos**. Entre representar, registrar/grabar, describir y computar. Mendoza: TUILSU, 2020. Disponível em: <http://www.tuilsu.edu.uy/biblioteca/espanol/peluso2020.pdf> Acesso em: 27 maio 2022.

PELUSO, Leonardo. La lengua de señas uruguaya y las políticas lingüísticas. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, v. 14, n. 26, mar. 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/b8ab9d9f392bbe6d21545e30d2521438.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2022.

PELUSO, Leonardo. Los sordos, sus lenguas y su textualidad diferida. **Traslaciones**, Mendoza, v. 5, n. 9, nov. 2018. Disponível em: <http://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/traslaciones/article/view/1311>. Acesso em: 27 maio 2022.

PELUSO, Leonardo. **TUILSU-Imagen Producciones Consideraciones teóricas, metodológicas y políticas**. Montevideo: Tuilsu/Fhce/UdelaR, 2014. p. 31-40. Disponível em: <http://www.tuilsu.edu.uy/biblioteca/espanol/librillo2014.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2022.

PEREIRA, Ana Paula; CONEGLIAN, André Luís Onório; BORTOLIN, Sueli; ALCARÁ, Adriana Rosecler. O livro de imagem e a inclusão da criança surda na biblioteca escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 26, n. 2, p. 104-123, jun./2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/BjhmQ3vsYYyZr4N3pr74CfM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2022.

PERLIN, Gladis T. T. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

QUADROS, Ronice M. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMALHO, Gabriela da Silva; RIBEIRO, Carolina de Freitas; SILVA, Janaina Ribeiro. **O mundo mundial de Manolito Gafotas**: traduções, literatura e audiovisual. 2014. Universidade de Brasília (UnB). Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10216/1/2014_CarolinaDeFreitasRibeiro_GabrielaDaSilvaRamalho_JanainaRibeiroSilva.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.

SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, Heloísa M. M. L. *et al.* **Ensino de Língua Portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SILVA, Alene Batista; GUMIERO, Daniela Gomes. A formação de tradutores de escrita de língua de sinais em cursos técnicos de Libras no Espírito Santo. **Revista Translatio**, n. 15, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/81336>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SILVA, Ivani Rodrigues. **As representações do surdo na escola e na família**: entre a (in)visibilização da diferença e da “deficiência”. 2005. 280 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=493451>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SILVA, Mateus Freire Santana *et al.* QR CODE: um gênero discursivo em ascensão e a sua utilização no espaço educacional. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL, 3., E CONGRESSO NACIONAL DE MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, 5., 2021, Bahia. **Anais [...]**. Bahia: UESB, 2021. p. 1-17.

SOARES, Maria Helena Alemany; PEREIRA, Janaí de Abreu; PATERNO, Uéslei; VINAS, Abenamar Cristian Elcaras. A Inclusão do Surdo nos Espaços Culturais Turísticos de Florianópolis. **Revista Virtual de Cultura Surda**, n. 11, p. 6-7, jun. 2013.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2021.

VYGOTSKI, Lev Semiónovic. **Obras Escogidas de Vygotski**: Fundamentos de defectología. Cidade: Amazon, 1997. *E-book*.

Yin, Robert K. (2009) **Case study research**, design and methods (applied social research methods). Thousand Oaks. California: Sage Publications.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO – TCLE**

Estamos realizando um estudo para uma disciplina na Unesp de Marília que tem como tarefa a realização de uma entrevista. No nosso caso, o tema da entrevista é **LIVRO DE LITERATURA INFANTIL TRADUZIDO EM LIBRAS: A USABILIDADE DO QR COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE À CULTURA LETRADA**. O objetivo é um aprofundamento sobre o tema. Participar desta pesquisa e entrevista é uma opção sua.

Caso aceite participar deste projeto gostaríamos que soubessem que:

A) Sua participação estará restrita a realização de uma entrevista sobre o **Livro de Literatura Infantil traduzido em Libras: a usabilidade do QR como ferramenta de acessibilidade à cultura letrada**. Os resultados da entrevista poderão ser apresentados na disciplina, ou congressos, eventos científicos, e em publicações, porém, sem identificação de nomes ou identidades.

Eu, **NOME COMPLETO** portador do RG **XXXXXXX-X** Declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa e concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento. Declaro ainda estar ciente de que a participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Certos de poder contar com sua autorização, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos, através do(s) telefone(s) _____ falar com NOME DO ENTREVISTADOR.

Autorizo,

Data: ____/____/____

(Nome e assinatura do entrevistado)

(Nome e assinatura do entrevistador)

APÊNDICE B - PRÉ-QUESTIONÁRIO

- 1 - Seu sinal? Nome? Idade
- 2 - Em qual escola você estuda?
- 3 - Qual sua série?
- 4 - Você sempre estudou nessa escola?
- 5 - Sua classe tem outros alunos surdos ou você é o único(a)?
- 6 - Você já teve acesso a um livro sinalizado?
- 7 - Lembra do título e da história? Conta como era o livro para mim?
- 8 - Você tem livro na sua casa?
- 9 - Que livro você tem?
- 10 - Você lê livros sozinho?
- 11 - Como você lê os livros?
- 12 - Você sabe o que é QR?
- 13 - Já viu em algum lugar? Em qual lugar você observa o uso do QR?
- 14 - Porque será que as pessoas têm usado o QR nesses materiais?
- 15 - Já viu algum livro de histórias infantis com QR?
- 16 - O que você acha do QR? Ele pode ajudar as pessoas a encontrarem o que?

A - CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA

B - DADOS DA ESCOLA

C - CONHECIMENTO DA CRIANÇA SOBRE LEITURA

D - TECNOLOGIA E USABILIDADE DO QR CODE EM MATERIAIS DE LEITURA

E - O USO DO QR NO ACESSO A LITERATURA INFANTIL

F - ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO VIDEOGRAVADA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM LIBRAS (ENCONTRO 3 4 5)

APÊNDICE C - PÓS-QUESTIONÁRIO

RETORNO A CRIANÇA E SEUS FAMILIARES PARA RELATAR OS RESULTADOS DA PESQUISA POSTERIOR A DEFESA

1 - Você gostou do livro com o QR *code*?

2 - Foi mais fácil?

3 - Você já teve acesso a uma obra parecida com essa?

4 - Gostaria de explicar qual foi sua sensação ao acessar o livro?

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA OPINIÃO DO PESQUISADOR SOBRE OS ENCONTROS REALIZADOS

26/02/2022 - Plano 1 - Opinião Pesquisador

Hoje foi o primeiro encontro com a participante do meu projeto de pesquisa, a Giovanna.

No início me assustei por que escolhi fazer a gravação pelo Meet, mas está com uma versão atualizada que não permite gravação e tive que mudar para a plataforma do Zoom, mesmo assim tive dificuldades e resolvi então gravar a tela com um programa próprio do meu notebook para evitar que a participante aguardasse mais tempo.

Estando tudo em ordem iniciamos, a participante no início demonstrou timidez o que é normal para o primeiro encontro, agora vou observar nos próximos encontros como será a interação.

Iniciei apresentando o texto e perguntado como ela gostaria que eu fizesse, ela acompanhar a leitura em português e eu sinalizar, ela disse que poderia ser assim, então a partir disso fiz 16 perguntas sobre o texto. Notei que ao responder ela não estava confortável em acompanhar o português e gostaria que ela se expressasse naturalmente, claro que para o primeiro encontro eu também estava apreensivo e ansioso por que para mim também, é a primeira vez que entrevisto alguém, estava inseguro, mas correu tudo bem. Percebi que em algumas questões ela gostaria de complementar suas respostas, por exemplo mostrei o QR ela me explicou como funciona, o acesso que ele permite, o uso para literatura ela fez um pequeno resumo e mostrou que tem conhecimento, relatou que na escola viu no livro dos três porquinhos e o lobo mau o QR, não se lembra qual o autor, só viu que tinha o QR, mas o professor não acessou, então não soube me explicar o que abriria nesse QR, mas na ocasião sinalizou a história em libras para ela.

Apresentei algumas literaturas para ela com a intenção de saber o que mais a agrada, e ela gosta de adaptações, quando o livro foi escrito em português e é traduzido para a língua de sinais assim consegue compreender claramente o que está escrito em português acompanhado da interpretação em língua de sinais. Tem

interesse também pelas palavras do texto e acompanha a sinalização para entender as palavras, às vezes faz a leitura sozinha e quando tem alguma dificuldade e não entende alguma palavra pede orientação para a professora ou para os pais. Fiquei admirado e ao mesmo tempo sei que o interesse pelo português é a influência da escola que é bilíngue e incentiva o português e Libras, ela tem o contato com as palavras em português e aprende os sinais contextualizados, ela relatou que não aprende as palavras isoladas por que não representa nada, mas as palavras em contexto para ter um significado, fiquei admirado com o relato. Pretendo observar os próximos encontros e tentar agir naturalmente como se fosse uma conversa. Hoje teve os imprevistos da tecnologia, o atraso para a gravação e precisei pensar em uma estratégia rápida que foi o recurso de gravação de tela.

Mas essa foi minha impressão do primeiro encontro, no próximo será a escolha da literatura.

28/02/2022 - Plano 2 - Opinião Pesquisador

No 2º encontro foi o momento de selecionar os livros. Eu mostrei alguns livros para ela, alguns tem a opção de SignWriting e ela não conhecia, na escola nunca apresentaram ou falaram sobre. Ela gostou da contação de história visuais, o uso de avatar, percebi que ela gostou bastante.

Ela me mostrou livros que gosta sobre animais, sobre indígenas, mas as histórias que mais a fascina e que ela ama são da Turma da Mônica, também me mostrou o livro sobre a história da menina negra e o coelho branco, fiquei admirado, mas ama a história da Turma da Mônica por que tem contato diariamente. A partir disso surgiu uma curiosidade como ela vê as palavras no texto e como relaciona aos sinais, se ela compreende o contexto ao vê-las inserida no texto, ela disse que quando vê algumas palavras que não entende e quer saber o significado, pergunta para a professora ou para os pais e eles explicam o significado e ela contextualiza através do significado na história. Em sala de aula quando a professora propõe alguma atividade e ela não compreende a palavra, não hesita em perguntar o significado. Isso acontece em qualquer contexto, seja na rua, em casa quando vê palavras que não sabe faz perguntas para compreender o significado, achei interessante o ela

questionar e buscar conhecer palavras do português, a curiosidade que tem para conhecer.

Após essa interação, ela fez a escolha entre dois livros que achou interessante, o primeiro sobre SignWriting que para ela é novidade, gostou pelo aspecto visual e forma representativa dos sinais através das imagens. No primeiro contato eu mostrei um sinal em SignWriting, ela viu, sinalizou o que via na figura e conseguiu decifrar o sinal, eu vendo o livro às vezes não consigo decifrar, mas ela no primeiro contato já identificou os sinais. Fiz novamente uma apresentação, agora focando nas configurações de mãos que é o básico para ver se ela identificava, configurei minhas mãos em garra e ela percebeu e decifrou sinal de mundo/planeta terra. Ficou admirado com a percepção visual fantástica dela, e como as crianças surdas percebem mais rápido do que nós surdos adultos, claro que outros fatores contribuem para esse raciocínio rápido, como por exemplo a faixa etária, a fase escolar, o desenvolvimento na aprendizagem.

O segundo livro que ela escolheu foi “A menina negra e o coelho branco”, é de própria autoria, inclusive os desenhos e a interpretação em libras. Após a aula com a professora e os colegas, ela começa a desenhar e escreveu um livro, pode ser que ela já tenha visto uma história parecida para servir de referência, porque achei parecida com a história “A menina bonita com laço de fita”, mas quando perguntei ela disse que nunca viu a história que não conhece, fiquei impressionado com as ideias brotando dela e ela externar isso no papel. Perguntei se além da escrita e das imagens, a história tem a interpretação em Libras, ela disse que não porque ela apresentou em *lives* e vídeos no período de pandemia e isolamento que todos estávamos em ambiente remoto. Sobre o título ser sobre a menina negra, ela relatou que a pessoa negra a tempo sofre a discriminação, o preconceito e quis das o espaço e a representividade ao negro na sua história, que há tempos percebe na sociedade o branco sempre a frente, influenciando em todas as áreas e o negro sempre minoria, depois desse relato a questioneei quem a influenciou com esse discurso, ou ensinou sobre a discriminação, ela disse que tem familiares negros e também já assistiu filmes que retrata a história dos negros, à partir disso sentiu pena dessa minoria sofrer por tanto tempo, ninguém influenciou a sinalizar isso, a percepção dela sobre os fatos a fez querer relatar em sua história, tem as perspectivas familiares e internas dela mesma. achei interessante e gostei bastante dessa visão de empatia. No próximo

encontro iremos ver algumas palavras do texto e a contextualização das palavras na história. Aguardaremos os próximos passos.

06/03/2022 - Plano 3, 4 e 5 - Opinião Pesquisador

Hoje no 3º e 4º encontro trabalhei a contação da história e os sinais de algumas palavras selecionadas do texto. A Giovanna sinaliza muito bem, ela compreendeu bem a história e sinalizou fluentemente o que compreendeu.

Primeiro eu apresentei a história em português ela tentou acompanhar sinalizando conforme as palavras, ela se atrapalhou e pediu se poderia sinalizar a história do seu jeito, na sinalização é possível a compreensão clara da história, alguns detalhes como nome dos personagens e seus sinais foram omitidos, ela fez o uso do sinal genérico por exemplo, a menina ANA o sinal simulando um tererê no cabelo, ela fez só o sinal de menina, o coelho branco o sinal de gravata borboleta, ela sinalizou o coelho, sinalizou do jeito dela através da compreensão visual que teve, os nomes próprios entende que são elementos da língua portuguesa fazendo opção de omiti-los e seguir na sinalização direta da história em contexto. O surdo visualiza e sinaliza isso é natural, sinalizar o que está vendo, por isso selecionei algumas palavras do texto e perguntei se ela compreendia e poderia me apresentar o sinal de tal palavras, ela relatou que sempre há um conflito quando tem que ficar presa a palavras do português, por que é natural para os ouvintes aprender as palavras para fazer uma leitura, já o surdo através da língua de sinais ele consegue contar a história contextualizada, eu concordei com ela sobre as diferenças, português é uma língua para os ouvintes e a língua de sinais para o surdo, as línguas possuem regras gramaticais em ambas as línguas de diferentes modalidades, a língua de sinais é visual o surdo faz a construção imagética do referente para sinalizar e não podemos impor o uso do português e achar que o surdo se sentirá confortável, se houver a imposição haverá conflito mental e não haverá compreensão. É importante observarmos os sujeitos conforme o uso da sua língua de origem, os surdos fazem o uso da língua de sinais como L1 e a língua portuguesa como L2, língua distintas com estruturas gramaticais próprias e que devem ser respeitadas.

Complementando minha observação, no início do encontro notei que ela estava sinalizando de forma travada por causa do português, tentava sinalizar as palavras que via no texto, então usei outra estratégia de pedir para ela sinalizar o que via nas imagens do texto, ela assim o fez, sinalizou a história. É perceptível o conflito existente

quando o português é imposto para a comunidade surda, as crianças surdas no geral, é desconfortável e o cansaço mental que precisa ser feito para compreender as palavras é notório, visto que são línguas com estruturas gramaticais diferentes, mesmo ela estudando em escola bilíngue que tem o ensino do português, mesmo assim o esforço para a compreensão é maior que do da língua de sinais que para ela sendo surda é natural. Isso é perceptível para os surdos e suas famílias, é óbvio que a sinalização ocorre de maneira natural para os fluentes em língua de sinais.

APÊNDICE E - CRONOGRAMA DE PESQUISA

Todas as atividades incluindo a defesa da dissertação de mestrado devem ser cumpridas no prazo máximo de 24 meses, assim o projeto deve trazer um cronograma, elaborado em forma de quadro, contendo as atividades a serem desenvolvidas e os meses a elas referentes.

Quadro 19 - Cronograma da pesquisa

CRONOGRAMA																								
MESES	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ		
ATIVIDADES	1º / 2021					2º / 2021					1º / 2022					2º / 2022								
1. Cursar disciplinas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X														
2. Levantamento bibliográfico	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X														
3. Coleta de dados													X	X	X	X								
4. Análise de dados													X	X	X	X								
5. Análise comparativa dos dados													X	X	X	X								
6. Organização e resultados															X	X	X	X						
7. Divulgação dos resultados parciais																	X	X	X					
8. Exame de qualificação																		X	X					
9. Redação da tese																			X	X				
10. Defesa da tese																				X				
11. Finalizado																							X	

Fonte: o próprio autor

ANEXOS

ANEXO A - TCLE

Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

APÊNDICE A - Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Estamos realizando um estudo para uma disciplina na Unesp de Marília que tem como tarefa a realização de uma entrevista. No nosso caso, o tema da entrevista é **LIVRO DE LITERATURA INFANTIL TRADUZIDO EM LIBRAS: A USABILIDADE DO QR COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE À CULTURA LETRADA**. O objetivo é um aprofundamento sobre o tema. Participar desta pesquisa e entrevista é uma opção sua.

Caso aceite participar deste projeto gostaríamos que soubessem que:

A) Sua participação estará restrita a realização de uma entrevista sobre o **Livro de Literatura Infantil traduzido em Libras: a usabilidade do QR como ferramenta de acessibilidade à cultura letrada**. Os resultados da entrevista poderão ser apresentados na disciplina, ou congressos, eventos científicos, e em publicações, porém, sem identificação de nomes ou identidades.

Eu, **Diane de Lima Rezende** portador do RG **41.806.143-9** Declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa e concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento. Declaro ainda estar ciente de que a participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Certos de poder contar com sua autorização, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos, através do (s) telefone (s) 1197182-5995 falar com Tarcísio Paciulo Castilho.

Autorizo,

Data: 26/02/22


(Nome e assinatura do entrevistado)


(Nome e assinatura do entrevistador)

ANEXO B – PLANO DE ENCONTRO**1º ENCONTRO - Apresentação e aplicação de questionário****IDENTIFICAÇÃO**

Local: Remoto (plataforma *Zoom* ou *Meet*)

Duração: entre 1h e 1h30

Data: Janeiro/2022

Quantos participantes: 3 crianças

OBJETIVOS DO ENCONTRO

1. Apresentação do pesquisador e dos alunos participantes da pesquisa. Todos os encontros serão em Libras. Um pouco sobre a vida do pesquisador e o que é a presente pesquisa, número de encontros com os alunos, como será conduzida, e demais informações básicas.
2. Aplicação de um questionário pré para as crianças, para conhecer o perfil de leitura delas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO ENCONTRO

Apresentação do pesquisador e os alunos.

Aplicação do questionário pré para verificar o perfil das crianças.

QUESTIONÁRIO:

- 1 - Seu sinal? Nome? Idade?
- 2 - Em qual escola você estuda?
- 3 - Qual sua série?
- 4 - Você sempre estudou nessa escola?
- 5 - Sua classe tem outros alunos surdos ou você é o único(a)?
- 6 - Você já teve acesso a um livro sinalizado?
- 7 - Lembra do título e da história? Conta como era o livro para mim?
- 8 - Você tem livro na sua casa?
- 9 - Que livro você tem?
- 10 - Você lê livros sozinho?
- 11 - Como você lê os livros?
- 12 - Você sabe o que é QR?
- 13 - Já viu em algum lugar? Em qual lugar você observa o uso do QR?
- 14 - Porque será que as pessoas têm usado o QR nesses materiais?
- 15 - Já viu algum livro de histórias infantis com QR?
- 16 - O que você acha do QR? Ele pode ajudar as pessoas a encontrarem o quê?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. Apresentação do pesquisador e dos alunos com conversa básica e informal com algumas questões introdutórias: (olá, tudo bem? sinal? nome? e assim por diante). A língua dos encontros para esta pesquisa será Libras, que serão transcritas para a língua portuguesa para compor os apêndices da investigação.
2. Apresentar o pré questionário para as crianças, conforme anexo 1, intermediando com diálogos para que elas entendam o questionário e o respondam. O questionário será sinalizado pelo pesquisador diretamente para as crianças, que poderão individualmente cada uma das questões.
3. O encontro será transcrito para a língua portuguesa posteriormente.
4. O encontro será gravado como a coleta de dados da pesquisa via *Google Meet* ou *Zoom*.

AValiação

Espera-se que as crianças relatem suas experiências com o contato com a literatura infantil e conheçam as funções do QR.

RECURSOS DIDÁTICOS

- ✓ Google Meet ou Zoom
- ✓ Computador
- ✓ Internet
- ✓ Smartphone
- ✓ Questionário pré no Google
- ✓ PPT

RELATO DESCRITIVO DA ATIVIDADE REALIZADA

REGISTRO DA ATIVIDADE:

Este encontro será gravado em vídeo.

- ✓ ROTEIRO DE DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: (Essa parte será elaborada em Libras pelo pesquisador após o término da atividade desenvolvida com as crianças). Nesse momento o pesquisador terá que colocar as suas impressões/opinião sobre:
 - ✓ quais foram as dificuldades do pesquisador no desenvolvimento da atividade
 - ✓ quais foram os pontos positivo da estratégia utilizada
 - ✓ quais foram as dificuldades das crianças para responder as perguntas elaboradas pelo pesquisador
 - ✓ que aspectos/ situação surpreendeu o pesquisador que gostaria de registrar

2º ENCONTRO - Diálogo com as crianças e apresentação de literatura infantil

IDENTIFICAÇÃO

Local: Remoto (plataforma Zoom ou Meet)

Duração: entre 1h e 1h30

Data: Janeiro/2022

Quantos participantes: 3 crianças

OBJETIVOS DO ENCONTRO

Mostrar diferentes livros infantis para elas e conversar um pouco sobre cada uma das literaturas apresentadas.

Abrir para as crianças fazerem perguntas sobre o material apresentado.

Pedir para as crianças selecionarem o que elas já leram ou tem em casa traduzido ou produzido em Libras, para mostrar no próximo encontro para o pesquisador;

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO ENCONTRO

Inicialmente será perguntado se as crianças tem alguma preferência por alguma literatura infantil. Se gostam de alguma história infantil. Se eles têm esse livro em casa e se poderiam mostrá-lo pra turma. Em seguida será apresentado um livro da literatura infantil clássica pelo pesquisador, a saber: Patinho Feio; Cinderela, Feijãozinho.... e todos os que você tem...

Em seguida vou perguntar:

Vocês conseguem ver diferenças entre as formas de organização do livro. Se sim, quais?

Vocês me ajudam a separar os livros parecidos (em português, traduzidos e produzidos em Libras).

Como que o livro foi retratado em Libras (avatar, desenho, vídeo, signwriting, etc.).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Questionar os livros escolhidos para entender o motivo que os levou a escolha.

AVALIAÇÃO

Espera-se que as crianças relatem suas experiências com o contato com a literatura infantil e conheçam as funções do QR.

RECURSOS DIDÁTICOS

- ✓ Google Meet ou Zoom
- ✓ Computador
- ✓ Internet
- ✓ Smartphone
- ✓ Livros de literatura infantil
- ✓ PPT

RELATO DESCRITIVO DA ATIVIDADE REALIZADA

REGISTRO DA ATIVIDADE:

Este encontro será gravado em vídeo.

- ✓ ROTEIRO DE DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: (Essa parte será elaborada em Libras pelo pesquisador após o término da atividade desenvolvida com as crianças). Nesse momento o pesquisador terá que colocar as suas impressões/opinião sobre:
 - ✓ quais foram as dificuldades do pesquisador no desenvolvimento da atividade
 - ✓ quais foram os pontos positivo da estratégia utilizada
 - ✓ quais foram as dificuldades das crianças para responder as perguntas elaboradas pelo pesquisador
 - ✓ que aspectos/ situação surpreendeu o pesquisador que gostaria de registrar

3º ENCONTRO - Leitura da literatura escolhida para as crianças

IDENTIFICAÇÃO

Local: Remoto (plataforma Zoom ou Meet)

Duração: entre 1h e 1h30

Data: Janeiro/2022

Quantos participantes: 3 crianças

OBJETIVOS DO ENCONTRO

- Favorecer o contato da criança surdo com livros da literatura infantil traduzida em Língua de Sinais
- Conhecer as experiências das crianças sobre do contato com a literatura infantil (gênero narrativo);
- Propor encontros de leitura compartilhada para estimular a compreensão de textos narrativos em Português/ traduzidos para Libras;

CONTEÚDO DO ENCONTRO

- Apresentação da estrutura do texto narrativo (local, desenvolvimento da história, personagens);
- Descrição das características dos personagens (física e emocional/ personalidade);
- Análise dos sinais a eles atribuídos;
- Combinar/criar glossário dos personagens da história.

3o encontro

- Vocês gostaram do livro trazido pelo colega ou do meu livro?
- Por que gostou desse?
- Após as discussões sobre as preferências de cada um, faremos a votação por um título da literatura, que será contado e discutido no próximo encontro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

PASSOS DA METODOLOGIA

1. Apresentar o livro selecionado "XXXXX" com as crianças, sinalizando em Libras.
1. Ler a história junto com e para as crianças na versão traduzida em Libras;
2. Estimular a interação entre pesquisador e crianças para explorar o que mais chamou a atenção das crianças durante a leitura compartilhada.

4o. Fazer a leitura compartilhada da história escrita em português

Metodologia

1. Visualizar a leitura do livro selecionado "XXXX" com as crianças, sinalizando em Libras, usando a apresentação do PPT
2. Realizar a leitura compartilhada (incentivando as crianças a lerem a história na troca de turno - lê uma palavra e incentiva ela ler outra/ leitura da adivinhação);
 - Onde vcs acham que a história aconteceu? Como era esse local? Vocês acham que os personagens gostavam desse lugar?
 - enredo (sobre o que é a história) da história (apresentação de um fato/ situação; o desenvolvimento desta situação/ desfecho final - como termina)
 - (história entre uma neta e uma avó; a avó estava doente; a neta vai visitar a avó; no meio do caminho ela se distrai com a presença de um personagem interessado na cesta de comida dela; o narrador explora a ingenuidade da criança/ acredita na pessoa; ao final ela descobre que foi enganada; detalhar o conteúdo da história;
 - personagens
 - moral da história (o que a história nos ensina//transmite de conhecimento)
2. Solicitar para que as crianças repitam os sinais dos personagens e ou partes da história.
4. O professor responde às perguntas das crianças sobre a história.
5. Fazer perguntas sobre a história estimulando a interação entre todos.

AVALIAÇÃO

Espera-se que as crianças relatem suas experiências com o contato com a literatura infantil e conheçam as funções do QR.

RECURSOS DIDÁTICOS

- ✓ Google Meet ou Zoom
- ✓ Computador
- ✓ Internet
- ✓ Smartphone
- ✓ Livros de literatura infantil
- ✓ PPT

RELATO DESCRITIVO DA ATIVIDADE REALIZADA

REGISTRO DA ATIVIDADE:

Este encontro será gravado em vídeo.

- ✓ ROTEIRO DE DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: (Essa parte será elaborada em Libras pelo pesquisador após o término da atividade desenvolvida com as crianças). Nesse momento o pesquisador terá que colocar as suas impressões/opinião sobre:
 - ✓ quais foram as dificuldades do pesquisador no desenvolvimento da atividade
 - ✓ quais foram os pontos positivo da estratégia utilizada
 - ✓ quais foram as dificuldades das crianças para responder as perguntas elaboradas pelo pesquisador
 - ✓ que aspectos/ situação surpreendeu o pesquisador que gostaria de registrar

4º e 5º ENCONTRO - Contação de histórias pelas crianças com ajuda do pesquisador

IDENTIFICAÇÃO

Local: Remoto (plataforma *Zoom* ou *Meet*)

Duração: entre 1h e 1h30

Data: Janeiro/2022

Quantos participantes: 3 crianças

OBJETIVOS DO ENCONTRO

1. Apresentar e construir um glossário dos personagens da história;
2. Adaptar o QR para o uso funcional de acesso às características dos personagens da história lida;
3. Comparar as três apresentações das crianças promovendo a discussão sobre as diferentes maneiras apresentadas e os diversos materiais trazidos por elas.

5º ENCONTRO

4. Trazer reflexões sobre a história com a inserção do QR para explorar e conhecer as características dos personagens a partir do ponto de vista das crianças e como fizeram as apresentações.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO ENCONTRO

1. GLOSSÁRIO
2. TRABALHAR AQUI ESSA IDEIA
3. Cada uma das três apresentações trazidas para os colegas recebem um feedback do professor.
4. Discussões acerca das diferentes formas da apresentação de cada uma das crianças e as reflexões trazidas pelo professor.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Perguntar se gostaram de realizar essa atividade; o que mais gostaram; o que não gostaram; o que foi mais difícil; o que foi mais fácil; se os pais ajudaram; no que eles ajudaram?

AVALIAÇÃO

Espera-se que as crianças relatem suas experiências com o contato com a literatura infantil e conheçam as funções do QR.

RECURSOS DIDÁTICOS

- ✓ *Google Meet* ou *Zoom*
- ✓ Computador
- ✓ Internet
- ✓ Smartphone
- ✓ Livros de literatura infantil
- ✓ PPT

RELATO DESCRITIVO DA ATIVIDADE REALIZADA

REGISTRO DA ATIVIDADE:

Este encontro será gravado em vídeo.

- ✓ ROTEIRO DE DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: (Essa parte será elaborada em Libras pelo pesquisador após o término da atividade desenvolvida com as crianças). Nesse momento o pesquisador terá que colocar as suas impressões/opinião sobre:
 - ✓ quais foram as dificuldades do pesquisador no desenvolvimento da atividade
 - ✓ quais foram os pontos positivo da estratégia utilizada
 - ✓ quais foram as dificuldades das crianças para responder as perguntas elaboradas pelo

- pesquisador
✓ que aspectos/ situação surpreendeu o pesquisador que gostaria de registrar
6º ENCONTRO - Edição das histórias pelo pesquisador

IDENTIFICAÇÃO

Local: Remoto (plataforma *Zoom* ou *Meet*)
Duração: entre 1h e 1h30
Data: Janeiro/2022
Quantos participantes: 3 crianças

OBJETIVOS DO ENCONTRO

Edição da história narrada pelas crianças através do pesquisador (não tem criança neste dia- mas tem o plano de atividade para este dia).

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO ENCONTRO

Preparação e adaptação do livro em formato acessível em libras.
A obra escolhida será rediagramada em PDF para a inserção do QR code, esta obra também terá um glossário formulado a partir da aplicação do questionário com os participantes para a identificação dos nomes das personagens que aparecem no livro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Edição do vídeo das crianças e conversão em um link. Criação de um QR Code para acessar os vídeos.
Inserção do QR Code no livro e impressão em formato PDF. Envio dos livros impressos por correio para os participantes do estudo.

AVALIAÇÃO

Espera-se que as crianças relatem suas experiências com o contato com a literatura infantil e conheçam as funções do QR.

RECURSOS DIDÁTICOS

- ✓ Computador
- ✓ Internet
- ✓ Smartphone
- ✓ Livros de literatura infantil
- ✓ PDF
- ✓ QR Code
- ✓ PPT

RELATO DESCRITIVO DA ATIVIDADE REALIZADA

REGISTRO DA ATIVIDADE:

Este encontro será gravado em vídeo.

- ✓ ROTEIRO DE DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: (Essa parte será elaborada em Libras pelo pesquisador após o término da atividade desenvolvida com as crianças). Nesse momento o pesquisador terá que colocar as suas impressões/opinião sobre:
 - ✓ quais foram as dificuldades do pesquisador no desenvolvimento da atividade
 - ✓ quais foram os pontos positivo da estratégia utilizada
 - ✓ quais foram as dificuldades das crianças para responder as perguntas elaboradas pelo pesquisador
 - ✓ que aspectos/ situação surpreendeu o pesquisador que gostaria de registrar

ANEXO C – LIVRO





A MENINA NEGRA E COELHO BRANCO

Uma obra literária de:

GIOVANNA RAMPAZO

Ação Literária
Audiovisual
Inclusiva Infantil

PEQUENOS
À OBRA

www.pequenosaoobra.com.br



A Escritora e ilustradora da obra...

Me chamo Giovanna nasci em São Paulo no dia (10/01/2013). Filha de Geovane e Diane. Desde cedo sempre fui muito interessada sempre procurei aprender e alcançar meus objetivos, sempre lutei pelo o que quero. Curso (3º ano) no colégio (Rio Branco - Cotia).

Os orientadores...



Simone Ferreira
Idealizadora



Fátima Nascimento
Zine



Magno Rodrigues Faria
A Arte de contar
Histórias



GRUPO eBA
Disparadora Narrativas



Andrea Villalobos
Do Papel à Tela



Gabú Brito
Ilustração



Rôsangela Jorge
Dança



Nathália Novaes
Dança



Lucas Ramon (Nikinho)
Ilustração

A MENINA NEGRA E O COELHO BRANCO

Era uma vez uma menina linda, negra e alegre, se chamava Ana. Os olhos eram pretos iguais jabuticabas, cabelo enrolado com tereré. Muito simpática, gostava de aventuras, gostava de ser livre e era sonhadora.



A MENINA NEGRA E COELHO BRANCO

Numa tarde de sol muito quente Ana resolveu sair de casa para escolher frutas gostosas.

Caminhava, caminhava até achar frutas bem bonitas e gostosas e viu um coelho bem longe. Chegou perto do coelho e percebeu que ele estava chorando, e pensou:

- "Ué, por que o coelho está chorando?"



Curiosa, Ana perguntou:

- "Coelhinho, por que está chorando"?

O coelho respondeu:

- "Porque meus pais me abandonaram e sumiram, então não tenho família".

Ana ficou com pena do coelhinho e pensou como ajudar ele.



O coelho era branco doce meigo e macio, vivia no bosque verde com jardim colorido, cheio de flores coloridas e muitos animais, mas era um coelho triste que se chamava Neve.

Então a menina negra tão bondosa convida ele para ir a sua casa e o Neve aceitou.

- Vamos para minha casa? Perguntou Ana.

- Vamos sim. respondeu coelho. Caminharam até a casa da menina. Anoiteceu e todos foram dormir!



A MENINA NEGRA E COELHO BRANCO

Outro dia Neve acordou e saiu do quarto para procurar Ana.

E Encontrou uma família na cozinha e disse:

- "Nossa, você tem pele linda tão negra, que menina linda! A sua família também".

- Ah é verdade, muito obrigada.

O coelho perguntou:

- "Como você se chama?" Ana responde:

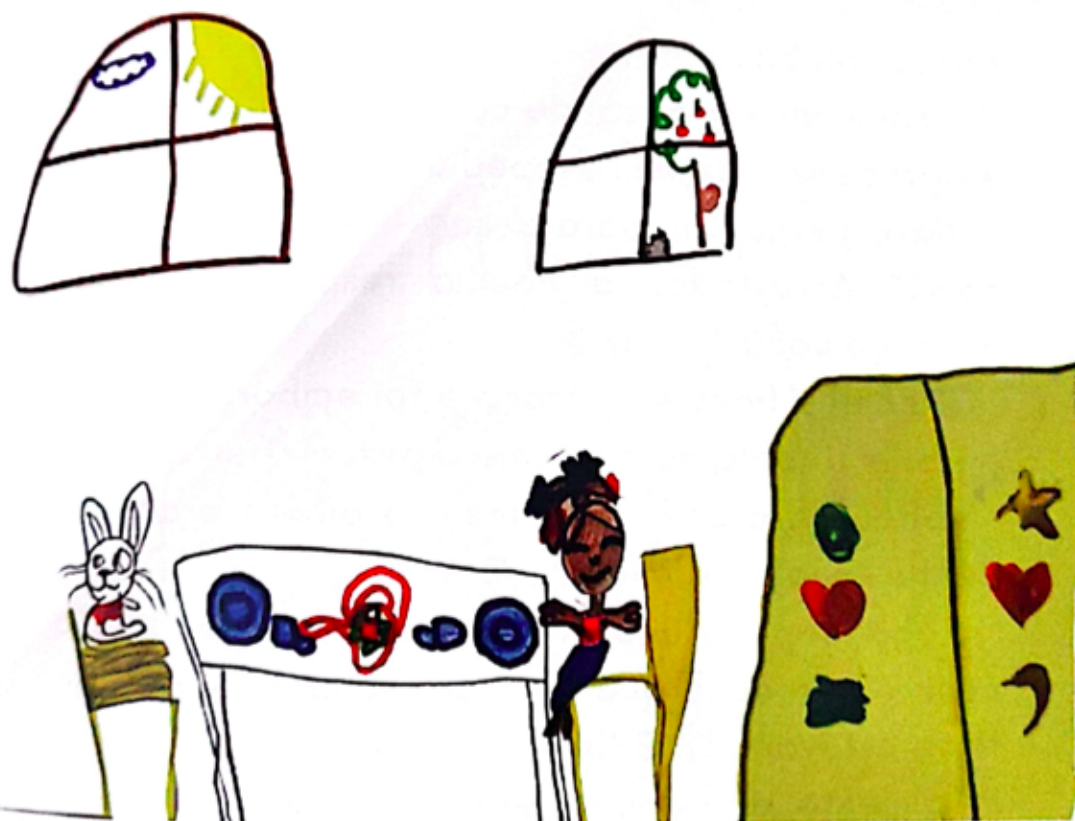
- "Meu nome é Ana".

Coelho:

- "E o meu é Neve".

Ana:

- "Prazer! Vem tomar café..."



A MENINA NEGRA E COELHO BRANCO

Foi a vez do Neve convidar Ana para brincar. Os dois saíram e entraram na floresta com jardim cheio de flores e muito colorido, os dois brincaram bastante.

O coelho viu um casal de coelhos, olhou para Ana e agradeceu, depois despediu.

Neve perguntou para casal: - "Vocês são meus pais?" Assustados a coelha respondeu: - "não conheço você."

O coelho ficou sem graça e foi embora.

Horas depois, sentiu fome e pescou peixes.

Voltou para casa, cozinhou os peixes e comeu. Sentiu sono e dormiu.

Logo depois, acordou assustado e viu a sua casa e percebeu que tudo era sonho! Os pais do Neve estavam ali. E Neve ficou feliz.

Finalmente, abraçou os pais tão forte.



Créditos:

Direção Geral e Curadoria
Simone Ferreira

Comissão - produção
Irenda Roque Oliveira
Gisele Aparecida Almeida
Nilson Augusto

Contação de História
Magna Rodrigues Faria

gRUPO 4SAI (Em Libras)
Amanda de Lima de Oliveira (Amanda Lioli)
Brunna Talita Rodrigues (Brunna Talita)
Livia Chaud Albano (Li Albano)
Nayara Rodrigues da Silva (Nay Rodrigues)
Mariana Campos - Produção - gRUPO 4SAI

Intérprete de LIBRAS
Fabiana Campos
Artur Hennrich

Oficina de Papel à Tela (Audiovisual)
Andrea Villalobos

Arte educadora
Tatiane Odelice (Libras)
Simone Ferreira

Pedagogo
Magna Rodrigues Faria
Jane R. dos Santos

Educador- Ilustrador
Gabu Brito
Luca Ramon (Tákinho)

Oficina de Zine
Fátima Nascimento

Live oficina de Dança
Nathália Naves
Rosângela Jorge dança, interpretação em libras

Assessoria de Imprensa e Redes Sociais
Supernova - Mariângela Carvalho
mgdigitalcomunicacao - Maria Gizele da Silva
Estela Silva

Criação de site
Nilson Augusto

Matteo Arte
Gabriel Santos
Barbara Sanches

Designer Gráfica
Gabu Brito (conceito visual)
Gabriel Santos
Simone Ferreira
Barbara Sanches

Streaming
Nilson Augusto

Editor
Nilson Augusto
Gisele Aparecida Almeida

Longa Metragem
Exibição (no site)
Filme "Guerreiros da Rua"
Erickson Marinho

Espectáculo
exibição (na live)
espetáculo "O Livro"
Circalartes

Canora
Graciana Camacho (live)

Mediador live
Magna Rodrigues

Agradecimentos
Sidneia da Cruz Silva, Murilo Vitorino, Tê Silva, Pedro Luiz, Jover Silva, Alex Sandra, Carla Borges, João Henrique, Claudia Regina, Ester Pires, Rafaela Reis, Cleber Martins
EMEBS Taboão (Escola Municipal de Educação Bilingue para Surdos), EMEF Heitor Villa Lobos, CES (Centro de Educação para Surdos Rio Branco), CAJEC (Casa José Eduardo Cavichio - apoio à criança com câncer), Ong Sementes do Amanhã - Diego Odakura, Secretaria municipal de educação de Taboão da Serra, Secretaria de Cultura e Turismo de Taboão da Serra, Prefeitura de Taboão da Serra

Apoios
Belina Filmes
Bremex
FAFALAG - Verlag | Editora
Dança Acessível

Produção
S.F.
Ideia7 produções

Realização
"Este projeto contemplado foi realizado com o patrocínio do edital de fomento à arte popular e a cultura urbana em Taboão da Serra, através da Secretaria de Cultura e Turismo"
Leir Aldir Blane

"Pequenos à Obra"
1ª Ação Literária e Audiovisual Infantil - 2021



**AÇÃO LITERÁRIA E
AUDIOVISUAL
INCLUSIVA INFANTIL**

"Este projeto contemplado foi realizado com o patrocínio do edital de fomento à arte popular e a cultura urbana em Taboão da Serra, através da Secretaria de Cultura e Turismo"

**Aldir
Blanc**

Realização:



Produção:



Apoios:





Prefeitura de
TABOÃO
da Serra